Universitat Ramon Llull

TESI DOCTORAL

Enfoque ecológico de los determinantes de la calidad del apego a los 36 meses: Contribuciones de los contextos parental, marital y familiar.

Realitzada per: **Marisa Costa Egito Fonseca**

en Facultat de Psicologia, Ciències de l'Educació i de l'Esport Blanquerna

i en el Departament de Psicología

Dirigida por: **Professora Doutora Isabel Soares**

(Escola de Psicologia - Universidade do Minho)

Co-dirigida por: **Professor Doutor Lluís Botella**

(Facultat de Psicologia, Ciències de l'Educació i de l'Esport - Universitat Ramon Llull)

Barcelona

2015

C.I.F. G: 59069740 Universitat Ramon Llull Fundació Privada. Rgtre. Fund. Generalitat de Catalunya núm. 472 (28-02-90)

C. Claravall, 1-3
08022 Barcelona
Tel. 936 022 200
Fax 936 022 249
E-mail: urlsc@sec.url.es
www.url.es

Resum

Les relacions de vincle tenen un paper crucial en el desenvolupament del nen, amb implicacions clares per al seu funcionament adaptatiu posterior. Donada la importància del període preescolar en l'adquisició d'habilitats sociocognitives i socioemocionals, és d'especial rellevància comprendre les contribucions dels diferents contextos de vida per a la seguretat de l'aferrament infantil en aquesta etapa de la vida.

Utilitzant el model ecològic de Belsky (1984), aquesta tesi doctoral va pretendre examinar la contribució dels contextos parental - a nivell de la *mind-mindedness* representacional del pare i de la mare -, i dels contextos marital i familiar - en termes de l'ajust diàdic/marital, suport social i conciliació treball/família- per la qualitat de la representació de la inclinació dels/les fills/es als 36 mesos. En aquest estudi es va utilitzar una mostra de baix risc, composta per 42 nens i els seus respectius pares i mares, de famílies intactes.

Els resultats no ha demostrat l'efecte de la *mind-mindedness* representacional dels progenitors en la representació de la inclinació dels/les fills/es. No obstant això, va posar en relleu la contribució de la cohesió diàdica/marital i dels beneficis inherents a la conciliació de treball i família percebuts per la mare (no pel pare) en la seguretat de l'aferrament del nen. El model de regressió logística binària va revelar tenir una bona capacitat predictiva, un poder de discriminació excepcional, classificant correctament el 82.1% de la mostra en termes de (in) seguretat de l'aferrament i presentant un 57.44% en la representació de la inclinació dels nen als 36 mesos d'edat. La cohesió diàdica/marital i els beneficis inherents a la conciliació del treball i de la família percebuts per la mare són variables determinants per a la qualitat de la representació de la inclinació dels nens als 36 mesos d'edat.

Resumo

A qualidade da vinculação desempenha um papel primordial no desenvolvimento da criança, com claras implicações no seu posterior funcionamento adaptativo. Dada a importância do período pré-escolar na aquisição de competências sociocognitivas e socioemocionais, é de particular relevancia compreender a contribuição de diferentes contextos de vida para a segurança da vinculação nesta etapa da vida.

À luz do modelo ecológico de Belsky (1984), pretendeu-se analisar a contribuição do contexto parental - ao nível da *mind-mindedness* representacional do pai e da mãe - e do contexto conjugal e familiar -, em termos de ajustamento diádico/conjugal, suporte social, e conciliação trabalho/família - para a qualidade da representação da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses de idade. No estudo recorreu-se a uma amostra de baixo risco, constituída por 42 crianças e respetivos pais e mães de famílias intactas.

A análise dos resultados não revelou qualquer efeito da *mind-mindedness* representacional dos progenitores na representação da vinculação dos/as filhos/as. No entanto, destacou-se a contribuição da coesão diádica/conjugal e dos benefícios inerentes à conciliação do trabalho e da família percepcionados pela mãe (mas não pelo pai) na segurança da vinculação da criança. O modelo de regressão logística binária revelou ter uma boa capacidade preditiva, um poder discriminante excecional, classificando corretamente 82.1% da amostra em termos de (in)segurança da vinculação explicando 57.44% da variancia na representação da vinculação das crianças aos 36 meses de idade. A coesão diádica/conjugal e os benefícios inerentes à conciliação do trabalho e da família percepcionados pela mãe influenciam a qualidade da representação da vinculação das crianças aos 36 meses de idade.

Resúmen

Las relaciones de apego desempeñan un papel crucial en el desarrollo del niño, con implicaciones claras para su funcionamiento adaptativo posterior. Dada la importancia del período preescolar en la adquisición de habilidades sociocognitivas y socioemocionales, es de especial relevancia comprender las contribuciones de los diferentes contextos de vida para la 'seguridad del apego infantil en esta etapa de la vida.

Utilizando el modelo ecológico de Belsky (1984), esta tesis doctoral pretendió examinar la contribución de los contextos parental - a nivel de la *mind-mindedness* representacional del padre y de la madre -, y de los contextos marital y familiar - en términos del ajuste diádico/marital, soporte social y conciliación trabajo/familia- para la calidad de la representación del apego de los/as hijos/as a los 36 meses. En este estudio se utilizó una muestra de bajo riesgo, compuesta por 42 niños y sus respectivos padres y madres, de familias intactas.

Los resultados no ha demostrado el efecto de la *mind-mindedness* representacional de los progenitores en la representación del apego de los/as hijos/as. No obstante, puso de relieve la contribución de la cohesión diádica/marital y de los beneficios inherentes a la conciliación de trabajo y familia percecionados por la madre (no por el padre) en la seguridad del apego del niño. El modelo de regresión logística binaria reveló tener una buena capacidad predictiva, un poder de discriminación excepcional, clasificando correctamente el 82.1% de la muestra en términos de (in)seguridad del apego y presentando un hecho de 57.44% en la representación del apego de los niño a los 36 meses de edad. La cohesión diádica/marital y los beneficios inherentes a la conciliación del trabajo y de la familia percecionados por la madre son variables determinantes para la calidad de la representación del apego de los niños a los 36 meses de edad.

Abstrat

Attachment relations has a crucial role in childôs development with a significant impact in his/her future adaptive functioning. Given the importance of the preschool years for the acquisition of social-cognitive and socio-emotional competences, it is of special relevance to understand the contributions from distinct life contexts for the childô security of attachment at this period of life.

Using Belskyôs ecological model (1984), the present doctoral dissertation aimed to examine the contributions from the parental context ï based on fathersô and mothersô mind-mindedness representations ï, and from the marital and familial contexts ï in terms of the marital adjustment, social support, and the conciliation between work and family ï to their childrenôs quality of attachment representation at 36 months of age. The participants were 42 children and their fathers and mothers, from intact and low-risk families.

The results did not show an effect of parentsô representational mind-mindedness in the quality of their sonsô and daughtersô attachment representation. However, a significant contribution of the marital cohesion and the inherent benefits of the conciliation between work and family, as perceived by the mother (but not by the father), for the childôs security of attachment was found. Binary logistic regression modelling proved to have a good predictive capacity by correctly classifying 82.1% of the sample in terms of (in)security of the attachment, and explaining 57.44 if variance in chidôs attachment representation at 36 months of age. Thus, the marital cohesion and the inherent benefits of the conciliation between work and family, as perceived by the mothers, influence the quality of their childrenô s attachment representation at 36 month of age.

Agradeço…

À Professora Doutora Isabel Soares o ser uma base segura e um porto de abrigo há mais de 20 anos. Pelo impulso ao meu desenvolvimento enquanto psicóloga e investigadora. Pelo que contribuiu para a construção da minha identidade. Por acompanhar as construções e reconstruções do meu percurso de vida. Pela exigência de rigor e de aperfeiçoamento em todo o processo de orientação científica desta dissertação. O ter respeitado o tempo que levou a minha reorganização, a tolerância e a grande paciência. As metas conquistadas.

Ao Professor Doutor Luís Botella, co-diretor desta dissertação, por me ter acolhido no Grupo de Investigação sobre Construtivismo e Processos Discursivos e ter aderido ao desafio de co-orientar uma tese à distância (com todas as dificuldades inerentes). Para além do seu saber, sem a sua confiança, disponibilidade, pragmatismo e flexibilidade seria muito mais difícil ter terminado esta dissertação.

À Professora Doutora Carla Martins, pela minha integração no projeto longitudinal no âmbito do qual se desenvolveu o estudo empírico da presente dissertação. A clareza e simplicidade com que me guiou na descoberta da estatística. O rigor científico e processual, a assertividade e o afeto com que geriu a equipa constituíram verdadeiros momentos de aprendizagem. Os momentos de partilha e amizade.

Às famílias que participaram neste estudo, a disponibilidade para partilharem o seu tempo e aderirem aos procedimentos de recolha de dados, sem elas este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao Professor Doutor Oscar Gonçalves por me ter orientado para a Faculdade Blanquerna da Universidade Ramon Llull, e pela iniciação nos caminhos das narrativas.

Ao Professor Doutor Jordi Segura, enquanto coordenador dos programas de doutoramento, a forma gentil e concisacom que respondeu a todas as dúvidas, orientou o processo, deu sugestões relevantes e agilizou comunicações.

Ao Professor Doutor Octavi Fullat pelo desafio epistemológico.

Ao secretariado académico o profissionalismo. A Maria Mercè Rodon Mestre e a Marta Batalla Saborit a disponibilidade para ouvir e para encontrar soluções ï foram um verdadeiro agente facilitador. Ao secretariado do doutoramento o apoio ao processo administrativo por parte da Verònica Lara Durà.

À equipa de investigação do projeto longitudinal a seriedade do trabalho desenvolvido, à Paula Castiajo e Ana Osório pela sua disponibilidade e satisfação em ajudar-me a ultrapassar os obstáculos que encontrei.

Ao Grupo de estudos de vinculação a capacidade de trabalho, o investimento pessoal e profissional conjunto, pelo crescimento em torno da investigação, as gargalhadas e até pela greve no aeroporto! Pelos la-os criados que perduraram é Maria Jo«o, Susana Tereno, V©nia Lima é

À Carla Faria e ao Pedro Dias pelo exemplo de trabalho, perseverança, generosidade e conquista de objetivos. Pela partilha das dúvidas, angústias e sucessos. Por terem sempre disponibilidade, apesar de uma agenda cheia, e com simplicidade afirmarem que os amigos são mesmo assim.

À Manuela e Orlando pelos desafios que passamos, pelas vitórias, pelas reconstruções, pelo que crescemos juntos. Por estarem sempre nas minhas fotografias e nas minhas memórias. Pela amizade e estima que sinto como incondicional.

À Teresa pela autenticidade, serenidade e descomplicações, pelas conversas onde o tudo e o nada são igualmente importantes.

À Jacinta pelos reencontros, pelo respeito à diferença.

À Anabela, ao Diamantino e à Isabel pelas discussões sérias que temos a brincar, pelo desejo de estarmos juntos mais vezes, pelo ñera uma vezò é

Á minha família pela confiança, carinho e apoio constante.

Ao meu pai por ter incentivado o gosto pela leitura e por acreditar sempre que serei capaz.À minha tia pelo encorajamento. À Paula e ao Cláudio pelos momentos partilhados, pelas histórias que fizemos juntos. À Sandra, ao Nuno e ao António pelo reencontro e pela história que ainda podemos fazer.

Ao Mohammad pelo respeito e apoio. Por neste ultimo ano ter condicionado todos os projetos ao ritmo da evolução desta dissertação. Por me dar o Sol e a Lua. Pelas caminhadas por ruas e calçadas, por montanhas e vales. Pelos passos partilhados e degraus alcan-ados é .

Pelo que ainda está por construir.

Lista de abreviaturas

ASCT - *Attachment Story Completion Task*,

FV - Figura de vinculação

FA - Figura de apego

SCE - Sistema comportamental exploratório

SCPC - Sistema comportamental de prestação de cuidados

SCV - Sistema comportamental de vinculação

MM - *Mind-Mindedness*

NSE - Nível socioeconómico

MID - Modelos internos dinâmicos

MIO - Modelos internos operantes

OR - Odds Ratio

Índice

1 Fundamentos concetuais da Teoria da Vinculação 3
1.1 Relação de vinculação e comportamento de vinculação 4
1.2 Sistemas comportamentais 6
1.2.1 Sistema comportamental de vinculação 7
1.2.2 Sistema de prestação de cuidados e sistema exploratório 9
1.3 Modelos internos dinâmicos da vinculação 11
2 A vinculação na infância 17
2.1 Fases de desenvolvimento 17
2.2 Diferenças individuais na organização dos comportamentos de vinculação 22
2.3 Do nível interacional ao nível representacional 27
2.4 Implicações da qualidade da vinculação precoce no desenvolvimento ao longo da infância 29
3 Determinantes da segurança da vinculação da criança aos 36 meses 33
3.1 Contexto parental: *mind-mindedness* 34
3.1.1 Avaliação da mind-mindedness 38
3.1.2 *Mind-mindedness* dos pais e das mães 40
3.1.3 Implicações da *mind-mindedness* parental para o desenvolvimento da criança 42
3.2 Contexto conjugal 45
3.2.1 Contexto conjugal e qualidade da parentalidade 47
3.2.2 Contexto conjugal e qualidade da vinculação das crianças 50
3.2.3 Contexto conjugal, qualidade da parentalidade e qualidade da vinculação das crianças 53
3.3 Contexto familiar 55
3.3.1 Contexto familiar: suporte Social 56
3.3.1.1 Suporte social e qualidade da parentalidade 57

3.3.1.2 Suporte Social e qualidade da vinculação das crianças 61

3.3.1.3 Suporte Social, qualidade da parentalidade e qualidade da vinculação das crianças 63

3.3.2 Contexto familiar: actividade profissional 64

3.3.2.1 Contexto profissional e contexto parental 66

3.3.2.2 Contexto profissional e qualidade da vinculação da criança 69

3.3.2.3 Contexto profissional, qualidade da parentalidade e qualidade da vinculação da criança 71

4 Objetivos e método 75

4.1 Objetivos e hipóteses 75

4.2 Método 76

4.2.1 Participantes. 76

4.2.2 Medidas. 78

4.2.2.1 Contexto parental: mind-mindedness representacional. 79

4.2.2.2 Contexto conjugal: ajustamento diádico/conjugal. 81

4.2.2.3 Contexto familiar: suporte social. 82

4.2.2.4 Contexto familiar: conciliação trabalho/família 82

4.2.2.5 Representação da vinculação da criança aos 36 meses de idade. 83

4.2.2.1 Competência verbal da criança 87

4.3 Procedimento de recolha de dados 88

5 Apresentação de resultados 91

5.1 Contextos parental, conjugal e familiar 92

5.1.1 Contexto parental: *mind-mindedness* representacional. 92

5.1.2 Contexto conjugal: ajustamento diádico/conjugal. 93

5.1.2.1 Ajustamento diádico/conjugal e mind-mindedness representacional. 94

5.1.3 Contexto familiar: suporte social. 95

5.1.3.1 Suporte social e mind-mindedness representacional. 95

5.1.3.2 Suporte social e ajustamento diádico/conjugal. 96

5.1.4 Contexto familiar: conciliação trabalho/família. 97

5.1.4.1 Conciliação trabalho/família e mind-mindedness representacional. 98

5.1.4.2 Conciliação trabalho/família e ajustamento diádico/conjugal. 98

5.1.4.3 Conciliação trabalho/família e suporte social. 99

5.2 Representação da vinculação da criança aos 36 meses 100

5.3 Impacto direto das variáveis dos contextos parental, conjugal e familiar na representação da vinculação da criança aos 36 meses 101

5.3.1 Impacto das variáveis do contexto parental (*mind-mindedness* representacional) na representação da vinculação. 103

5.3.2 Impacto das variáveis do contexto conjugal (ajustamento diádico) na representação da vinculação. 104

5.3.3 Impacto das variáveis do contexto familiar (suporte social) na representação da vinculação. 109

5.3.4 Impacto das variáveis do contexto familiar (conciliação trabalho/família) na representação da vinculação. 110

5.3.5 Impacto da perceção da mãe da coesão diádica (contexto conjugal) e dos benefícios da conciliação trabalho/família (contexto familiar) na representação da vinculação da criança 114

5.3.6 Síntese 116

5.4 Impacto indireto das variáveis dos contextos parental, conjugal e familiar na representação da vinculação da criança aos 36 meses 118

5.4.1 Modelo mediador 119

5.4.2 Modelo moderador 121

5.5 Contribuição cumulativa das variáveis dos contextos parental, conjugal e familiar, enquanto fatores de risco e proteção, para a representação da vinculação da criança 123

6 Discussão de Resultados 127

7 Conclusão 139

7.1 Limitaciones e implicaciones para futuras investigaciones 142

7.2 Implicaciones para la práctica clínica 144

8 Referências Bibliográficas 147

Índice de Figuras

Figura 1 120

Modelo mediador

Figura 2 121

Modelo moderador

Índice de Tabelas

Tabela 1.....77
Habilitações académicas dos pais e das mães

Tabela 2.....77
Nível socioeconómico familiar

Tabela 3.....78
Medidas de avaliação, objetivos e participantes

Tabela 4.....92
Medidas descritivas referentes à *mind-mindedness* representacional

Tabela 5.....93
Medidas descritivas referentes ao ajustamento diádico/conjugal

Tabela 6.....93
Correlações entre o ajustamento diádico/conjugal e as variáveis sociodemográficas

Tabela 7.....94
Correlações do ajustamento diádico/conjugal

Tabela 8.....95
Correlações entre o ajustamento diádico/conjugal e *mind-mindedne*ss representacional

Tabela 9.....95
Medidas descritivas referentes ao suporte social

Tabela 10.....96
Correlações entre suporte social e *mind-mindedne*ss representacional

Tabela 11.....96
Correlações entre suporte social e ajustamento diádico/conjugal

Tabela 12.....97
Medidas descritivas referentes à conciliação trabalho/família

Tabela 13.....97
Correlações entre a conciliação trabalho/família e as variáveis sociodemográficas

Tabela 14.....98
Correlações da conciliação trabalho/família

Tabela 15.....98
Correlações entre conciliação trabalho/família (conflito, constrangimentos, benefícios) e *mind-mindedne*ss representacional

Tabela 16.....99
Correlações entre conciliação trabalho/família e ajustamento diádico/conjugal

Tabela 17.....100
Correlações entre conciliação trabalho/família e suporte social

Tabela 18.....100
Distribuição da representação da vinculação da criança por sexo

Tabela 19.....103

Médias e desvios-padrão da *mind-mindedness* representacional em função da representação da vinculação da criança

Tabela 20.....104
Regressão logística: impacto da *mind-mindedness* representacional na representação da vinculação da criança

Tabela 21.....105
Médias e desvios-padrão do ajustamento diádico/conjugal em função da representação da vinculação da criança

Tabela 22.....105
Regressão logística: impacto do ajustamento diádico global na representação da vinculação da criança

Tabela 23.....106
Regressão logística: impacto do consenso, satisfação e coesão diádica/conjugal na representação da vinculação da criança

Tabela 24.....109
Médias e desvios-padrão do suporte social em função da representação da vinculação da criança

Tabela 25.....109
Regressão logística: impacto do suporte social na representação da vinculação da criança

Tabela 26.....110
Médias e desvios-padrão do conflito, constrangimentos e benefícios inerentes à conciliação trabalho/família em função da representação da vinculação da criança

Tabela 27.....111
Regressão logística: impacto do conflito inerente à conciliação trabalho/família na representação da vinculação da criança

Tabela 28.....112
Regressão logística: impacto dos constrangimentos e benefícios inerentes à conciliação trabalho/família na representação da vinculação da criança

Tabela 29.....115
Regressão logística: impacto da coesão diádica/conjugal e dos benefícios inerentes à conciliação trabalho/família percecionados pela mãe na representação da vinculação da criança

Tabela 30.....122
Regressão logística: análise de um modelo moderador

Tabela 31.....123
Medidas descritivas referentes ao total de factores de risco associados ao pai e à mãe

Tabela 32.....124
Médias e desvios-padrão do total de riscos associados ao pai e à mãe em função da representação da vinculação da criança

Tabela 33.....124
Regressão logística: efeito do total de riscos associados ao pai e do total de riscos associados à mãe na representação da vinculação da criança

Introdução

Comprender el origen y el desarrollo del funcionamiento socioemocional del ser humano viene siendo uno de los objetivos centrales de la Psicología del Desarrollo, para el que la contribución de la teoría del apego tiene resultado fundamental. La importancia de la calidad de la prestación de cuidados por la(s) figura(s) de apego (FA) para el desarrollo del niño está largamente demostrada, y su contribución para las diferencias individuales en la calidad del apego es uno de los supuestos empíricamente validados de la Teoría del Apego (Bowlby, 1969/1982, 1973/1979, 1980).

En el entorno de las experiencias relacionales del niño con sus figuras de apego se va construyendo un modelo interno operante (MIO) que se define como un sistema de reglas que, al permitir o limitar el acceso al conocimiento de sí mismo, de la FA y de la relación de sí mismo con los otros, eso se refleja en la organización representacional del pensamiento y del lenguaje y en su comportamiento hacia otros y hacia las tareas del desarrollo.

Desde el punto de vista evolutivo, la etapa preescolar es un momento notable del desarrollo sociocognitivo con la aparición de la capacidad para entender y atribuir estados mentales - deseos, cogniciones, creencias y emociones - a sí mismo y a los demás (e.g., Astington & Barriault, 2001). A partir de los tres años los niños empiezan a integrar la conciencia de sí mismos como únicos y autónomos, distinguen los objetos de los pensamientos que formulan acerca de estos, predicen las acciones de los demás teniendo en cuenta lo que piensan, y comienzan a utilizar t®rminos cognitivos como ñsaberò, "pensarò y ñrecordarò, lo que expresa una complejidad cognitiva m§s amplia (e.g., Astington & Barriault, 2001).

Las competencias que surgen con la toma de perspectiva del otro y con la negociación interpersonal permiten el desarrollo de una relación corregida por objetivos con la(s) FA, en la que las diadas (FA/niño) renegocian nuevas formas del niño, simultáneamente, atingir el objetivo principal del sistema de vinculación (protección y sensación de seguridad) y aumentar los comportamientos de exploración y autonomía (e.g., Cicchetti, Cummings, Greenberg, & Marvin, 1990). El hecho de que el niño es capaz de deducir los sentimientos y objetivos de la FA, permite concertar sus comportamientos y objetivos con los de la FA, así como intentar influir los objetivos de esta. Estos cambios de desarrollo requieren cambios en el sistema parental y familiar.

Los estudios longitudinales nos vienen enseñando que los niños que desarrollan un apego seguro con sus cuidadores en los primeros años de vida tienen, a continuación, un funcionamiento adaptativo superior a nivel emocional, social y cognitivo, así como una mayor capacidad de resiliencia en comparación con los niños con un apego inseguro (e.g., Fearon, Bakermans-Kranenburg, van IJzendoorn, Lapsley, & Roisman, 2010; Main, Hesse, & Kaplan, 2005; Sroufe, 2005).

Teniendo la calidad del apego un papel clave en el desarrollo del niño, con implicaciones claras en su funcionamiento adaptativo posterior, y siendo el período preescolar un hito en la adquisición de habilidades sociocognitivas y socioemocionales, es importante examinar cómo se mantiene y desarrolla la (in)seguridad del apego en esta etapa de la vida.

En el modelo ecológico de los determinantes de la parentalidad presentado por Belsky (1984), la calidad del apego del niño dependería de cuatro áreas, incluyendo las características individuales del niño, las características individuales de los padres, la calidad de la parentalidad y de factores contextuales, como la relación de pareja, el apoyo social y la actividad profesional de los padres. En este modelo, la calidad de la parentalidad presentaría un impacto directo en la calidad del apego de los/as hijos/as, y las variables contextuales tendrían un impacto indirecto a través de la calidad de la parentalidad. En 1996, Belsky añade que es importante tener en consideración el impacto de las variables de las diferentes áreas como factores de estrés y apoyo, siendo importante analizar el equilibrio entre estos. La inseguridad del apego de un niño ocurriría más probablemente cuando las variables que actúan como factores de estrés (e.g., temperamento difícil, conflicto conyugal) no se compensasen por el impacto de las variables que actúan como factores de protección (e.g., alto apoyo social, seguridad del apego de los padres). En esta línea, el presente estudio tiene como objetivo examinar el papel del contexto parental, en términos de calidad de la *mind-mindedness* representacional del padre y de la madre, del contexto conyugal a nivel del ajuste diádico/conyugal y del contexto familiar a través del apoyo social y de la conciliación trabajo/familia percibidos por el padre y por la madre, en la calidad del apego de los/as hijos/as a los 36 meses.

1 Fundamentos concetuais da Teoria da Vinculação

A Teoria da Vinculação alicerçou-se na integração de conceitos provenientes da psicanálise, da etologia e do processamento de informação, construindo desse modo uma nova matriz de leitura, coerente e empiricamente testável, do comportamento social e do desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Enfatizando a dimensão relacional do desenvolvimento psicológico, o indivíduo é considerado um sistema integrado dos domínios cognitivo, comportamental e emocional, que interagem entre si e com o ambiente, em constante mudança e evolução (Rothbard & Shaver, 1994).

John Bowlby (1907-1990) e Mary Ainsworth (1913-1999), clínicos e investigadores, tiveram um papel preponderante na construção da que é hoje conhecida como a Teoria da Vinculação. Bowlby ocupa um lugar incontestável, tendo concetualizando esta nova abordagem ao longo de todo o ciclo de vida do ser humano (Bowlby, 1969/1982, 1973/1979, 1980). O contributo de Ainsworth prende-se com a criação do paradigma laboratorial da Situação Estranha (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978), que permitiu a validação empírica dos postulados da Teoria de Bowlby no que concerne à primeira infância.

Bowlby ressaltou a necessidade do ser humano em estabelecer vínculos ao longo do ciclo de vida e a importância das relações afetivas precoces. A primeira relação que o indivíduo estabelece com o mundo ocorre através de um vínculo emocional com a(s) figura(s) cuidadora(s), nos primeiros anos de vida. É no contexto desta matriz relacional, e a partir dela, que o indivíduo se vai conhecendo, e vai conhecendo o mundo e os outros (Soares, 1996a).

As experiências relacionais no contexto das relações de proximidade da figura cuidadora/criança, possibilitam o desenvolvimento progressivo de um conjunto de conhecimentos, atribuições e expectativas: sobre (1) a figura de vinculação (FV), disponibilidade e capacidade para responder de modo consistente aos apelos de apoio e de proteção da criança; e sobre (2) o *self*, capacidade para elicitar, nos outros, respostas adequadas aos seus apelos de proteção e para ser reconhecido pelo seu valor pessoal (Bowlby, 1969/1982). Estas experiências relacionais são organizadas internamente como

representações generalizadas sobre o *self*, as figuras de vinculação e as relações, dando lugar aos modelos internos dinâmicos (MID) de vinculação (Soares, 2002).

Os modelos internos dinâmicos da vinculação são concebidos como fornecendo regras e sistemas de regras, não apenas para a orientação dos comportamentos e dos sentimentos, mas também para a direção da atenção, da memória e da cognição relacionados com a vinculação (Soares, 2007). Ao permitirem ou limitarem o acesso a certas formas de conhecimento relativas ao *self*, à FV e à relação do *self* com a FV, os modelos internos dinâmicos refletem-se na organização representacional do pensamento e da linguagem.

Neste quadro teórico, é assumido o pressuposto de que as experiências afetivas vividas na família com as primeiras figuras significativas estão intimamente relacionadas com a capacidade de o indivíduo, ao longo do seu ciclo de vida, desenvolver e manter relações com os pares, em relações amorosas e de amizade e, mais tarde, com os próprios filhos. Contudo, este aspeto não é visto de forma determinista, já que ao longo do ciclo de vida o indivíduo tem oportunidades de reconstruir os modelos elaborados na infância (e.g., Grossmann, Grossmann, Winter, & Zimmermann, 2002).

1.1 Relação de vinculação e comportamento de vinculação

Numa comunidade científica subordinada à teoria psicanalítica, Bowlby mostrou-se descontente com a análise vigente da relação figura cuidadora/criança, onde era enfatizada a natureza do laço libidinal em detrimento da relação de vinculação. Recorrendo aos contributos de um conjunto de áreas científicas em desenvolvimento (nomeadamente da etologia, com os estudos de Konrad Lorenz com patos e gansos sobre o *imprinting*, a perpetiva evolutiva de Darwin e a teoria genética da seleção natural de Williams), construiu um conjunto de conceitos que possibilitaram o enquadramento da problemática dos efeitos da privação materna no contexto de uma relação de proximidade com uma figura adulta da mesma espécie, que denominominou de relação de vinculação.

Nesta linha, Bowlby ressaltou o primeiro ano de vida como primordial para o estabelecimento progressivo de uma relação privilegiada entre a criança e um adulto específico. Identificou, na criança, comportamentos específicos da espécie humana, diferenciando comportamentos de aproximação (chupar, agarrar, seguir) e

comportamentos de sinalização (sorrir, chorar), cuja função é promover a ligação criança/figura cuidadora. Na dinâmica desta relação interativa distinguem-se dois papéis assimétricos e complementares: a procura de cuidados por parte da criança, tendo por objetivo a satisfação das suas necessidades de segurança e proteção, e a prestação de cuidados por parte do adulto que se espera disponível e eficiente na resposta às solicitações da criança (Soares, 1996).

Neste âmbito, introduz o conceito de comportamento de vinculação cuja função constituiria a obtenção da proteção da criança (e em termos latos a sobrevivência da espécie) sendo o resultado esperado o estabelecimento de proximidade com um adulto específico (fonte de proteção e segurança). Estes comportamentos específicos teriam por objetivo a construção de uma relação afetiva (relação de vinculação) com uma determinada figura (figura de vinculação).

A relação entre criança/FV contempla diferentes dimensões, estando a prestação de cuidados intimamente relacionada com a função de proteção, imprescindível para o desenvolvimento da vinculação (Ainsworth, 1985).

Sendo o objetivo do comportamento de vinculação a obtenção de proteção face ao perigo, o conteúdo de uma relação de vinculação está centrado na regulação da segurança. Segundo Ainsworth (1985), a relação de vinculação diferencia-se das demais ligações afetivas por simultaneamente: (a) ser persistente e duradoura; (b) envolver duas figuras específicas (figura vinculada e figura de vinculação); (c) ser emocionalmente significativa; (d) existir o desejo, por parte da figura vinculada, de manter a proximidade com a FV (o nível de proximidade varia em função da idade, do estado do indivíduo, das condições do próprio meio); (e) a figura vinculada experienciar perturbação face a uma situação de separação involuntária e, sobretudo, quando deseja a proximidade com a FV e, não é possível; (f) a figura vinculada procura na FV segurança e conforto.

Uma criança estar vinculada a um adulto significa que, em situações determinantes para a vinculação (nomeadamente quando está magoada, fragilizada ou doente), vai procurar proximidade com uma figura específica ï a FV. A predisposição da figura vinculada para procurar a proximidade da FV, é apresentada como um atributo estável da criança não sendo afetado por situações específicas (e.g., um castigo dado pela FV). A relação de vinculação, uma vez estabelecida, tende a persistir, a ser duradoura, no sentido em que lança pontes sobre o tempo e o espaço (Soares, 1996, p. 38). Já o

comportamento de vinculação, ou seja qualquer uma das formas de comportamento que a criança adota para conseguir e/ou manter uma determinada proximidade com a FV, pode ser manifestado de forma intermitente e está dependente das condições situacionais (Soares, 1996). A ressalvar, contudo, que a intensidade do comportamento de vinculação não reflete a força/qualidade da relação de vinculação (Cassidy, 2008).

Para Bowlby a relação de vinculação serviria funções de natureza ontogenética e filogenética, através da utilização de sistemas comportamentais biologicamente determinados para a promoção da proximidade (Dias, 2007).

1.2 Sistemas comportamentais

Alicerçando-se na etologia, Bowlby desenvolve o conceito de sistemas comportamentais. Os sistemas comportamentais são constituídos por regras que definem a seleção, ativação e cessação de comportamentos específicos em função do estado interno do individuo e do contexto (Marvin & Britner, 2008).

Soares (2001, p. 78) sistematizou os princípios dos sistemas comportamentais definidos por Bowlby (1969/1982) e mais tarde por Cassidy (1999): 1) contemplam comportamentos que estão coordenados para atingir um objetivo específico e uma função adaptativa, que se estendem por longos períodos de tempo; 2) envolvem a progressiva integração de comportamentos em sequências comportamentais cada vez mais complexas e sofisticadas, que se tornam funcionais ao longo do tempo como resultado da interação organismo-ambiente; 3) corrigem-se em função do objetivo, isto é, os comportamentos necessários para atingir um objetivo ajustam-se de modo flexível, em função das condicionantes ambientais e do desenvolvimento do indivíduo; 4) são ativados e desativados por sinais internos (indivíduo) e por sinais externos (contexto); 5) são guiados, ao nível biológico, por um sistema de retroação que monitoriza os sinais internos (atividade do sistema nervoso central, hormonas) e os sinais externos, levando ao aumento ou diminuição da ativação do sistema; 6) relacionam-se e interagem com outros sistemas comportamentais; 7) estão organizados e integrados em sistemas de controlo cognitivo específicos.

Bolwby (1969/1982) destacou que os diferentes sistemas comportamentais, tinham como primeiro e último objetivo, a sobrevivência e a procriação da espécie. A operacionalidade destes sistemas assume expressões diferenciadas ao longo da trajetória

de desenvolvimento humano, de acordo com a progressiva evolução cognitiva e emocional dos indivíduos, possibilitando organizações cada vez mais complexas dos próprios sistemas comportamentais.

1.2.1 Sistema comportamental de vinculação

A Teoria da Vinculação conceptualiza um conjunto de asserções transversais ao contexto biológico e evolutivo, ao reconhecer as bases biológicas da vinculação e o seu desenvolvimento filogenético. A predisposição biológica da espécie humana para estabelecer laços de vinculação (relação de vinculação) com um adulto específico (figura de vinculação) representou para Bolwby uma estratégia adaptativa ao serviço da sobrevivência do indivíduo e da espécie. O bebé nasce biologicamente dotado de um sistema comportamental, designado sistema comportamental de vinculação (SCV) que lhe permite solicitar a acessibilidade e responsividade por parte da figura de vinculação face à perceção de sinais de perigo (interno/externo, físico/psicológico). A vinculação apresenta-se, assim, como um sistema de controlo comportamental, ou seja, um sistema que organiza e orienta os comportamentos ou atividades para atingir determinados objetivos estabelecidos, que tiveram valor de sobrevivência e uma função adaptativa em termos de evolução (Bowlby, 1969/1982). O objetivo do sistema de vinculação é o de manter a proximidade da figura fornecedora de cuidados e a sua função é a de garantir a segurança e proteção dos perigos da predação, aumentando a probabilidade de sobrevivência (West & Sheldon-Keller, 1994) do indivíduo imaturo (ou fragilizado) e, consequentemente, a continuidade da espécie ao longo das gerações. Nesta dinâmica relacional interativa distinguem-se dois papéis assimétricos e complementares: a procura de cuidados por parte do bebé (tendo por objetivo a satisfação das suas necessidades de segurança e proteção) e a prestação de cuidados por parte do adulto que se mostra disponível e responsivo na resposta às solicitações da criança (Soares, 1996).

A relação de vinculação assume, nesta fase do ciclo vital, claramente uma função de proteção. A regulação do SCV, isto é, a manutenção dos limites de proximidade e de acessibilidade com a FV implica a existência de uma organização representacional de comportamentos de vinculação colocada em ação em resposta a determinados sinais internos e/ou externos (Bowlby, 1969/1982) percecionados como ameaçadores. A regulação do SCV é feita com base na interação do sujeito com o meio (interno e/ou

externo) e é a partir da avaliação subjetiva das circunstâncias do meio e do seu confronto com o critério de segurança percebida que resulta a intensidade de ativação do sistema (Ainsworth, 1989). Assim, o SCV responde às alterações contextuais, integra a informação sobre os objetivos estabelecidos e ajusta os comportamentos específicos de forma a obter a proximidade necessária para a obtenção de segurança (Bowlby, 1969/1982).

O SCV é ativado apenas em determinadas condições ï ambiente não familiar, cansaço, medo, doença, fome e indisponibilidade ou não responsividade da figura de vinculação; e a intensidade da ativação é diminuída unicamente por outras condições específicas ï ambiente familiar, disponibilidade e responsividade imediata de uma FV. No entanto, quando o SCV se encontra fortemente ativado, a diminuição da sua intensidade pode implicar um comportamento ativamente tranquilizante da parte da FV (Bowlby, 1980), como tocar, agarrar, abraçar.

Na primeira formulação do SCV, Bowlby (1969), intimamente influenciado pelos contributos da teoria dos sistemas de controlo, comparou o seu funcionamento a um termóstato: ligando (aproximando-se da FV) e desligando (afastando-se da FV) conforme a temperatura desejada (necessidade de proximidade face à perceção de sinais de perigo). Em 1973, na redefini-«o do SCV, Bowlby substitui a ideia de ñ*on/off*ò, por n²veis de intensidade de ativação: perante a perceção de perigo, a intensidade da ativação do SCV aumenta; com a proximidade da FV e consequente sensação de conforto/segurança, a intensidade da ativação do SCV diminui.

O SCV ao longo da infância, através de sucessivas reconstruções, vai evoluindo progressivamente. Nos primeiros meses de vida, a organização comportamental é constituída por comportamentos diferenciados, desenvolvidos em função do objetivo estabelecido: a proximidade com a figura materna é estabelecida através de comportamentos de sinalização (chorar, palrar, sorrir) cujo objetivo é trazer essa figura para junto da criança, ou por comportamentos de aproximação (agarrar, procurar, seguir) cujo objetivo é conduzir a criança até à figura materna. No final do primeiro ano de vida, a organização comportamental já é realizada através de sistemas comportamentais mais sofisticados, que possibilitam (re)ajustamentos progressivos em função dos resultados que vão sendo atingidos e dos objetivos que vão sendo definidos (Soares, 2002).

Ao longo do crescimento da criança, verifica-se que a intensidade da ativação do sistema de vinculação vai diminuindo relativamente às condições que outrora o fariam

ativar a um nível elevado. Bowlby identificou o terceiro ano de vida, por fatores maturacionais, como um marco importante na transição para um sentimento de maior segurança perante a ausência da mãe e na presença de outras figuras. A partir desta idade, a intensidade da ativação do sistema de vinculação não aumenta com tanta facilidade. O indivíduo vai dispondo de um leque cada vez maior de possibilidades que o tranquilizam perante situações potencialmente ameaçadoras, fazendo assim diminuir a intensidade da ativação do sistema. O recurso ao simbólico (e.g., fotografias, cartas, objetos ou recordações) permite a proximidade da FV na ausência física desta.

Há uma crescente flexibilização na utilização de comportamentos para alcançar o objetivo de proximidade com a FV, que Cassidy (1999) considerou poder ser analisada a dois níveis: (1) a criança pode manter uma organização representacional interna estável do sistema comportamental de vinculação em relação à FV ao longo do tempo e dos contextos, mesmo que os comportamentos específicos de vinculação possam variar; ou (2) esta possibilidade de utilizar uma variedade de comportamentos permite uma resposta flexível da criança às mudanças do ambiente, enquanto procura atingir o seu objetivo. O uso flexível de uma variedade de comportamentos de vinculação, dependendo das circunstâncias, permite assegurar uma maior eficácia de respostas.

Ao longo do ciclo de vida o comportamento vai cedendo lugar à representação, e a presença física à presença simbólica (Faria, Fonseca, Lima, Soares, & Klein, 2007).

1.2.2 Sistema de prestação de cuidados e sistema exploratório

Os sistemas comportamentais estão relacionados e interagem com outros sistemas comportamentais. Para além do SCV, considerou-se importante destacar dois sistemas comportamentais: o sistema de prestação de cuidados, centrado na FV e o sistema comportamental exploratório, centrado na figura vinculada. A sua operacionalização assume expressões diferenciadas ao longo da trajetória de desenvolvimento humano, de acordo com a progressiva evolução cognitiva e emocional dos indivíduos, possibilitando organizações exponencialmente mais complexas e mais eficientes (Bolwby, 1969/1982).

A disponibilidade e responsividade eficiente da figura cuidadora para nutrir as necessidades de segurança e proteção da criança remete para o sistema de prestação de

cuidados por parte da figura parental, ou seja, para o **sistema comportamental de prestação de cuidados** (SCPC). O SCV e o SCPC apresentam um funcionamento complementar. A qualidade do ambiente de prestação de cuidados influencía a construção de expectativas diferenciadas acerca da FV (disponibilidade e responsividade) e do *self*, enquanto merecedor da atenção e da preocupação do adulto (Ainsworth et al., 1978). Quanto maior a intensidade de ativação do SCPC menor a intensidade de ativação do SCV, sinónimo de que na relação diádica mãe/bebé, a figura parental assumiu a responsabilidade da manutenção da proximidade, pelo que a criança não sente necessidade de aumentar a intensidade do SCV. Se a criança perceciona perigo e indisponibilidade por parte da FV, a intensidade da ativação do SCV aumenta ï esperando a retroação por parte do SCPC que privilegie a homeostasia. Identificando o sistema comportamental de vinculação e o sistema de prestação de cuidados como complementares na relação FV/criança, os papéis dos atores da díade são fixos. Ao longo do ciclo de vida a complementaridade tende a dar lugar à reciprocidade, o comportamento à representação e a presença física à presença simbólica (Faria et al., 2007).

O **sistema comportamental exploratório** (SCE), pode ser concebido como a antítese do SCV (Cassidy, 1999), sendo o seu equilíbrio importante para a qualidade da trajetória desenvolvimental do ser humano (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1971). O **SCE** permite à criança recolher informação relevante sobre a dinâmica dos contextos da sua vida, sendo a intensidade de ativação inversa à do SCV.

Na análise da relação entre estes dois sistemas comportamentais torna-se importante olhar para a função do SCV (procura ou manutenção de proximidade com a FV) sendo necessário acrescentar também a obtenção de segurança para promoção da exploração. Esta reconstrução da Teoria da Vinculação que ressaltou a necessidade da criança se sentir em segurança para ser capaz de explorar o mundo externo (Schneider-Rosen, 1990), destacando dois conceitos fundamentais: a utilização da FV, por parte da criança, como **base segura** e como **refúgio de segurança**. Conceitos próximos mas distintos (Ainsworth et al., 1978). Enquanto ñbase seguraò, a FV imprime na crian-a segurança para a exploração do meio (interno/externo); perante a perceção de perigo (no seu sentido lato) a FV desempenha o papel de ñrefúgio de segurançaò - recebe, protege e acalma para, uma vez restaurada a segurança, apoiar a exploração e funcionar novamente como ñ*base segura*ò.

Uma FV sensível, responsiva, apoiante e protetora (sistema de prestação de cuidados com ativação elevada) possibilita à criança segurança para se dedicar à exploração do contexto e dos outros (e.g., Bretherton & Mulholland, 2008). Se a criança não tiver segurança na disponibilidade e responsividade da FV, terá que disponibilizar parte da sua atenção na monitorização e manutenção da proximidade com a FV em detrimento da qualidade da exploração do meio e das interações com os outros (e.g., Bretherton & Mulholland, 2008).

Uma baixa intensidade da ativação do SCE e de uma elevada intensidade da ativação do SCV tem como consequências poucas incursões exploratórias por parte da figura vinculada ou de pouca qualidade na exploração. Com uma elevada ativação do SCV a atenção estará centrada na proximidade da FV e não na interação com os outros ou nos aspetos do contexto. A criança vai explorar menos ou com menos qualidade e, consequentemente, aprender menos (Ainsworth & Bell, 1970). Se a interligação dos sistemas ocorrer neste sentido com muita frequência, as competências da criança vão evoluir abaixo do esperado para a sua idade uma vez que são restritas as oportunidades de aprendizagem ao nível de conteúdos, dos outros e dos processos de socialização (Fonseca, Soares, & Martins, 2006).

Uma criança capaz de utilizar com sucesso a FV como base segura e como refúgio de segurança apresenta um equilibro entre o SCV e o SE, mostrando-se competente em responder de forma flexível a um episódio *stress*or, após avaliar as características do meio e a disponibilidade da FV (e.g., Ainsworth et al., 1971).

Na infância, de modo bem diferente da idade adulta, o sistema de vinculação é soberano face aos outros sistemas, estando este peso relacionado etiologicamente com a necessidade de sobrevivência da espécie (Bowlby, 1969/1982).

1.3 Modelos internos dinâmicos da vinculação

A primeira relação que o indivíduo estabelece com o mundo ocorre através de um vínculo emocional com a(s) figura(s) cuidadora(s) nos primeiros anos de vida e, é no contexto desta matriz relacional e a partir dela, que o indivíduo se vai conhecendo e vai conhecendo o mundo e os outros (Soares, 1996a). Aspeto fundamentado pelo facto de as experiências relacionais cumulativas e repetidas, no contexto das relações de proximidade FV/criança, possibilitarem o desenvolvimento progressivo de um conjunto de

conhecimentos, atribuições e expectativas: sobre (1) a FV, disponibilidade e capacidade para responder de modo consistente aos apelos de apoio e de proteção da criança; e sobre (2) o *self*, capacidade para elicitar, nos outros, respostas adequadas aos seus apelos de proteção e para ser reconhecido pelo seu valor pessoal (Bowlby, 1969/1982). Estas experiências relacionais são organizadas internamente como representações generalizadas sobre o *self*, as figuras de vinculação e as relações dando lugar aos **modelos internos dinâmicos** (MID) de vinculação (Soares, 2002).

O conceito de MID foi operacionalizado por Bowlby (1982) a partir da noção básica piagetiana de que as crianças aprendem sobre o mundo, agindo sobre ele, desenvolvendo e organizando (simultaneamente) um sistema de esquemas mentais que podem ser operados/manipulados e utilizados em subsequentes ações. Nesta operacionalização Bowlby (1982) ressaltou a importância da repetição sistemática dos padrões de interação.

Os MID são representações dinâmicas que predizem e interpretam o comportamento dos outros significativos e orientam na definição de planos de ação como resposta às interpretações realizadas (Bowlby, 1980). Disponíveis durante a infância apenas no contexto de reconhecimento ou de antecipação a curto prazo, posteriormente, à medida que a criança se desenvolve cognitivamente, passam a ser utilizados para o planeamento deliberado de ações e para testar mentalmente cursos de ação (Faria, 2008). Designam-se modelos, na medida em que implicam (re)construção e desenvolvimento e, dinâmicos uma vez que consistem em representações mentais que permitem fazer interpretações sobre o presente e avaliar hipóteses alternativas em relação a ações futuras (e.g., Bretherton & Munholland, 2008).

O MID da vinculação é concebido como fornecendo regras e sistemas de regras não apenas para a orientação dos comportamentos e dos sentimentos, mas também para a organização representacional e direção da atenção, da memória e da cognição, relacionados com a vinculação (e.g., Bretherton & Munholland, 2008). Desta forma, estas regras, ao permitirem ou limitarem o acesso a certas formas de conhecimento relativo ao *self*, à FV e à relação do *self* com a FV, espelham-se na organização representacional do pensamento e da linguagem sobre a vinculação (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Assim, a segurança traduz-se pelo acesso ao auto-conhecimento relevante sobre a vinculação e pela capacidade de o sujeito integrar os aspetos positivos e negativos da suas experiências num todo coerente, situando-se de modo objetivo, claro e reflexivo face à sua história de

vinculação (Main et al., 1985). Por outro lado, a *insegurança* traduz a ausência desta capacidade de integração e por restrições de vários tipos que incidem sobre a atenção, a memória, a linguagem e o pensamento relacionados com a vinculação (Main et al., 1985).

Segundo Bowlby, o indivíduo constrói diversos modelos internos dinâmicos referentes a diferentes relações de vinculação (mãe, pai entre outras figuras significativas), sendo a construção dos modelos de *self* e dos outros complementar e confirmatória (e.g., Bretherton & Munholland, 2008). A construção dos MID do *self* incorporam a própria dimensão relacional, sendo o *self* essencialmente um ñs*elf* em rela-«oò (Soares, 1996a, p. 112).

Reconhecemos os processos de assimilação/acomodação ao analisarmos o conceito de representação mental da vinculação enquanto estrutura de conhecimento que se constrói na relação dialética do sujeito com o mundo e que se reconstrói nessa mesma relação. Tendo presente que os modelos de representação dos padrões de vinculação encerram movimentos ativos e proativos, eles são uma construção da realidade social, não são um mero coletor de sensações ou cópias de um mundo supostamente real. Neste sentido, o significado de uma realidade só é acessivel ao indivíduo mediante a construção de dimensões pessoais de interpretação (Botella & Feixas, 1998, p.36).

Os modelos internos dinâmicos integram, a par dos componentes cognitivos, componentes afetivos. Os MID estão carregados de afeto resultante das características e qualidades afetivas da relação de vinculação. A componente emocional que lhes está associada promove a sua coerência concetual uma vez que conduz os indivíduos a organizar numa mesma categoria experiências, pessoas e relações que desencadeiam emoções similares (Niedenthal, Inner-Ker, & Halberstadt, 1999; Pietromonaco & Barret, 2000). O afeto, a componente emocional atuaria como o fio condutor de toda a informação associada às representações mentais (Pietromonaco & Barrett, 2000).

Face a experiências relacionais sucessivas e cumulativas da díade FV/criança caracterizadas pela disponibilidade e capacidade da FV para responder de modo consistente aos apelos de apoio e de proteção da criança (respostas da FV caracterizadas pela sensibilidade e responsividade), a criança constrói MID dos outros como disponíveis e confiáveis, e MID do *self* como merecedor de cuidado e capaz de suscitar respostas positivas nos outros, e do mundo como um lugar seguro (Bowlby, 1969/1982; Soares, 2002). A criança tenderá a abordar o mundo com confiança e, perante potenciais situações de ameaça ou insegurança a criança sabe que pode procurar apoio e que este lhe

será disponibilizado. No limite oposto identificam-se as crianças cuja FV não é sensível na perceção e/ou resposta às necessidades expressas (não disponível e não responsiva), que desenvolvem modelos internos representacionais do (1) *self* como não merecedor de afeto e não competente e dos (2) outros como não confiáveis, distantes e incompetentes. Para este grupo de crianças o mundo é concetualizado como in*seguro*, imprevisível e, de uma forma geral, sentem-se ameaçadas e inseguras.

A criança na sua ação sobre o mundo desenvolve esquemas nos quais as experiências relacionais podem ser assimiladas, mas podem também ser refinadas ou acomodadas de modo a responderem de forma mais adaptativa às exigências das tarefas desenvolvimentais e dos contextos de vida. Um MID seguro (representação do *self* como competente e com valor e da figura de vinculação como responsiva e afetiva) será capaz de revisão e reajustamentos sucessivos face a novas experiências de vinculação. Apesar do processo de acomodação a novas informações manterá a flexibilidade necessária para assegurar a continuidade do padrão organizacional (Faria, 2008). No caso de MID inseguros (representações do *self* como incompetente e sem valor e da figura de vinculação como inadequada), o processo de assimilação de toda a nova informação é realizado sob a orientação de regras antigas, independentemente do grau de inadequação, criando rigidez à mudança, não dando lugar aos processos de acomodação ï sendo perpetuada a organização insegura (Faria, 2008). Muito provavelmente será através desta articulação entre assimilação e acomodação que o processo de construção reconstrução dos MID ocorre, em que as representações mais simples e antigas são progressivamente transformadas em representações mais atuais e progressivamente mais complexas (Faria, 2008).

O papel dos processos comunicacionais (e.g., Bretherton, 1995) bem como da linguagem (e.g., Grossmann, 1999; Nelson, 1999) na construção e reconstrução dos MID tem vindo a ser alvo de discussão e contribuído para o enriquecimento da Teoria da Vinculação ao nível dos processos comunicacionais. A comunicação emocional aberta nas relações de vinculação facilita a (re)construção de uma organização mais coerente dos MID. Desta forma os MID tornam-se mais acessíveis, apresentam melhor articulação em termos de referências, o que promove a capacidade de evocação de memórias e de avaliação da sua relevância gerando, desta forma, narrativas coerentes acerca das experiências de vinculação (e.g., Bretherton, 1995, 2005). A discussão acerca dos

processos comunicacionais, tem evidenciado o papel da linguagem na (re)construção dos MID. Segundo Nelson (1999) e Grossmann (1999) as crianças necessitam de ajuda para traduzir as experiências emocionais em narrativas, podendo este processo de tradução ser potenciado ou não pelas FV, atendendo ao papel nuclear que, *à priori*, se espera que desempenhem no funcionamento e desenvolvimento dos/as filhos/as. Grossmann (1999) defendeu que a qualidade e natureza da linguagem que as FV utilizam com os/as filhos/as têm um impacto na natureza dos MID desenvolvidos pelos/as filhos. O autor acrescentou que os pais que ajudam a criar uma narrativa que espelha as experiências e os sentimentos significativos (do ponto de vista da vinculação) facilitam o desenvolvimento de representações coerentes por parte dos/as filhos/as. A análise da narrativa das crianças permite compreender de que modo estas desenvolvem a compreensão acerca dos motivos subjacentes às ações dos outros, à intencionalidade dos outros na relação de vinculação, bem como à reflexão acerca do *self* (Nelson, 1999). O autor acrescenta que a falta de apoio das FV para a compreensão de acontecimentos de vida potencialmente traumáticos (e.g., doença, hospitalização), pode levar a criança a criar uma narrativa correspondente enviesada e pouco coerente.

No trajeto dos MID da infância à idade adulta, as representações mais simples e antigas são reconstruídas no sentido da atualização e da complexidade. As sucessivas reconstruções levam, progressivamente, ao funcionamento automático e inconsciente.

Estudos longitudinais evidenciam a continuidade e estabilidade da qualidade da vinculação (e.g., Grossman, Grossman, & Watters, 2005; Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005; Waters, Hamilton, & Weinfield, 2000). Na análise da estabilidade há a ter em conta dois aspetos dos padrões de interação criança/FV, (1) à medida que se tornam automáticos e habituais tornam-se menos acessíveis à consciência e (2) à força das expectativas mútuas que imprimem uma maior resistência à mudança (Bowlby, 1980). Será de salientar que os MID, por um lado (i) orientam a direção da atenção para informação que valide a representação mental já existente, por outro (ii) produzem interpretações consistentes com esta, perante novas situações têm a tendência para a realização de uma leitura confirmatória. Apesar do automatismo progressivo, os MID, construídos através de processos de assimilação e de acomodação, mantêm a capacidade de reconstrução face às exigências dos diferentes períodos de desenvolvimento humano e de diferentes circunstâncias de vida (e.g., Faria, 2008).

No entanto, a Teoria da Vinculação não tem um cariz determinista, sendo possível a mudança e a reorganização representacional ao longo da vida. Assim, ao considerarmos a vinculação numa perpetiva de desenvolvimento do ciclo vital, as diversas experiências nos diferentes contextos de vinculação (posteriores relações familiares, amorosas, intimas) podem ser palco de estabilidade e manutenção dos MID de vinculação previamente construídos ou uma oportunidade de reconstrução pela integração de novos elementos, atualizando os MID existentes às novas relações (de vinculação) bem como às novas exigências internas ou externas (Fonseca, Soares, Martins, 2006).

2 A vinculação na infância

Quando se analisa e avalia a vinculação na infância, o foco tem que ser colocado na relação e o sentimento de segurança deve ser interpretado em contexto, isto é, qual a dimensão da eficácia da FV quanto ao proporcionar segurança quando a criança necessita (Soares, 2002).

2.1 Fases de desenvolvimento

Bowlby (1969/1982) descreve quatro fases de desenvolvimento do sistema comportamento de vinculação, ocorrendo as três primeiras até aos 12 meses de idade e tendo inicio a quarta fase por volta dos 24/30 meses de idade, sendo estas: orientação e sinais com discriminação limitada de figuras (desde o nascimento até 2/ 3 meses de vida); orientação e sinais dirigidos para uma (ou mais) figura(s) discriminada(s) (ocorre entre 3/4 e os 6/7 meses de vida); manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais (corre entre os 6/7 e os 24 meses de vida); e formação de uma relação recíproca orientada por objetivos (a partir dos 24/30 meses de idade)

A primeira fase ï ***orientação e sinais com discriminação limitada de figuras*** ï **caracteriza os primeiros três meses de vida**. Segundo Bowlby (1969/1982), os bebés nascem biologicamente preparados para, face a qualquer estímulo, apresentarem comportamentos de resposta que levam ao contacto com outros seres humanos. O comportamento de resposta da criança estaria especialmente adaptado para desencadear nos seres humanos comportamentos de interesse e carinho, sendo resultados previsíveis a proximidade, o contacto físico, a alimentação e o afeto (e.g., Belsky & Fearon, 2008) ï o que asseguraria a sobrevivência da criança e, consequentemente, da espécie.

Nesta fase o sistema sensorial está em progressivo desenvolvimento, e a evolução dos precursores dos comportamentos de vinculação acompanham a sua diferenciação. Ao nascer o bebé (na maior parte dos casos) é capaz de seguir movimentos preferencialmente lentos com o olhar, sendo responsivo a contornos e padrões. Por volta das quatro semanas de idade, a maioria das crianças exibe preferência por olhar para a face humana em detrimento de outros contornos. O sistema auditivo tem também o seu papel, progressivamente o bebé tende a acalmar-se e a prestar atenção a estímulos auditivos

suaves, e parece ser especialmente responsivos à voz humana, reconhecendo a voz da mãe. Por volta dos dois meses, o sistema visual e o sistema motor funcionam de forma coordenada, o que permite ao bebé efetuar movimentos direcionados a um objeto que esteja dentro do seu campo visual.

Identificam-se na criança os **precursores dos comportamentos de vinculação** (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1972), ou seja a orientação preferencial para os seres humanos, o seguir com o olhar, o sorrir, o palrar, o parar de chorar ao ouvir uma voz ou ao ver uma face humana, ou o procurar agarrar com as mãos. Não podem ainda ser considerados comportamentos de vinculação pela sua indiferenciação e indiscriminação: não são dirigidos a uma figura cuidadora específica uma vez que a criança não é ainda capaz de discriminar os seres humanos entre si; são desencadeados por um conjunto de estímulos que a criança não discrimina, não tendo como objetivo o aumento de proximidade à FV. Por exemplo, a criança chora como reação à dor, o facto de chorar leva a que a figura cuidadora se aproxime, mas a criança não chora intencionalmente para obter a proximidade do cuidador.

Os precursores dos comportamentos de vinculação exibidos pela criança requerem a responsividade do prestador de cuidados que vai aprendendo a interpretar e a responder adequadamente (Soares, Martins, & Tereno, 2007). Nesta fase a figura cuidadora é a principal responsável pela manutenção da proximidade e proteção da criança, uma vez que as capacidades da criança por si só são insuficientes para assegurar a autorregulação. Estas experiências relacionais repetidas com a figura cuidadora promovem a maturação dos processos cognitivos e a sintonização neuronal de segmentos de experiência-expectativa (e.g., Young, Gomes-Pedro, Nugent, & Brazelton, 2002), constituindo-se enquanto protótipos para a regulação emocional posterior (e.g., Sroufe, 1995).

Esta fase prolonga-se até ao momento em que a criança consegue discriminar a figura cuidadora das demais, de forma consistente (Ainsworth et al., 1978). Se as condições contextuais forem favoráveis e as interações repetidas da figura cuidadora responderem às necessidades da criança, gradualmente são estabelecidos padrões de interação estáveis com uma figura particular, que vão facilitar a passagem para a fase seguinte (e.g., Marvin & Britner, 2008). Caso contrário, em condições contextuais muito adversas, esta fase pode prolongar-se para além dos três meses (e.g., Bowly, 1969/1982).

Na **segunda fase do desenvolvimento da vinculação destaca-se a responsividade diferenciada e focada numa figura cuidadora** (3/4 aos 6/7 meses de vida), o aumento da complexidade do sistema comportamental e a restrição das condições para o aumento da intensidade da ativação e desativação do sistema comportamental de vinculação (e.g., Marvin & Britner, 2008).

À medida que o tempo passa, a criança começa a discriminar as diferentes figuras que habitam o seu contexto e a dirigir de forma preferencial os seus comportamentos às figuras cuidadoras principais. A responsividade da criança passa a ser diferenciada e focada numa figura, ainda que a criança não consiga conceber a FV como um ser independente de si própria.

Há uma clara evolução ao nível das competências comportamentais da criança, que abandonam o automatismo que caracterizava a fase anterior ï aspetos associados à evolução do sistema sensorial e à interligação do sistema visual com o sistema motor. Os comportamentos isolados passam a estar organizados em comportamentos encadeados/articulados, o que possibilita à criança exercer mais controlo sobre as interações pela utilização de um conjunto de comportamentos encadeados/articulados. Desta forma, verifica-se um aumento progressivo do papel ativo da criança na iniciação das interações com a FV, na sua participação nas interações iniciadas pela FV, bem como na manutenção das mesmas.

A maior diferenciação e controlo comportamental por parte da criança leva a que o aumento e diminuição da intensidade da ativação do sistema comportamental da vinculação, passe a ser despoletada por estímulos mais específicos (Marvin & Britner, 1999), não automáticos e que fazem já parte do reportório de experiências a que a criança está habituada (e.g., é ao colo da FV que a criança se acalma com maior facilidade).

Nesta fase, a FV tendo em conta a experiência adquirida, coordena as suas expressões faciais, vocalizações e respostas em função dos sinais emitidos pela criança. As interações FV/criança são caracterizadas por um aumento da variedade e da complexidade ao nível comportamental e afetivo (Soares et al., 2007).

O desenvolvimento dos comportamentos encadeados/articulados, a diferenciação da FV e o comportamento social têm implicações no desenvolvimento das trajetórias diferenciadas das estratégias de vinculação utilizadas pela criança ao longo da infância (e.g., Marvin & Britner, 2008). Os padrões de interação FV/criança sistematicamente repetidos podem tornar-se esquemas estáveis, levando à organização de diferentes

estratégias de vinculação. São estes padrões de interação que permitem à criança manter-se organizada em caso de aumento da intensidade da ativação fisiológica.

Belsky e Fearon (2008) ressaltam a importância destes padrões de interação. Se, durante os primeiros anos de vida a FV raramente responder adequadamente ao choro da criança, não a tranquilizando e não restaurando o sentimento de segurança, a criança vai experienciar sofrimento por períodos consideráveis de tempo. Por este facto, a criança não desenvolve o sentimento de segurança de que as suas necessidades serão atendidas nem de que existem comportamentos encadeados eficazes. Perante este cenário, haverá grande probabilidade de a criança desenvolver uma estratégia de vinculação insegura, com um padrão inseguro-evitante, minimizando a expressão de emoções negativas na presença da FV (percebida como rejeitante) ou ignorar de todo a expressão dessas mesmas emoções.

Apesar de as necessidades de vinculação da criança serem inatas e de o ser humano estar biologicamente programado para o estabelecimento da relação, as estratégias individuais para lidar com essas necessidades são construídas no contexto das experiências relacionais significativas e a qualidade dessas estratégias depende da qualidade das interçações estabelecidas (Bowlby, 1969/1982).

A terceira fase do desenvolvimento da vinculação - Manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais - caracteriza o período de vida da criança entre os 6/7 e 24/30 meses. O desenvolvimento da vinculação acompanha o aumento da complexidade motora, cognitiva e comunicacional bem como a sua interligação.

O desenvolvimento motor permite à criança desenvolver novas estratégias (mais eficientes) de procura e manutenção de proximidade com a FV o que, associado ao desenvolvimento da linguagem, leva à flexibilização das circunstâncias que conduzem à ativação do sistema comportamental de vinculação (Ainsworth, 1985). A exploração do contexto assume uma nova dinâmica, sendo primordial que a FV funcione uma ñbase seguraò ou um ñref¼gio seguroò consoante as necessidades de seguran-a da crian-a. Os padrões comportamentais simples de ação fixa são, nesta fase, substituídos por comportamentos de vinculação organizados de forma controlada e intencional pela criança segundo um sistema de objetivos corrigidos.

A criança possui já capacidades sócio-cognitivas de referenciação social, imitação, reciprocidade e de atenção partilhada, que lhe permitem utilizar informação anterior para guiar o seu comportamento, sendo capaz de recorrer a sinais (verbais e não verbais), realizados com intencionalidade e dirigidos a objetivos estipulados.

Nesta fase, a criança começa a manter a proximidade a uma FV, utilizando um mapa cognitivo (ainda que incipiente) das expectativas face à acessibilidade e responsividade dessa figura. Passa a identificar quais as ações pessoais e características contextuais que conduzem a emoções específicas nos outros, iniciando desta forma as primeiras estimativas com poder preditivo (Marvin & Britner, 2008). Adquire compreensão de si próprio enquanto sujeito ativo e da FV como um objeto independente, persistente no tempo e no espaço cujo funcionamento apresenta alguma previsibilidade (Bowlby, 1969/1982).

Os modelos internos dinâmicos respeitantes à vinculação ainda que mais complexos, apresentam uma organização centrada no processo, uma vez que a capacidade da criança é ainda limitada para integrar a total consequência das suas estratégias comportamentais, bem como o impacto destas sobre o comportamento da FV (Bowlby, 1969/1982).

A **formação de uma relação reciproca corrigida por objetivos constitui a quarta fase do desenvolvimento da vinculação da criança**, tendo o seu início por volta dos 30 meses de idade. Esta fase é caracterizada pela capacidade da criança perceber a perspetiva da FV e de manter a organização comportamental na sua ausência, por períodos de tempo mais alargados. A capacidade, em desenvolvimento, de se colocar no ponto de vista de terceiros leva a que seja possível à criança: (1) inferir os objetivos e planos da FV e, dessa forma, poder influenciá-los; e, (2) no processo de mobilização do sistema de vinculação ser capaz de integrar os planos e objetivos da FV nos seus de forma a atingir mais eficazmente os seus objetivos.

Por volta dos 30 meses emergem os planos corrigidos por objetivos. No entanto as limitações ao nível das competências linguísticas levam a limitações na negociação com a FV. Por um lado, mediante as competências existentes a criança pode tentar alterar o comportamento da FV comunicando-lhe os seus desejos e necessidades. Por outro lado, a compreensão dos planos da FV vai permitir à criança inserir alguns dos objetivos da FV no seu plano de ação adaptando-o. A plena relação reciproca e corrigida por objetivos é

mais facilmente encontrada aos 48 meses. Identifica-se a partilha e a negociação entre a criança e a FV relativamente a objetivos, planos e sentimentos (Marvin & Britner, 2008). Fruto do desenvolvimento das competências simbólicas e linguísticas e do retrocesso no egocentrismo do pensamento a negociação de planos entre os elementos da díade é cada vez mais elaborada.

A representação interna de si e dos outros em evolução, possibilita o afastamento físico e uma melhor aceitação de separações mais prolongadas da criança em relação à FV (e.g., Marvin & Britner, 2008).

2.2 Diferenças individuais na organização dos comportamentos de vinculação

O estabelecimento de relações de vinculação resulta de uma predisposição biológica da espécie humana. No entanto, as características das relações de vinculação não são iguais para todas as díades FV/criança. Face à diversidade qualitativa do sistema de prestação de cuidados, a criança apresenta uma predisposição, igualmente biológica, para estruturar flexivelmente a sua organização comportamental (Main, 1990). O desenvolvimento da vinculação processa-se através de uma matriz organizada em torno do sistema de prestação de cuidados da FV e expressa-se em diferentes padrões de regulação diádica (Sroufe, 1990). Ainda que, na larga maioria das situações seja verdade que as crianças se vinculem a uma figura, nem todas as relações são seguras sob o ponto de vista da vinculação.

Bowlby (1958), cedo assumiu a existência de diferenças entre os indivíduos, sendo a Teoria da Vinculação desde sempre sensível aos aspetos diferenciais. A análise e a avaliação das diferenças individuais na infância do ponto de vista da vinculação teve o seu grande impulso com os estudos de Ainsworth e colaboradores (1978).

Ainsworth e colaboradores (1978) desenvolveram um procedimento laboratorial, cujo objetivo seria estimular o comportamento de vinculação da criança de forma mais intensa, avaliar a forma como a criança utiliza o adulto como base segura, a reação da criança a estranhos, bem como à separação e à reunião com a FV. Este procedimento laboratorial ficou conhecido como *Situação Estranha* (Ainsworth & Wittig, 1969).

A criança, uma vez vinculada à figura cuidadora, tende a apresentar uma reação de protesto à sua separação, nomeadamente quando essa separação não é desejada ou quando é colocado em ambientes não familiares durante um tempo considerável. Este pressuposto teórico e o cruzamento dos dados observados no Uganda com as observações do estudo de Baltimore permitiu a Ainsworth reconhecer ñque a chave para avaliar a vincula-«o assentava na determinação do modo como a criança organiza os seus comportamentos de vinculação para equilibrar a necessidade de proteção e conforto com o desejo de explorar o ambiente, numa situação de *stress* moderadoñ (Soares, 2002, p. 32).

A *Situação Estranha* consiste num procedimento laboratorial estandardizado, constituído por uma sequência de oito episódios e aplicado a crianças dos 12 aos 18 meses de idade. Este procedimento é desenhado como uma aproximação de situações que a maior parte dos crianças encontra no seu quotidiano e tem por objetivo ativar e/ou intensificar o sistema comportamental de vinculação da criança (Ainsworth & Wittig, 1969). A sua designação ï *Situação Estranha* ï corresponde a uma situação distinta do meio familiar, ou seja, uma situação não familiar. Os episódios de reunião (Episódios 5 e 8) assumem uma extrema relevância para a avaliação da qualidade de vinculação comparativamente com os episódios de separação (Episódios 4 e 6). Embora os episódios de separação ativem, de forma significativa, o sistema comportamental de vinculação, são as estratégias da criança para regular a proximidade com a FV (numa situação de *stress* emocional moderado) o elemento-chave de análise da dinâmica de vinculação. O ponto crítico na *Situação Estranha* é o reencontro, quando a FV está disponível para proporcionar segurança, e não a separação, quando a criança está perturbada, mas não tem a FV para a acalmar (Soares, 2002, p. 39). Assim, importa atender à organização representacional da vinculação no contexto relacional, numa situação de *stress*.

Este procedimento de avaliação veio a revelar-se de extrema importância para a avaliação das diferenças individuais, refletindo a organização representacional do comportamento da criança no contexto da relação com a mãe. A ressaltar que é a qualidade do fluxo de trocas emocionais quando a criança se encontra em *stress* que específica a qualidade da organização da vinculação (Soares, 2002).

A avaliação do comportamento de vinculação da criança durante a *Situação Estranha* é realizada em três eixos: (1) avaliação da frequência de comportamentos específicos em cada um dos episódios; (2) avaliação do comportamento de interação da criança com a mãe e com o estranho; (3) proximidade e procura de contacto, manutenção do contacto, resistência, evitamento, procura da mãe e distância na interação (Ainsworth et al., 1978).

Foram identificados três padrões ou organizações comportamentais da vinculação, que refletem diferentes tipos de estratégias de regulação da proximidade da criança com a FV na *Situação Estranha*, e que podem ser localizados num espetro contínuo: (A) inseguro-evitante, (B) seguro e (C) inseguro-resistente/ambivalente (e.g., Ainsworth et al. 1978).

As crianças classificadas de inseguras-evitantes relativamente à vinculação, caracterizam-se pela presença de comportamentos de evitamento relativamente à mãe durante os episódios de reunião: apresentam uma tendência reduzida para procurar a proximidade, interação ou contacto com a FV. As crianças aceitam o contacto quando a mãe se dirige a elas (embora não o mantenham durante muito tempo), verificando-se, frequentemente comportamentos de menor evitamento face à estranha do que à mãe. Nos episódios de separação, as crianças deste grupo apresentam uma despreocupação (aparente) relativamente à saída da mãe. O comportamento de exploração é constante ao longo de todos os episódios.

As crianças classificadas de seguras relativamente à vinculação apresentam comportamentos de procura ativa de proximidade e interação com a mãe, principalmente nos episódios de reunião. Quando o contacto com a mãe é obtido há uma procura de manutenção do mesmo, não manifestando resistência nem evitamento. Face à saída da mãe, algumas destas crianças protestavam, enquanto outras não o faziam e, quando aflitas, podiam ser um pouco confortadas pela estranha. O comportamento das crianças classificados neste grupo pode passar pela procura intensiva do contacto e da sua manutenção sem que o comportamento exploratório seja comprometido pela procura de proximidade e contacto com a FV de forma ativa e evidente ou ainda pela interação à distância principalmente durante os episódios de reunião.

As crianças classificadas de insegura-ambivalente/resistente relativamente à vinculação manifestam uma ambivalência de comportamentos, principalmente durante os

episódios de reunião, alternando entre a procura e a resistência ativa do contacto com a FV. Na globalidade apresentam uma exploração do meio de pouca qualidade e pouco investida e, perante os episódios de separação e reunião, manifestam uma grande passividade. Dentro deste padrão os comportamentos das crianças variam entre a procura do contacto com a FV temperada com forte irritação e uma sinalização da procura de contacto caracterizada pela passividade.

Os padrões inseguros de organização do sistema de vinculação surgem associados a dinâmicas relacionais FV/criança caracterizadas pela ausência e/ou inconsistência ao nível da acessibilidade e responsividade da FV. Neste âmbito, a estratégia primária (segurança) de procura de proximidade em situações de ameaça/desconforto é substituída por uma estratégia secundária (desativação ou hipervigilância) face à ineficácia da estratégia primária para obter proteção e segurança (Soares, 2002).

A estratégia secundária de desativação caracteriza o comportamento das crianças inseguras-evitantes, a minimização da atenção face à FV, permitindo à própria criança manter a proximidade suficiente e necessária para assegurar a proteção. Na Situação Estranha, estas crianças parecem não notar a ausência da FV e, geralmente, não procuram contacto nos episódios de reunião e transmitem a ideia de não atenderem à informação relevante para a manutenção de contacto com a FV. Este padrão de vinculação inseguro-evitante desenvolve-se como uma estrat®gia comportamental ñcondicionalò em resposta ¨ indisponibilidade (ou incapacidade) da FV para aceitar e responder de forma sensível à estratégia comportamental primária da criança em procurar proximidade e contacto quando o sistema comportamental de vinculação está ativo (Main et al., 1985).

Por sua vez, a estratégia secundária de hiperactivação parece caracterizar o comportamento dos crianças inseguros-resistentes e refletir uma estratégia de maximização da atenção face à FV, ou seja, a criança sobre-interpreta o meio como ameaçador para manter a atenção da FV que revelou inconsistência na disponibilidade e na responsividade manifesta perante a criança (Main, 1990; Main & Hesse, 1990). Na Situação Estranha, estas crianças manifestam um comportamento de hipervigilância face à disponibilidade da FV, evidenciam perturbação com facilidade e apresentam dificuldades em acalmar-se ou tranquilizar-se. Há uma maximização das expressões de emoções negativas para chamar a atenção por parte da FV e para obter a proteção de uma figura inconsistentemente indisponível e responsiva (Cassidy, 1999). Por sua vez, a

estratégia de desativação/evitamento reflete uma estratégia defensiva de regulação emocional. A criança desenvolve uma atitude de excessivo controlo sobre as suas emoções não revelando a expressão verdadeira da sua experiência emocional.

A **organização segura da vinculação** tem subjacente o desenvolvimento de um MID, por parte da criança, no qual a FV é responsiva e o *self* é amado e merecedor de cuidados, logo, a criança tem segurança na procura e obtenção de suporte e conforto na figura de vinculação (Yunger, Corby, & Perry, 2005). A prestação de cuidados da FV é de suma importância para a sobrevivência da criança pelo que um comportamento não responsivo da sua parte tem um impacto elevado do ponto de vista etológico (Botella, 2005). Considerando-se a **organização insegura da vinculação**, a criança desenvolveu um MID onde a FV é caracterizada pela não responsividade, pela inconsistência e pela indisponibilidade, sendo o *self* percecionado como não merecedor de amor e atenção.

A criança, a partir das experiências de interações sistematicamente repetidas de fracasso na utilização da FV como base segura, desenvolveu expectativas negativas acerca do *self* e dos outros, o que está na base do isolamento, hostilidade e vulnerabilidade associada (Yunger et al., 2005).

Nas relações inseguras, a exploração é sacrificada por uma questão de segurança, como nota Holmes (2001): as crianças *evitantes* agarram-se às coisas porque acham as pessoas ameaçadoras, enquanto os *ambivalentes* agarram-se às pessoas para compensar a sua inconsistência percebida. Ambos os padrões contrastam com o olhar atentamente fluído das crianças seguras que se movem das coisas para as pessoas e destas para si próprias com confiança e equilíbrio (Main, 1995).

Com a continuidade da utilização deste procedimento em múltiplas investigações, foram identificadas e avaliadas crianças cujos comportamentos não correspondiam às organizações comportamentais descritas por Ainsworth (e.g., Crittenden, 1985, 1988; Egeland & Sroufe, 1981; Lyons-Ruth, Connel, Zoll, & Stahl, 1987; Main & Weston, 1981; Spieker & Booth, 1988). Neste âmbito, Main e Solomon (1990) identificaram, um novo grupo designado *Desorganizado/Desorientado* (padrão D), caracterizado pela ausência de um objetivo observável, intenção ou explicação para os comportamentos manifestados pelos crianças e pela ausência de uma estratégia organizada para lidar com a

ativação do sistema comportamental de vinculação, sendo clara uma experiência emocional traduzida por medo da FV.

Diferentes estudos, desenvolvidos com amostras normativas (cf. van IJzendoorn & Kroonenberg, 1988) e seguindo a metodologia de investigação de Ainsworth e colaboradores (1978), replicaram os resultados da distribuição dos padrões de vinculação. Ou seja, a maioria das crianças foi classificada como tendo uma organização segura da vinculação (50-75%), seguindo-se a organização insegura-evitante (15-25%), e uma pequena parte no grupo inseguro-ambivalente/resistente (10% -14%).

As investiga-»es realizadas com amostras consideradas de ñriscoò (nível socioeconómico baixo, mães adolescentes, famílias monoparentais, reduzido suporte social, psicopatologia dos pais, situações de maltrato/violência/negligência, cuidados parentais inadequados) revelam percentagens mais elevadas de crianças nos grupos *inseguros* (e.g., van IJzendoorn, Goldberg, Kroonenberg, & Frenkel, 1992; Weinfield, Sroufe, Egeland, & Carlson, 1999).

Os estudos transculturais sustentam a universalidade da vinculação (Bowlby, 1969/1982) com a presença dos principais padrões de vinculação na infância em diferentes culturas e contextos sociais (cf. van IJzendoorn & Sagi-Schwartz, 2008).

2.3 Do nível interacional ao nível representacional

O período pré-escolar constitui um marco no desenvolvimento sociocognitivo, com o progressivo aumento da capacidade para compreender e atribuir estados mentais ï desejos, cognições, crenças e emoções ï a si e aos outros enquanto seres independentes (e.g., Martins, Barreto, & Castiajo, 2013).

A maturação das capacidades sociocognitivas implica um progressivo desenvolvimento dos sistemas representacionais, o que permite à criança a aquisição embrionária do pensamento lógico bem como a possibilidade de concetualizar a experiência para além dos contextos espácio-temporais vivenciados. A partir dos três anos, as crianças começam a integrar a consciência do *self* enquanto único e autónomo, diferenciando os objetos dos pensamentos que formulam acerca destes, antecipam ações dos outros tendo presente o que pensam, começand a utilizar os termos cognitivos

ñsaberò, ñpensarò e ñrecordarò, o que expressa uma maior complexidade cognitiva (e.g., Astington & Barriault, 2001). Após o estádio sensório motor, a criança é capaz de representar simbolicamente o mundo, bem como manipular as suas representações para, com base em acontecimentos do passado e projeções de ações futuras, decidir determinada atuação no presente através de processos puramente cognitivos.

A evolução dos sistemas representacionais e do domínio da linguagem implicam, necessariamente, a reorganização ao nível da vinculação. As competências emergentes na tomada de perspetiva do outro e de negociação permitem o desenvolvimento de uma relação com a FV corrigida por objetivos, na qual as díades (FV/criança) reconstroem novas formas de interação que permitem à criança, simultaneamente, atingir o objetivo principal do sistema de vinculação (proteção e sentimento de segurança) e aumentar os comportamentos de exploração e autonomia (Cicchetti et al., 1990). A relação da díade torna-se mais complexa, passando a estar mais centrada na reciprocidade da sinalização e na coordenação de planos (Marvin & Greenberg, 1982).

Entre os dois e os três anos de idade, os comportamentos de vinculação da criança (e.g., chorar, agarrar) tornam-se menos intensos e menos visíveis sendo progressivamente substituídos pelo contacto visual, pela mimica ou comunicação não verbal (Marvin & Britner, 2008).

Os acontecimentos percecionadas como potencialmente *stress*antes são outros, sendo agora exemplos destes as ameaças relacionadas com o *self* ou o sentir vergonha/rejeição por parte dos pares, e as separações espácio-temporais podem já não representar perigo. Por volta dos 4 anos de idade as crianças são já capazes de passar algum tempo sem a presença da figura cuidadora, seja a brincar com os pares ou ao cuidado de outros adultos.

Na idade pré-escolar a(s) figura(s) de vinculação são monitorizadas a uma maior distância e as estratégias adotadas para obter a segurança tornam-se mais complexas. O restabelecimento da segurança na maior parte das situações pode já não necessitar da proximidade física sendo progressivamente substituídos por comportamentos menos intensos como um olhar, o falar à distancia ou mesmo o falar ao telefone. Posteriormente o simbólico pode ser suficiente, como por exemplo uma fotografia, uma peça de roupa da figura cuidadora, um objeto oferecido pela figura cuidadora (Mayseless, 2005).

O modelo que contribuiu para organizar as interações da criança com a figura cuidadora durante os dois primeiros anos de vida vai sendo progressivamente ñinternalizadoò num modelo representacional (Soares et al., 2007). Os modelos representacionais da vinculação ï modelos internos dinâmicos ï aumentam de complexidade e apresentam uma forma de organização cada vez mais interna conferindo maior autonomia e flexibilidade ao sistema comportamental (Marvin & Greenberg, 1982). Desta forma, é possível às crianças processar e manipular planos e objetivos ao nível interno e progressivamente controlar e flexibilizar o comportamento pela utilização de processos internos (Marvin & Britner, 2008).

2.4 Implicações da qualidade da vinculação precoce no desenvolvimento ao longo da infância

A qualidade da relação precoce da criança com a(s) figura(s) cuidadora(s) tem um efeito continuado na adaptação dentro e fora do contexto familiar. A investigação tem associado as diferenças individuais na qualidade da vinculação a diferenças na qualidade de concretização de tarefas desenvolvimentais específicas de cada período de vida (cf. Sroufe et al., 2005) e, consequentemente, a diferenças desenvolvimentais ao nível afetivo, social e cognitivo (cf. Fearon et al., 2010). Os estudos longitudinais têm demonstrado que as crianças que desenvolvem uma vinculação segura aos seus pais durante os primeiros anos de vida apresentam, posteriormente, um funcionamento adaptativo superior ao nível emocional, social e cognitivo bem como uma maior capacidade de resiliência, em comparação com as crianças classificadas como inseguras (e.g., Sroufe et al., 2005; Veríssimo, Santos, Fernandes, Shin, & Vaughn, 2014).

Importa destacar os resultados do estudo longitudinal realizado por Main, Hesse e Kaplan (2005), que relatam que a segurança da vinculação precoce tem implicações no desenvolvimento socioemocional ao longo da infância, no que se refere: à verbalização de sentimentos de maior vulnerabilidade e complexidade; à apresentação de resoluções mais construtivas face a situações de separação da figura cuidadora; à utilização de um discurso fluente pontuado por diferentes temas a uma maior e mais adequada comunicação com os pais; a uma maior adequação socioemocional; e, a uma maior capacidade de concentração e persistência em tarefas que lhe sejam propostas.

Diferentes estudos longitudinais ressaltam que a segurança da vinculação está associada ao desenvolvimento de diferentes competências na infância, nomeadamente: maior qualidade e adequação nas relações com os irmãos e pares na infância (Berlin & Cassidy, 1999); maior autonomia, autoestima e auto-confiança (Sroufe et al., 2005); melhor compreensão da linguagem (Belsky, 2005); maior envolvimento, tolerância e persistência na resolução de problemas (Main et al., 2005; Sroufe et al., 2005;); utilização de estratégias de regulação emocional mais adequadas (Laible & Thompson, 1998; Ontai & Thompson, 2002; Sroufe et al., 2005) bem como menor probabilidade de manifestação de problemas comportamentais na infância (Sroufe et al., 2005).

Na generalidade, as crianças com uma representação segura da vinculação possuem expectativas mais positivas sobre as interações sociais; utilizam mais adequadamente as competências sociais; fazem amigos mais facilmente e sentem menos a rejeição dos pares (e.g., Veríssimo et al., 2014; Wood, Emerson, & Cowan, 2004). A representação insegura da vinculação está associada a relações mais problemáticas. As crianças evitam novos estímulos ou situações, apresentam mais comportamentos desadequados e/ou agressivos e uma menor flexibilização perante o inesperado (Wood et al., 2004). Os padrões inseguros relativos à vinculação diferenciam-se neste âmbito: por um lado, o padrão inseguro-resistente/ambivalente está associado a níveis elevados de dependência e/ou raiva nas relações com pais e educadores; e, por outro, o padrão inseguro-evitante encontra-se associado a um comportamento mais hostil e mais distante nas relações (e.g., Fearon et al., 2010; Veríssimo et al., 2014).

A acrescentar que as crianças com uma representação segura da vinculação possuem um sentimento de autoconfiança que lhes permite sentirem-se mais confiantes para empreender novas tarefas e aprendizagens, concretizadas na maior parte das vezes com sucesso, o que influencia positivamente a sua atitude perante o contexto educativo e a sua predisposição para aprender (e.g., Drake, Belsky, & Fearon, 2014). Apresentam ainda maior resiliência, níveis mais elevados de autoestima, expressam mais afetos positivos e menos afetos negativos (e.g., Berlin & Cassidy, 1999; Schneider, Atkinson, & Tardif, 2001).

A investigação tem evidenciado que a segurança da vinculação atua como um fator protetor para comportamentos de internalização e de externalização, enquanto a insegurança da vinculação tem sido associada à presença de mais problemas de

internalização e de externalização no período escolar (e.g., Brumariu & Kerns, 2010; Fearon et al., 2010; Soares, Dias, Carvalho, Silva, & Rios, 2007; Sroufe et al., 2005). A meta-análise realizada por Fearon, Bakermans-Kranenburg, van Ijzendoorn, Lapsley e Roisman (2010) relatou que a associação da segurança da vinculação a comportamentos sociais mais adequados e eficazes e a uma maior adaptação ao contexto escolar.

Belsky e Fearon (2002) ressaltam que a segurança funciona como um fator protetor amortecendo o impacto da presença cumulativa de fatores de risco. Não sendo o único aspeto a ponderar no desenvolvimento da criança, a importância do seu papel tem sido amplamente reiterada, estando associada a um funcionamento mais adaptativo em diferentes domínios do desenvolvimento e à qualidade da sua trajetória ao longo da vida.

3 Determinantes da segurança da vinculação da criança aos 36 meses

Diferentes estudos têm procurado identificar os determinantes da qualidade da vinculação na infância, sendo importante ter em conta que a segurança da vinculação de uma criança não se desenvolve num espaço assético ou tendo apenas como atores os elementos da díade (FV/criança), mas sim numa matriz contextual onde interagem múltiplos fatores.

A perspetiva ecológica do desenvolvimento humano considera a díade FV/criança como parte integrante do sistema familiar, que interage com múltiplos atores e contextos (família alargada, amigos, comunidade, contexto profissional), sofrendo, inevitavelmente, por parte destas, diferentes influências. Neste âmbito, se pretendemos compreender as razões porque determinadas crianças desenvolvem vinculações seguras e outras inseguras com as figuras cuidadoras é imprescindível olhar para lá dos determinantes mais próximos da díade FV/criança.

É nesta perspetiva que Belsky (1994, 1996, 2005) tem desenvolvido um conjunto de estudos de cariz longitudinal, tendo subjacente um modelo que assume a parentalidade e, consequentemente, a relação FV/criança como sendo multideterminadas e afetadas direta e/ou indiretamente por fatores proximais (e.g., temperamento da criança) e distais ou sociocontextuais como a qualidade da relação conjugal (e.g., satisfação conjugal), o suporte social (e.g., familiar, emocional) e a interface com o contexto profissional (e.g., satisfação profissional, conflito).

O autor considerou que a parentalidade e a relação FV/criança se desenvolvem em (des)equilíbrios permanentes face ao impacto dos diferentes fatores proximais e distais. O risco que pode representar o impacto de um fator (e.g., conflito conjugal) tenderá a ser compensado por recursos oriundos da influência de outro(s) fator(es) (e.g., suporte social de familiares e amigos). Este equilíbrio poderá ser prejudicado quando estiverem presentes múltiplas vulnerabilidades (e.g., transtorno de personalidade da FV e temperamento irritável da criança), cujo impacto cumulativo poderá não ser compensado pelos recursos existentes oriundos de outros fatores. O aumento dos factores de risco aumenta a probabilidade de a criança apresentar uma vinculação insegura (Belsky, 1996; Belsky & Isabella, 1988; Belsky & Jaffee, 2006; Belsky, Rosenberger, & Crnic, 1995). Belsky e Fearon (2002) classificam o risco acumulado de baixo (na presença de um factor

de risco), moderado (na presença de dois factores de risco) ou elevado (presença de 3 ou mais factores de risco). Face ao exposto (Belsky, 1984, 1996, 2005), importa compreender o impacto de múltiplos determinantes na qualidade da parentalidade e na segurança da vinculação, privilegiando análises que contemplam em simultâneo o efeito direto e indireto.

Nesta linha, é importante analisar os fatores relacionados com os contextos, sendo intenção do presente estudo analisar o papel do contexto parental, do contexto conjugal e familiar na qualidade da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses. Enquanto determinantes da segurança da vinculação, serão abordados, seguidamente, a *mind-mindedness* parental representacional (indicador da qualidade da parentalidade), o ajustamento diádico/conjugal (indicador do contexto conjugal), bem como o suporte social e os benefícios/constrangimentos na conciliação trabalho/família (indicadores do contexto familiar).

3.1 Contexto parental: *mind-mindedness*

A importância da qualidade da prestação de cuidados pela(s) FV para o desenvolvimento da criança está amplamente demonstrada e a sua contribuição para as diferenças individuais na segurança da vinculação é um dos pressupostos da Teoria da Vinculação (Bowlby, 1969/1982, 1973/1979, 1980).

A sensibilidade parental na prestação de cuidados durante a infância pode ser definida como a competência para perceber e interpretar de forma apurada os sinais e as comunicações implícitas nos comportamentos dos seus filhos e, tendo em conta esta compreensão, responder de forma apropriada (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974). Evidências empíricas comprovam que a sensibilidade parental desempenha um papel preditor relativamente à segurança da vinculação da criança (cf. De Wolff & van IJzendoorn, 1997). No entanto, a força da associação encontrada é caracterizada entre baixa e moderada, e explica apenas uma parte limitada da variabilidade da qualidade da vinculação da criança (cf. De Wolff & van IJzendoorn, 1997).

Ainsworth (1971) ressaltou que a relação entre a segurança da vinculação da criança e a sensibilidade da FV deveria ter sempre em consideração a adequação da resposta realizada pela FV para o comportamento da criança, o que pressupõe um nível de

interpretação por parte da figura cuidadora, e não somente uma resposta imediata. Segundo Meins, Fernyhough, Fradley, e Tuckey (2001) este aspeto não foi acautelado em algumas investigações realizadas. A avaliação da sensibilidade da figura cuidadora levantou questões metodológicas e teóricas uma vez que diversos estudos realizados apresentaram diferentes operacionalizações (cf. Lundy, 2003). Ainsworth, Bell, e Stayton (1974) diferenciam o comportamento das FV sensíveis e menos sensíveis, destacando a importância da adequação da resposta/interação. Segundo os autores, as FV sensíveis evitam interferir com as atividades que a criança estivesse a desenvolver, monitorizando e reforçando à distância, fornecendo-lhes, com frequência, uma narrativa para a interpretação que fazem do seu comportamento. Por outro lado, as FV menos sensíveis tendiam a interpretar mal os comportamentos das crianças e, apesar de responderem prontamente aos sinais/comportamentos exibidos, a resposta, com frequência, não é sintónica com as necessidades, por exemplo: iniciam comportamentos de socialização com a criança quando esta sinaliza fome; alimentam a criança em resposta a tentativas desta de início de sequências de interação social; ou brincam quando a criança está cansada (Ainsworth et al., 1974).

Nesta linha houve necessidade de uma reavaliação do conceito, considerando que a capacidade de resposta às necessidades físicas e emocionais da criança deveria ser diferenciada da capacidade ou vontade da FV em se envolver com a criança a um nível mental (cf. Meins, Fernyhough, Fradley, & Tuckey, 2001).

Dada a ênfase de Ainsworth (1974) na necessidade de uma *responsividade adequada*, é importante diferenciar a responsividade parental a necessidades físicas e emocionais expressas pela criança, da capacidade parental para entender e apresentar interações ou descrições da criança enquanto indivíduo mentalmente diferenciado. Neste sentido, Meins (1997) introduziu o conceito de *mind-mindedness*, definido como a tendência dos pais em concetualizarem e lidarem com o/a filho/a como um ser autónomo com estados mentais específicos e diferenciados dos seus, mais especificamente a FV apresentar a tendência de, em contexto de entrevista, descrever o/a filho/a utilizando atributos mentais em detrimento de características físicas e/ou comportamentais (cf. Meins, Fernyhough, Russell, & Clark-Carter, 1998); e em situação de interação, atribuir significado a vocalizações precoces do/a filho/a e realizar comentários apropriados acerca de pensamentos e sentimentos que inferem sobre os/as filhos/as (cf. Meins et al., 2001).

Meins (2013) sugere que o discurso da FV fornece uma representação apurada acerca da compreensão da FV sobre os estados mentais da criança, assim como, acerca das atribuições subjacentes à resposta dada.

Uma figura parental com uma elevada *mind-mindedness* considera os pensamentos e as perspetivas da criança como ser único e individual sendo, por isso, capaz de realizar inferências apuradas acerca do estado mental da criança e responder de forma apropriada (e.g., Farrow & Blissett, 2014). A *mind-mindedness* implica que a figura cuidadora seja capaz e esteja disposta a mudar seu foco de atenção em função dos sinais/pistas da criança. Desta forma, a concetualização de *mind-mindedness* vai para além da sensibilidade da FV às necessidades físicas e/ou emocionais da criança, ao focar a sensibilidade da FV especificamente para os estados mentais da criança (e.g., Meins, 2013; Meins et al., 2001). A capacidade de interpretar os estados mentais que regulam o comportamento das crianças é mais facilmente observada quando estão satisfeitas as necessidades físicas e emocionais da criança (Meins et al., 2001). Uma FV com elevada *mind-mindedness*, em situação de jogo, é capaz de considerar o que a criança mais gosta e/ou tem vontade de jogar, em vez de pressionar para brinquedos/brincadeiras da sua preferência. Se a criança mostra frustração, esta é reconhecida pela FV, sendo capaz de inferir a causa e procurar alternativas (não se limitando a repreender). Pais com níveis baixos de *mind-mindedness* tendem a percecionar a criança em função das características físicas, comportamentais ou em termos de necessidades biológicas que devem ser satisfeitas (e.g., Rosenblum, Mcdonough, Sameroff, & Muzik, 2008).

O papel da *mind-mindedness* parental para o desenvolvimento da qualidade da vinculação dos/as filhos/as foi examinado em algumas investigações. Em 1998, Meins e colaboradores[3], no estudo original, em díades mãe-filho/a (idade média de 37 meses), verificaram que o grupo de mães com filhos/as com uma vinculação segura, relativamente às que possuem filhos/as com uma vinculação insegura, apresentavam valores mais elevados ao nível da *mind-mindedness* representacional. As mães de crianças com uma organização segura da vinculação utilizavam mais atributos mentais na descrição dos/as filho/as do que físicos ou comportamentais. Em situação de interação no primeiro ano de vida (*mind-mindedness* interacional), os comentários mentais (Laranjo, Bernier, & Meins,

2008[1]; Lundy, 2003[2]) apropriados (Arnott & Meins, 2007[3]; Meins et al., 2001[3]) e não apropriados (Meins et al, 2012[3]), por parte da mãe (Laranjo et al., 2008; Lundy, 2003; Meins et al., 2001; Meins et al, 2012) e do pai (Arnott & Meins, 2007; Lundy, 2003), foram preditores da segurança da vinculação do/a filho/a aos 12/15 meses, diferenciando os três padrões de vinculação (Meins et al., 2001). As mães com filhos/as classificados/as como seguros/as apresentavam níveis mais reduzidos de comentários não apropriados quando comparadas com as mães de crianças com uma organização insegura. Os dois padrões de vinculação de insegurança foram diferenciados pelos níveis de comentários mentais não apropriados, sendo que as mães das crianças classificadas como inseguro-resistentes apresentam valores mais elevados (Meins et al., 2012).

Arnott e Meins (2007), ao estudarem a relação entre a qualidade da vinculação, a *mind-mindedness* interacional do pai e da mãe (interação aos 6 meses de idade das crianças) e a qualidade da vinculação dos/as filhos (aos 12 meses), destacaram como principais resultados a associação entre níveis elevados de *mind-mindedness* dos pais e a segurança da vinculação das crianças. Nesse sentido, ressaltaram que (1) todas as crianças com pais seguros e com elevada *mind-mindedness* foram classificadas como seguras; (2) a maioria das crianças com mães inseguras e todas as crianças com pais inseguros e com níveis baixos de *mind-mindedness* foram classificadas como tendo uma vinculação insegura; (3) não foi encontrada consistência na associação entre a qualidade da vinculação dos/as filhos/as dos pais classificados como inseguros e com uma *mind-mindedness* elevada, ou entre a qualidade da vinculação dos/as filhos/as dos pais classificados como seguros e com uma *mind-mindedness* baixa. Os autores acrescentaram que, apesar de existirem pistas para a existência de um modelo mediador, as características da amostra não permitiram esta exploração.

Laranjo, Bernier, e Meins (2008) validaram empiricamente o papel mediador da sensibilidade materna na relação entre a *mind-mindedness* (interacional) materna e a qualidade da vinculação do/a filho/a. Resultados que, estando de acordo com os estudos de Lundy (2003), contrariam os resultados de Meins e colaboradores (2001) que destacaram a sensibilidade e a *mind-mindedness* representacional materna enquanto

[1] Organização da vinculação avaliada aos 15 meses de idade da criança através do Attachment Q-Sort (AQS:Waters & Deane, 1985) realizado por um investigado.

[2] Organização da vinculação avaliada aos 6 meses de idade da criança através do Attachment Q-Sort (AQS:Waters & Deane, 1985) realizados pelos progenitores.

[3] Organização da vinculação avaliada aos 12 meses de idade da criança através do procedimento da Situação Estranha (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

preditores isolados da segurança da vinculação dos/as filhos/as, mas validam empiricamente a conceção da *mind-mindedness* enquanto pré-requisito para a sensibilidade materna, conforme sugestão de Meins (1999). De acordo com Laranjo e colaboradores (2008), uma das razões para estes resultados discrepantes, poderá ter sido as diferenças metodológicas entre os estudos.

Em síntese, evidências empíricas comprovaram a associação entre *mind-mindedness* representacional das mães e a segurança da vinculação das crianças (Meins et al., 1998), assim como o papel preditor da *mind-mindedness* interacional para a qualidade da vinculação dos/as filhos/as (e.g., Arnott & Meins, 2007; Laranjo et al., 2008; Lundy, 2003; Meins et al, 2012; Meins et al., 2001).

3.1.1 Avaliação da mind-mindedness

Na produção científica subordinada à *mind-mindedness* diferencia-se os conceitos de *mind-mindedness* interacional e *mind-mindedness* representacional: a *mind-mindedness* interacional (também denominada de *on-line*) é analisada em contexto de interação FV/criança; e, a *mind-mindedness*s representacional (também denominada de *off-line*) é analisada em contexto de entrevista à FV, realizada pelo/a investigador/a.

A *mind-mindedness* interacional é avaliada em situação de interação lúdica entre a FV e a criança, possibilitando analisar a tendência da FV utilizar comentários mentais apropriados com a criança (cf. Meins et al., 2001). Desta forma é possível ter acesso à vontade e capacidade da FV ler o comportamento da criança inferindo, através deste, os estados mentais, e associando à interação a narrativa interpretativa do que a criança está a pensar e a sentir (e.g., Meins, 2013). A avaliação da *mind-mindedness* interacional é realizada tendo por base a transcrição da videogravação de uma atividade de interação entre a FV e a criança. Tendo em conta o conteúdo das frases transcritas, o método de cotação permite analisar indicadores quantitativos (comentários de estados mentais, processos mentais, envolvimento emocional, utilização de linguagem referenciada a si e estados epistémicos) e indicadores qualitativos (total percentual dos comentários mentais classificados como adequados ou não adequados) (cf. Meins et al., 2001).

A *mind-mindedness* representacional é avaliada em situação de entrevista realizada pelo/a investigador/a à FV, na qual se solicita que ñdescreva o/a filho/aò, assegurando que não há respostas corretas. Segundo Meins (2013), esta entrevista permite avaliar a tendência da FV para se concentrar nos atributos mentais das crianças em detrimentos de atributos não mentais como comportamentais ou físicos. Meins (1999) considera que a utilização de atributos mentais reflete a capacidade da FV para conceber a criança como tendo uma vida mental distinta e independente da sua. A avaliação da *mind-mindedness* representacional é realizada tendo por base a transcrição integral da entrevista semiestruturada desenvolvida por Meins e colaboradores (1998). Tendo em conta o conteúdo das frases transcritas, o método de cotação permite o total percentual de comentários mentais em cinco categorias, nomeadamente mental, comportamental, físico, geral e auto-referência.

O sistema de análise e cotação das duas medidas de *mind-mindedness*, apesar de terem por base a propensão da FV para utilizar comentários mentais, são diferentes. A medida da *mind-mindedness* interacional para além da identificação dos comentários mentais, pela análise do contexto comportamental da interação, possibilita a categorização dos comentários mentais em adequados ou não adequados (cf. Meins et al., 2001).

Apesar de a avaliação da *mind-mindedness* interacional e representacional ser efetuada por metodologias diferentes, há evidências empíricas da sua convergência, validando a avaliação de um mesmo constructo.

Meins e colaboradores (2003) descreveram associação entre a *mind-mindedness* interacional materna em situação de interação lúdica com a criança aos 6 meses de idade, e a utilização de atributos mentais na descrição das crianças aos 48 meses (*mind-mindedness* representacional). Arnott e Meins (2008) relataram associação entre a descrição dos progenitores acerca da criança no último trimestre da gravidez em termos de atributos mentais (*mind-mindedness* representacional) e a posterior utilização de comentários mentais adequados (considerando a mãe e o pai) e não adequados (considerando o pai) em situação lúdica de interação aos seis meses de idade (*mind-mindedness* interacional). Numa amostra de 39 tríades pai/mãe/criança, aos 4 anos de idade da criança, Lundy (2013), face aos resultados obtidos descreveram a existência de

associação significativa entre a *mind-mindedness* interacional e a *mind-mindedness* representacional dos pais e das mães.

Em síntese, os estudos publicados até ao momento validam a convergência entre a *mind-mindedness* interacional e representacional dos pais (Arnott & Meins, 2008; Lundy, 2013) e das mães (Arnott & Meins, 2008; Lundy, 2013; Meins et al., 2003).

3.1.2 *Mind-mindedness* dos pais e das mães

Apesar de a sociedade e de os papéis sociais terem sofrido mudanças relevantes nas últimas décadas, nomeadamente ao nível do papel do pai no exercício da parentalidade, a informação acerca da sua contribuição para o desenvolvimento socioemocional da criança é limitada. Até ao presente momento, apenas quatro estudos subordinados à temática da *mind-mindedness* integram a figura paterna, comtemplando as tríades pai/mãe/criança, tendo sido exploradas as diferenças de género dos progenitores relativamente à *mind-mindedness*, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Lundy, 2003, 2013; Arnot & Meins, 2007, 2008).

Avaliando a *mind-mindedness* interacional, aos 6 meses de idade das crianças, Lundy (2003) não encontrou diferenças na frequência de comentários mentais na globalidade. No entanto, relatou diferenças de género significativas na categoria dos comentários, os pais apresentavam uma maior utilização de comentários mentais focados na resolução de problemas enquanto as mães fizeram uma maior utilização de comentários mentais focados na linguagem. Aos 4 anos de idade das crianças, Lundy (2013) não encontrou diferenças significativas entre os pais e as mães ao nível da *mind-mindedness* interacional e representacional. Arnott e Meins (2008) não encontraram diferenças relativamente à *mind-mindedness* representacional, avaliada no último trimestre da gravidez. Arnott e Meins (2007), não encontraram diferenças de género face à *mind-mindedness* interacional (avaliada aos 6 meses de idade das crianças) ao nível dos comentários adequados ainda que, ao nível dos comentários não adequados os pais apresentassem tendência para uma maior utilização

Em síntese não foram encontradas diferenças entre os pais e as mães relativamente à *mind-mindedness* interacional (Arnott & Meins, 2007; Lundy, 2003, 2013) ou representacional (Arnott & Meins, 2008; Lundy, 2013).

A não existência de diferenças entre os progenitores relativamente à *mind-mindedness* levou os investigadores a procurarem a existência de concordância ao nível dos cônjuges. Foi encontrada concordância estatisticamente significativa entre os cônjuges quanto à *mind-mindedness* interacional (Arnott & Meins, 2007; Lundy, 2013) e representacional (Lundy, 2013). Esta concordância pode sugerir que os progenitores por mútua influência foram adotando igual procedimento, mas não invalida que estes pudessem partilhar à partida valores e crenças similares relativamente à educação das crianças (Lundy, 2013)

Arnott e Meins (2008), tendo por objetivo analisar a continuidade da *mind-mindedness* dos pais e das mães na transição para a parentalidade, avaliaram a *mind-mindednes* representacional no decurso do último trimestre de gravidez (tendo sido solicitado aos progenitores a descrição dos/as futuros filho/as, prevendo como seriam aos 6 meses de idade) e a *mind-mindednes* interacional aos 6 meses de idade da criança. Os autores relataram que uma maior disponibilidade ou capacidade de falar sobre as características dos/as filhos/as por nascer se encontrava associada a uma maior utilização de comentários mentais adequados (por parte do pai e da mãe) e desadequados (por parte do pai) em situação de interação lúdica aos 6 meses.

A *mind-mindedness* dos progenitores e a segurança da vinculação das crianças revelaram estar significativamente associadas. Lundy (2003) relata que para ambos os progenitores, apenas os comentários sobre os estados mentais (e.g., pensamentos, desejos) apresentaram um valor preditivo relativamente à sincronia interacional e à segurança da vinculação criança/FV (criança/mãe e criança/pai). Arnott e Meins (2007) valida o papel preditor da *mind-mindedness* para a segurança da vinculação da criança, resultado que apesar de válido para ambos os progenitores se revelou mais forte para os pais.

Em conjunto, estes estudos permitiram concluir que, relativamente à *mind-mindedness*: não existiam diferenças entre os pais e as mães (Arnott & Meins, 2007, 2008; Lundy, 2003, 2013); presença de continuidade na transição para a parentalidade (Arnott & Meins, 2008); e concordância entre os cônjuges (Arnott & Meins, 2007; Lundy, 2013).

3.1.3 Implicações da *mind-mindedness* parental para o desenvolvimento da criança

A literatura existente destaca que a *mind-mindedness* por parte dos progenitores apresentou claras implicações para o desenvolvimento das crianças, estando associada ao desenvolvimento da linguagem, sucesso em tarefas da teoria da mente, desenvolvimento cognitivo e funcionamento executivo, bem como uma maior compreensão da perspetiva dos outros.

Uma exposição regular aos comentários adequado da FV (e de outros significativos) sobre os estados mentais facilitaria à criança o desenvolvimento da linguagem expressiva, por permitir uma integração progressiva de novas palavras no discurso emergente (Laranjo & Bernier, 2013). A literatura apresentou evidências da associação entre a *mind-mindedness* das FV e o desenvolvimento da linguagem da criança, destacando o papel preditor da *mind-mindedness* das FV relativamente ao desenvolvimento da linguagem (global e referente aos estados internos) dos/as filhos/as (e.g., Laranjo & Bernier, 2013; Meins, Fernyhough, Arnott, Leekam, & de Rosnay, 2013).

Diferenciando os tipos de comentários sobre os estados mentais utilizados pela FV (e.g., cognições, pensamentos, desejos), foi analisado o seu papel para o desenvolvimento da linguagem da criança. Foi, empiricamente validado, que os comentários da FV sobre desejos (aos 15 meses de idade) apresentaram-se como preditores do desenvolvimento da linguagem aos 24 meses de idade da criança (Taumoepeau & Ruffman, 2006). Na mesma linha comentários da FV sobre pensamentos e conhecimentos (aos 24 meses de idade da criança) desempenharam um papel preditor do desenvolvimento da linguagem aos 33 meses de idade da criança (Taumoepeau & Ruffman, 2008). Acresce ainda que comentários da FV sobre cognições (aos 12 meses de idade da criança) atuaram como preditores do desenvolvimento da linguagem expressiva aos 24 meses de idade da criança (Laranjo & Bernier, 2013).

A *mind-mindedness* das FV apresenta também associações com a utilização, por parte da criança, de linguagem sobre os seus **estados internos**. A utilização, por parte da figura parental, de um discurso interacional pontuado com comentários sobre os estados mentais da criança (e.g., cognições, desejos, emoções, intenções), possibilita à mesma o

acesso a uma expressão narrativa para os acontecimentos internos e externos. A exposição contínua a interações associadas a narrativas qualitativa e quantitativamente ricas, possibilita à criança a organização de um discurso semelhante, onde a expressão verbal dos seus estados internos será organizada e coerente ï possibilita o desenvolvimento de uma linguagem acerca dos seus próprios estados mentais. Esta criança desenvolverá a capacidade de integrar na sua linguagem a expressão de emoções, desejos, intenções, crenças. Uma FV com elevada *mind-mindedness* é sensível às dificuldades e ao nível desenvolvimental da criança, pelo que estará atenta ao seu nível de compreensão e ajustará o discurso à idade (Taumoepeau & Ruffman, 2006, 2008).

A *mind-mindedness* da FV promove a capacidade da criança de levar em consideração os próprios estados mentais, bem como os das outras pessoas, com a finalidade de compreender e predizer o comportamento (e.g., Meins, 2013). O desenvolvimento desta capacidade possibilita à criança considerar o que as outras pessoas pensam, sentem e fazem, competência imprescindível em quase todas as situações sociais (Jou & Sperb, 1999).

Durante os primeiros anos de vida a criança, gradualmente, aprende a colocar-se no lugar de terceiros, imaginando como poderão estar a pensar, perceber ou sentir acerca de um objeto, de outra pessoa ou situação (Moll & Meltzoff, 2011). Esta capacidade para perceber os estados mentais dos outros (e.g., desejos, perceções, crenças, intenções, emoções) é denominada de teoria da mente (ToM) e tem sido alvo de múltiplas investigações (cf. Hughes, 2011).

Meins (1997) considerou que a *mind-mindedness* das FV (em momentos precoces) e de outros significativos (em momentos posteriores) facilita às crianças a interiorização de representações de si e do outro. Ou seja, tratar as crianças enquanto seres com uma mente própria, distinta dos adultos, desenvolve a sua capacidade para compreender os estados mentais dos outros.

Meins e colaboradores (2002), no âmbito de um estudo longitudinal, relataram que os comentários adequados da mãe (*mind-mindedness*) aos 6 meses de idade das crianças se mostraram preditores das tarefas da teoria da mente aos 45 /48 meses. Os autores acrescentaram que, quando considerada a *mind-mindedness* da mãe todas as outras variáveis sociocontextuais usualmente correlacionadas com a ToM (e.g., nível

educacional da mãe, número de irmão, segurança da vinculação) deixaram de apresentar um valor preditor independente. Estudos posteriores (Meins et al., 2003) destacaram o forte papel preditor da *mind-mindedness* da mãe (aos 6 meses de idade das crianças) para o sucesso nas tarefas da ToM aos 45/48 meses, comparativamente com a *mind-mindedness* das mães aos 45/48 meses. Diferentes estudos transversais e longitudinais reiteram estes resultados ao encontrarem associações entre a *mind-mindedness* da mãe e o sucesso da criança em diferentes tarefas da teoria da mind (e.g., Meins et al., 2013), especialmente na compreensão da falsa crença e da tomada de perspetiva visual (Laranjo, Bernier, Meins, & Carlson, 2014), bem como das emoções (e.g., De Rosnay et al., 2004).

Os diferentes tipos de comentários, acerca dos estados mentais realizados pelas FV, que constituem a *mind-mindedness* (e.g., cognições, desejos, pensamentos) encontram-se relacionados com o sucesso em tarefas da teoria da mente em diferentes faixas etárias, apresentamos como exemplos: comentários da FV sobre desejos (aos 24 meses de idade da criança) apresentaram-se como preditores dos resultados na ToM aos 48 meses de idade (Hughes & Ensor, 2007); comentários da FV sobre cognições (aos 12 e aos 24 meses de idade da criança) apresentaram-se como preditores dos resultados na ToM aos 48 e aos 60 meses de idade (Ensor, Devine, Marks, & Hughes, 2014; Laranjo et al., 2014); comentários da FV sobre emoções (aos 12 meses de idade da criança) estiveram correlacionados com a compreensão da falsa crença (Laranjo et al., 2014).

Evidências empíricas associaram baixos níveis de *mind-mindedness* dos progenitores com alterações clinicamente significativas nas crianças. A título de exemplo: Walker, Wheatcroft, e Camic (2012) analisaram as diferenças da *mind-mindedness* dos progenitores em função dos filhos integrarem ou não uma amostra clinica, sendo claramente inferior nas FV de crianças sinalizadas para acompanhamento clínico, que apresentavam alterações emocionais e comportamentais; Meins, Muñoz Centifanti, Fernyhough, e Fishburn (2013) relataram que, em famílias de baixo NSE, a *mind-mindedness* materna estava negativamente associada a alterações do comportamento por parte das crianças, nomeadamente comportamentos de internalização e externalização.

Face ao exposto, é inegável a relevância da *mind-mindedness* da FV para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, assim como a sua associação a um crescimento saudável sem sintomatologia clínica de relevo.

Tendo sido comprovada a associação entre *mind-mindedness* representacional das mães e a segurança da vinculação dos/as filhos/as aos 37 meses (Meins et al., 1998); não tendo sido relatas diferenças estatisticamente significativas entre os pais e as mães (Lundy, 2003, 2013; Arnot & Meins, 2007, 2008); tendo sido foi empiricamente validado para o papel preditor da *mind-mindedness* parental na qualidade da vinculação dos/as filhos/as para a *mind-mindedness* parental interacional aos 12/15 meses de idade dos filhos (e.g., Meins et al., 2001; Meins et al, 2012; Laranjo et al., 2008; Lundy, 2003); considerando que os estudos publicados até ao momento validaram a convergência da *mind-mindedness* interacional e representacional (e.g., Arnott & Meins, 2008; Meins et al., 2003); é nosso objetivo analisar a contribuição direta da *mind-mindedness* representacional do pai e da mãe para a variabilidade da representação da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses.

3.2 Contexto conjugal

O casal é constituído por duas pessoas, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, numa relação amorosa, constroem uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal e uma identidade conjugal ï ou seja, duas individualidades e uma conjugalidade (e.g., Féres-Carneiro, 1998).

Os estudos sobre a conjugalidade foram evoluindo, tendo início nos anos 20, acompanhando as tendências metodológicas e teóricas, bem como os paradigmas de investigação dominantes. O conhecimento científico produzido sobre esta temática é significativo e diversificado e tem contribuído para a compreensão da relação conjugal. Diferentes investigações tiveram por objetivo identificar os fatores que estão presentes nos casamentos felizes e bem-sucedidos, ou seja, identificar os determinantes da qualidade do relacionamento conjugal. Face à produção científica dos últimos 50 anos, a qualidade do relacionamento conjugal demonstrou relacionada com: o bem-estar dos cônjuges e seus filhos (e.g., Erel & Burman, 1995); uma comunicação adequada (e.g., Van den Troost, 2005); a saúde física do casal (Burman & Margolin, 1992); a depressão de um dos cônjuges (Beach, Katz, Sooyeon, & Brody, 2003); a existência de psicopatologia de um dos cônjuges (Whisman, 1999); as características de personalidade

(Ye, Wen, & Wang, 1999); e com a existência de conflito continuado (Asoodeh et al., 2010).

Na revisão da produção científica temos que ter em conta que a qualidade do funcionamento conjugal é o resultado da interação de diferentes aspetos e, desta forma, diferentes investigações têm analisado diferentes conceitos (e.g., satisfação conjugal, ajustamento diádico, conflito conjugal, comunicação). Por outro lado, há conceitos que se sobrepõem (e.g., por vezes a satisfação conjugal é avaliada enquanto índice global, no entanto, também é aferida enquanto dimensão do ajustamento diádico) ou que são utilizados como sinónimos (e.g., qualidade e satisfação conjugal). A acrescer, são apresentados resultados de estudos que envolvem desenhos transversais e longitudinais, bem como de metodologias de recolha de dados quantitativos e qualitativas. Estes aspetos distintos não facilitam uma análise comparativa dos resultados dos diferentes estudos. Na análise da literatura existente, destacam-se três conceitos básicos, nomeadamente a satisfação, o ajustamento e a qualidade conjugal.

No presente trabalho iremos analisar o ajustamento diádico conjugal segundo a concetualização de Spanier (1976). O conceito de ajustamento diádico do casal tem-se assumido como integrador de diferentes dimensões associadas à qualidade do funcionamento conjugal sendo um dos conceitos mais utilizado nas investigações sobre conjugalidade (Busby, Christensen, Crane, & Larson, 1995). O ajustamento diádico conjugal está em constante mudança, constituindo um processo dinâmico no qual o resultado é determinado pelo grau de diferenças diádicas, das tensões interpessoais e da ansiedade pessoal, da satisfação diádica, da coesão diádica e do consenso diádico sobre temáticas relevantes para o funcionamento do casal (cf. Graham, Liu & Jeziorski). Para além do ajustamento diádico global, é possível ainda estudar três dimensões que este integra, nomeadamente o consenso (perceção individual relativamente ao nível de concordância entre o casal sobre questões básicas como questões financeiras, religião, lazer, filosofia de vida), a satisfação (perceção individual sobre a existência de conflitos insuperáveis, a possibilidade de separação, a consistência da relação, o compromisso com o relacionamento), e a coesão (perceção individual sobre o grau de concordância nas questões relacionadas com a demonstração de afeto e relações sexuais).

A relação entre a qualidade do funcionamento conjugal e a qualidade da vinculação dos/as filhos/as tem sido alvo de atenção por parte da comunidade cientifica. A influência do contexto conjugal na qualidade da vinculação das crianças pode ter subjacente um mecanismo direto e/ou um mecanismo indireto e, sendo indireto, Belsky tem defendido que o seu impacto seria através da qualidade da parentalidade (cf. Belsky & Fearon, 2008).

Tomando por exemplo o conflito conjugal, é possível concetualizar a influência simultânea de um mecanismo direto e de um mecanismo indireto: (1) a vivência de uma relação conjugal caracterizada pelo conflito poderá levar os progenitores a diminuir o envolvimento, a disponibilidade emocional e a qualidade da responsividade na interação com os/as filhos/as; por sua vez a diminuição da qualidade da interação pai/criança aumenta a probabilidade de as crianças desenvolverem uma vinculação insegura; (2) contudo há a considerar que, simultaneamente, a exposição direta a um funcionamento conjugal pontuado pelo conflito (i) diminuirá a confiança da criança na figura cuidadora enquanto base segura, (ii) poderá propiciar uma inversão de papéis no sistema de prestação de cuidados se os pais procurarem apoio emocional junto das crianças, (iii) pode pressionar as crianças à tomada do partido de um dos pais, o que eleva a probabilidade de desenvolvimento de uma vinculação insegura (e.g., Belsky & Fearon, 2008; Finger, Hans, Bernstein, & Cox, 2009). Investigadores de diferentes campos conceptuais defendem que qualquer *stress* no contexto conjugal tem implicações (*spillover* na redação original) nos diferentes contextos de vida (cf. Helmes, 2013; Lavee, 2013).

Em seguida serão apresentadas evidências empíricas do impacto direto da qualidade do funcionamento conjugal na qualidade da parentalidade e na qualidade da representação da vinculação das crianças aos 36 meses, bem como o impacto indireto na representação da vinculação das crianças, através da qualidade da parentalidade.

3.2.1 Contexto conjugal e qualidade da parentalidade

A qualidade do funcionamento conjugal está associada à forma como cada cônjuge desempenha o seu papel parental, ou seja, à qualidade das suas interações com os/as filhos/as - associação validada empiricamente por diferentes investigações, em diferentes amostras, com estudos transversais e longitudinais, pela utilização de

metodologias qualitativas e quantitativas (e.g., Belsky, 1984; Belsky & Volling, 1987; Camisasca, Miragoli, & Di Blasio, 2014; Cowan & Cowan, 2000; DeVito & Hopkins, 2001; Grych, 2002; Kitzmann, 2000; Margolin, Gordis, & Oliver, 2004; Merrifield & Gamble, 2013; Sturge-Apple, Davies, & Cummings, 2006).

A conjugalidade e a parentalidade partilham, por vezes, o mesmo tempo e espaço e, desta forma, a emocionalidade sentida/expressa na interação entre os cônjuges apresenta uma elevada probabilidade de ser transferida e ter repercussões na interação da díade progenitor/criança (ocorrendo igualmente o inverso) (cf. Camisasca et al., 2014). Assim, a conjugalidade pode reforçar ou fragilizar os recursos parentais (e.g., energia, disponibilidade, atenção) e deste modo interferir com a capacidade dos progenitores para estarem disponíveis, sintónicos e responsivos face às necessidades das crianças (Belsky, 1984). Uma baixa qualidade do funcionamento conjugal poderá ter mesmo um efeito disruptivo no exercício da parentalidade, diminuindo - na interação progenitor/criança - a qualidade, o envolvimento, a responsividade e aumentando a rejeição e a agressividade (e.g., Bush & Peterson, 2013; Gerard, Krishnakumar & Buheler, 2006; Margolin et al., 2004; Webster-Stratton & Hammond, 1999). Belsky (1984) acrescentou como exemplo que se os progenitores estiverem preocupados com o futuro da relação conjugal existe uma maior probabilidade de serem menos capazes de identificarem e responderem às necessidades dos/as filhos/as. Nesta perspetiva, a qualidade da conjugalidade poderá ser espelhada na forma como decorrem as interações entre os progenitores e as crianças.

A relação entre a qualidade da relação conjugal e a qualidade da parentalidade foi analisada em múltiplas investigações, tendo a sua operacionalização sido realizada com base em diferentes conceitos. Será abordada a qualidade da conjugalidade tendo em conta a satisfação/insatisfação conjugal, a qualidade das interações entre os cônjuges, o conflito e a sua resolução assim como o ajustamento diádico.

Tendo em conta a satisfação/insatisfação conjugal, constatou-se que uma elevada satisfação conjugal influencia a qualidade da interação pai/mãe-criança, levando a uma parentalidade mais responsiva, com maior investimento, sensível, afetuosa, com reduzida hostilidade e a interações mais harmoniosas com as crianças (e.g., Cowan & Cowan, 2000; Goldberg & Easterbrooks, 1984; Lickenbrock & Braungart-Rieker**,** 2015; Merrifield & Gamble, 2013; Sturge-Apple et al., 2006). A insatisfação conjugal apresenta

um efeito disruptivo na qualidade do papel parental, sendo o comportamento parental mais permissivo e mais autoritário (e.g., DeVito & Hopkins, 2001).

Foi também considerada a influência da qualidade das interações entre os cônjuges, tendo sido relatado que, por um lado, interações positiva entre os cônjuges (e.g., partilha de interesses, cumplicidade, resolução adequada de conflitos, manifestações de afeto, manifestações de prazer) foram associadas a competências parentais mais eficazes e com menos *stress*, bem como interações progenitores/crianças mais positivas e responsivas (e.g., Belsky & Volling, 1987; Mulsow, Caldera, Pursley, Reifman, & Huston, 2002); e por outro, as interações negativas no casal, mostraram-se associadas a práticas educativas mais negativas, menos democráticas, sendo as interações com as crianças pautadas por menos carinho, envolvimento e suporte (e.g., Kitzmann, 2000).

Por outro lado, uma relação conjugal caracterizada por elevado conflito e satisfação reduzida está associada a uma parentalidade mais agressiva, com menos proximidade afetiva, sendo caracterizada por interações progenitor/criança permissivas, tensas e hostis (e.g., Gerard et al., 2006; Margolin et al., 2004).

Por último, o ajustamento diádico conjugal sendo um processo dinâmico, mostra-se sensível à transição para a parentalidade e à sua evolução ao longo do tempo. Com a parentalidade, os elementos do casal adicionam aos papéis que desempenham na vida o papel parental, o que implica uma alteração considerável nas suas dinâmicas individuais e nos processos de ajustamento diádico. Menor ajustamento diádico global (e as três dimensões - consenso, satisfação e coesão) está associado a um *stress* parental mais elevado e a interações dos progenitores com crianças pontuadas por menor envolvimento e responsividade (e.g., Camisasca et al., 2014). Ao nível do consenso, satisfação e coesão conjugal apresentam-se diferenças entre os pais e as mães: para as mães, o consenso e a coesão conjugal apresentam um maior impacto na qualidade das interações com as crianças; enquanto para os pais a dimensão com maior influência é a satisfação conjugal.

Camisasca, Miragoli, e Di Blasio (2014) consideraram que estas diferenças poderiam estar relacionadas com uma maior responsabilidade da mãe nas tarefas domésticas e educação dos filhos. Desta forma, as mães estariam mais sensíveis (do que os pais) aos aspetos da relação conjugal que focam a partilha e o suporte do cônjuge face a objetivos, tarefas, e compromisso.

Em síntese, o funcionamento adequado da relação conjugal estria associada a uma parentalidade caracterizada pelo investimento, responsividade, auto-eficácia, afeto e redução da hostilidade (e.g., Camisasca et al., 2014; Grych, 2002; Merrifield & Gamble, 2013; Sturge-Appl et al., 2006). Por outro lado, o conflito conjugal mostrou-se associado à demissão do pai do papel parental e o seu envolvimento em interações disfuncionais caracterizadas por permissividade, hostilidade e tensão (Camisasca et al., 2014; Grych, 2002; Margolin et al., 2004).

3.2.2 Contexto conjugal e qualidade da vinculação das crianças

Reconhecida a importância das variáveis contextuais para o desenvolvimento socioemocional das crianças, a influência direta da qualidade da relação conjugal na qualidade da vinculação dos/as filhos/as tem sido objeto de análise em diferentes investigações.

Em contraste com alguns estudos que não encontraram qualquer associação entre a qualidade do funcionamento conjugal e a qualidade da vinculação das crianças (e.g., Belsky, 1996; Das Eiden, Teti & Corns, 1995; Harrison & Ungerer, 2002; Zeanah et al., 1993), outras investigações realizadas validaram empiricamente esta associação em diferentes amostras, de vários países e em investigações de desenho transversal e longitudinal (e.g., Coyl-Shepherd & Newland, 2013; Finger et al., 2009; Lindsey, Caldera, & Tankersley, 2009; Moss, Cyr, Bureau, Tarabulsy, & Dubois-Comptois, 2005; Owen & Cox, 1997; Posada & Pratt, 2008).

Tal como referenciado, uma vez que o funcionamento da relação conjugal é multidimensional, são diversas as dimensões utilizadas na investigação realizada. São apresentados resultados do impacto de três dimensões do funcionamento da relação conjugal na qualidade da vinculação das crianças, nomeadamente a satisfação, o conflito e o ajustamento diádico conjugal.

A satisfação conjugal percecionada pelas mães está associada à segurança da vinculação dos/as filhos/as com idades entre os 13 e os 33 meses (Howes & Markman,

1989), entre os 7 e os 11 anos (Coyl-Shepherd & Newland, 2013). Estes resultados não foram replicados quando considerados os pais (Coyl-Shepherd & Newland, 2013).

O conflito conjugal percecionado pela mãe (Finger et al., 2009; Howes & Markman, 1989; Lindsey et al., 2009; Posada & Pratt, 2008) e pelo pai (Lindsey et al., 2009) mostrou-se negativamente associado à segurança da vinculação das crianças com idades entre os 13 e os 33 meses (Howes & Markman, 1989), entre os 16 e os 21 meses (Finger et al., 2009), entre os 22 e os 24 meses (Lindsey et al., 2009) bem como entre os 36 e 43 meses (Posada & Pratt, 2008). A perceção de conflito conjugal permitiu diferenciar as mães com filhos/as com uma vinculação segura das mães com filhos com uma vinculação insegura (Finger et al., 2009) e, desempenhou um papel preditor na insegurança da vinculação das crianças com idades entre 16 e 21 meses (Finger et al., 2009) e, entre os 36 e 43 meses (Posada & Pratt, 2008). Ou seja, o conflito conjugal elevado e continuado revelou estar associado a uma menor segurança dos/as filhos/as em relação à vinculação (e.g., Finger et al., 2009; Howes & Markman, 1989; Posada & Pratt, 2008), predizendo menos segurança na relação de vinculação da criança com o pai e com a mãe, aos 12 meses de idade (Owen & Cox, 1997).

Por último, o conceito de ajustamento diádico do casal tem-se assumido como integrador de diferentes dimensões associadas à qualidade do funcionamento conjugal. Este conceito integra as tensões interpessoais, a satisfação, a coesão e o consenso sobre questões relevantes para o funcionamento do casal (cf. Graham et al., 2006). Um maior ajustamento diádico relatado pelas mães esteve associado à segurança da vinculação das crianças (e.g., Bretherton, Ridgway, & Cassidy, 1990; Coyl-Shepherd & Newland, 2013). Destacamos o estudo de Coyl-Shepherd e Newland (2013), que relatou a associação do ajustamento diádico percecionada pela mãe (mas não pelo pai) e a qualidade da vinculação dos/as filhos, realçando uma correlação positiva significativa com o padrão seguro e uma correlação negativa significativa com o padrão inseguro-ambivalente. Ou seja, as mães com filhos/as com uma representação segura da vinculação apresentavam uma perceção superior de satisfação conjugal comparativamente às mães com filhos/as com uma representação insegura da vinculação. Acresce ainda que as mães com filhos/as com um padrão inseguro-ambivalente apresentavam uma perceção mais baixa de satisfação conjugal diádica comparativamente às mães com filhos/as com o padrão seguro e inseguro-evitante da vinculação.

A ressaltar que a associação entre a qualidade da relação conjugal e a qualidade da vinculação se confirma maioritariamente para as mães (mas não para os pais), sendo o conflito conjugal a exceção em que se confirma para ambos os cônjuges.

A transição para a parentalidade foi também analisada nos estudos que abordam o impacto direto da qualidade do funcionamento da relação conjugal na qualidade de vinculação das crianças. A qualidade da relação de casal (Wong, Mangelsdorf, Brown, Neff, & Schoppe-Sullivan, 2009), a satisfação (Howes & Markman, 1989), a harmonia (Lewis, Owen, & Cox, 1988) e o conflito conjugal (Howes & Markman, 1989) apresentado por parte das mães (Howes & Markman, 1989; Lewis et al., 1988; Wong et al., 2009) e dos pais (Owen & Cox, 1997), avaliados no período pré-natal, apresentaram um papel preditor da segurança da vinculação entre os 4 e os 6 meses (Owen & Cox, 1997), aos 12/13 meses (Lewis et al., 1988; Wong et al., 2009) e, entre 12 e os 36 meses (Howes & Markman, 1989).

Na sua generalidade as diferentes investigações concluiram que a exposição das crianças a um funcionamento conjugal adequado (e.g., maior satisfação conjugal, maior ajustamento diádico conjugal, maior harmonia conjugal, melhor resolução de conflito, comunicação mais eficaz, maior consenso nas decisões, maior coesão entre os conjuges, suporte percecionado como disponível) estaria associada a uma maior probabilidade de desenvolverem uma vinculação segura às figuras cuidadoras, quando comparadas às crianças que cresciam em famílias que apresentavam um funcionamento conjugal desajustado (e.g., Bretherton et al., 1990; Coyl-Shepherd & Newland, 2013; Finger et al., 2009; Hopkins et al., 2013; Howes & Markman, 1989; Lindsey et al., 2009; Owen & Cox, 1997; Posada & Pratt, 2008). A destacar ainda que uma diminuição significativa da satisfação conjugal entre os 42 e os 66 meses da criança, foi associada à alteração de uma representação segura da vinculação da criança aos 42 meses para uma vinculação desorganizada aos 66 meses (Moss et al., 2005).

3.2.3 Contexto conjugal, qualidade da parentalidade e qualidade da vinculação das crianças

O mecanismo indireto explicativo da influência da qualidade da relação conjugal na qualidade da vinculação da criança tendo em consideração a qualidade da parentalidade, tem também constituído objetivo de estudo, existindo investigações que validam empiricamente a sua existência (e.g., Isabella, 1994; Frosch, Mangelsdorf, & McHale, 2000; Hopkins, Gouze, & Lavigne, 2013; Wong et al., 2009) e outras que não validam (e.g., Finger et al., 2009; Owen & Cox, 1997).

A título de exemplo, a investigação desenvolvida por Finger, Hans, Bernstein, e Cox (2009) não encontrou suporte para um modelo mediador na relação entre a qualidade da relação conjugal e a qualidade da vinculação através da qualidade da parentalidade. Os autores apresentaram resultados de 79 díades mãe/criança, tendo as crianças idades entre os 16 e os 21 meses. Foi analisado o papel mediador do comportamento da mãe em situação de interação com a criança (nomeadamente responsividade/sensibilidade e comportamento problemático) na relação entre o conflito conjugal (avaliado por entrevista) e a segurança da vinculação (avaliada através da situação estranha). O conflito conjugal revelou ser um preditor significativo da segurança da vinculação; mostrou-se correlacionado com a sensibilidade/responsividade e comportamento problemático da mãe; o comportamento da mãe (sensibilidade/responsividade) diferencia a organização segura da vinculação relativamente à organização insegura; no entanto, a qualidade da parentalidade não foi validada enquanto variável mediadora.

Tal como referenciado o impacto da qualidade da relação conjugal na qualidade da vinculação da criança através da qualidade da parentalidade também tem sido empiricamente comprovado. A titulo de exemplo, as variações na sensibilidade/*scaffolding* e na hostilidade/coerção (por parte dos progenitores) contribuiram para explicar conflito conjugal relativamente à qualidade da vinculação dos/as filhos/as aos 48 meses (Hopkins et al. 2013); enquanto a qualidade da parentalidade apenas da parte da mãe (nas dimensões hostilidade, sensibilidade, envolvimento e suporte) contribuiu para explicar o papel preditor do conflito/hostilidade conjugal em relação à segurança da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses (Frosch et al., 2000). Um nível de conflito elevado na relação conjugal foi preditor de uma interação

das mães com os/as filhos/as marcada por mais hostilidade, menos suporte, menos *scaffolding*, o que se traduz em menos segurança nos/as filhos/as em relação à vinculação.

Isabella (1994) ilustrou os efeitos indiretos da qualidade da relação conjugal (avaliada no período pré-natal) enquanto preditor da segurança da vinculação da criança (avaliada aos 12 meses de idade), relatando que: uma maior satisfação conjugal (avaliada no período pré-natal) apresentou um papel preditor para uma maior satisfação face ao papel maternal (4º mês após o parto), que por sua vez predizia uma maior sensibilidade maternal passados cinco meses e que, por sua vez, predizia a segurança da vinculação aos 12 meses.

Estes resultados ilustram uma clara relação entre a qualidade elevada do funcionamento conjugal a qualidade elevada da parentalidade, que por sua vez aumenta a probabilidade de as crianças desenvolverem uma vinculação segura. O oposto é também reconhecido, um funcionamento conjugal deficitário associa-se a uma parentalidade desadequada, com impacto na vinculação (insegura) das crianças.

Apesar de, na grande maioria das investigações realizadas a qualidade da relação conjugal ser avaliada por intermédio de auto-relatos, existem estudos que o fazem tendo por base a análise da interação diádica dos cônjuges, ou seja, é proposta a realização de uma tarefa em conjunto cuja videogravação é posteriormente. Destacamos a investigação de Wong, Mangelsdorf, Brown, Neff, e Schoppe-Sullivan (2009) centrada na qualidade do funcionamento da relação conjugal.

Wong e colaboradores (2009) numa amostra de 62 famílias (pai/mãe/criança), relataram que, para as mães (mas não para os pais), maior qualidade da relação conjugal (avaliada no terceiro trimestre de gravidez em situação de interação entre os cônjuges) estava significativamente associada à segurança da vinculação das crianças (avaliadas aos 12/13 meses de idade pela utilização da situação estranha), tendo um papel preditor significativo. A análise dos resultados dos pais (mas não das mães) permitiu concluir que a interação entre a qualidade da relação conjugal (avaliada no último trimestre de gravidez em situação de interação entre os cônjuges) e as crenças relativas à importância do papel do pai na prestação de cuidados (avaliadas no ultimo trimestre da gravidez pelo preenchimento de um auto-relato) constituiu um forte preditor da segurança da

vinculação, validando-se um modelo de moderação. Ou seja, os pais com maior qualidade da relação conjugal que possuissem crenças elevadas acerca da importância do seu papel parental para o desenvolvimento das crianças, apresentaram maior envolvimento na prestação de cuidados dos/as filhos/as, maior quantidade e qualidade de interações. Estes aspetos estão associados maior probabilidade de as crianças desenvolverem uma vinculação segura. Esta relação só é válida quando a qualidade da relação conjugal é elevada, uma vez que a interação entre a qualidade de relação conjugal baixa/moderada e a crença elevada acerca da importância do papel parental para o desenvolvimento dos/as filhos/as, não se revelou associada a melhor qualidade da prestação de cuidados por parte do pai nem a interações mais positivas com as crianças.

Em suma, estando empiricamente validado o impacto direto da qualidade do funcionamento da relação conjugal na qualidade da vinculação das crianças (Coyl-Shepherd & Newland, 2013; Finger et al., 2009; Howes & Markman, 1989; Lindsey et al., 2009; Lewis et al., 1988; Wong et al., 2009); o impacto indireto da qualidade da relação conjugal na qualidade da vinculação dos/as filhos/as, através da qualidade da parentalidade (e.g., Isabella, 1994; Frosch et al., 2000; Hopkins et al., 2013; Owen & Cox, 1997; Wong et al., 2009); o papel preditor da *mind-mindedness* parental na qualidade da vinculação dos/as filhos/as (e.g., Arnott & Meins, 2007; Meins et al., 2012; Laranjo et al., 2008); o papel preditor do ajustamento diádico relativamente à qualidade da vinculação (e.g., Bretherton et al., 1990; Coyl-Shepherd, & Newland, 2013); o impacto indireto do ajustamento diádico (qualidade da relação conjugal) na qualidade da vinculação através da parentalidade (Wong et al., 2009) é nossa intenção analisar o impacto indireto do ajustamento diádico conjugal (qualidade da relação conjugal), que ocorre através da *mind-mindedness* representacional parental (qualidade da parentalidade), na qualidade da vinculação dos/das filhos/as aos 36 meses.

3.3 Contexto familiar

A segurança da criança não é única e exclusivamente traçada pelas suas interações com os pais, uma vez que estas relações de proximidade emocional ocorrem num contexto permeável a fatores externos, referenciados por Belsky (1984) como ñdistaisò.

Nesta linha, o presente estudo irá focar o suporte social e o conflito inerente à conciliação trabalho/família (assim como os constrangimentos e benefícios associados).

3.3.1 Contexto familiar: suporte Social

O conceito de suporte social, remontando ao início dos anos 70, tem motivado inúmeras investigações que tanto abordam aspetos objetivos das relações sociais (como o número de amigos, a frequência de contactos, a intensidade de contactos, a existência ou não de amigos íntimos, a integração em redes sociais) como aspetos subjetivos, como a perceção de satisfação e da adequação (cf. Sarason, Levine, Basham, & Saranson, 1983).

Suporte social, numa perspetiva clássica e generalista, pode ser conceptualizado como a existência e/ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar e por quem se é valorizado, que revelam preocupação e afeto (cf. Sarason, Levine, Basham, & Saranson, 1983). Weiss (1974) defende uma conceção multidimensional do suporte social percebido que, na sua perspetiva, atua através do fornecimento ao indivíduo de recursos específicos, necessários para fazer face às várias situações de vida e que apenas podem ser obtidos no contexto de relações sociais. O autor destacou como funções das relações sociais a partilha de preocupações, a intimidade, oportunidade/ possibilidade de cuidar, o reconhecimento de valor, o apoio, a assistência e a orientação.

A maioria das investigações que integra o conceito de suporte social colocou em evidência a perceção global da existência de uma rede satisfatória de suporte disponível ï o suporte percecionado ï sendo este conceptualizado enquanto aspeto central (cf. Sarason & Sarason, 2009). Sobre o constructo avaliado no presente estudo, importa salientar que nos situamos claramente no domínio do suporte social percebido, não nos ocupando de outras conceptualizações existentes.

O suporte social tem um papel importante nos processos de adaptação face a acontecimentos de vida (normativos ou não) e na concretização com sucesso das tarefas desenvolvimentais das diferentes etapas da vida. A existência e/ou disponibilidade de terceiros em quem se pode confiar, que se preocupam, valorizam, mostram/sentem afeto, apoiam de forma instrumental e/ou emocional (Sarason et al., 1983) constitui um fator protetor em relação aos efeitos adstringentes e fatores de risco/*stress* (e.g., Belsky &

Fearon, 2008). Ou seja, a perceção do suporte social tende a reduzir o medo de falhar e a antecipação dos perigos, uma vez que o indivíduo percepciona como disponíveis para lhe prestar apoio (caso seja necessário) pessoas que lhe são significativas (e.g., Sarason & Sarason, 2009).

A análise comparativa dos diferentes estudos torna-se, por vezes, complexa uma vez que a operacionalização dos conceitos de suporte social e qualidade da parentalidade não é uniforme. Por exemplo, o suporte social é abordado em diferentes dimensões (emocional, instrumental, material) e tidas em conta diferentes fontes (cônjuge, família, amigos, vizinhança, comunidade, instituições religiosas ou de solidariedade). Por sua vez, a qualidade da parentalidade tem sido analisada nas suas múltiplas facetas, como por exemplo o envolvimento, a consistência, a qualidade da interação, práticas educativas.

Conceptual e empiricamente tem sido considerado que o suporte social promove a qualidade da parentalidade e a segurança da vinculação dos/as filhos/as, sobretudo por recurso a um mecanismo indireto onde o impacto do suporte social percecionado pelos pais na qualidade da parentalidade influencia a qualidade da vinculação dos/as filhos/as (e.g., Belsky & Fearon, 2008). Não sendo desprezado o efeito direto do suporte social na qualidade da vinculação das crianças, o suporte social teria, primordialmente, um impacto direto na qualidade da parentalidade e indireto na qualidade da vinculação (através da qualidade da parentalidade). Apresentam-se evidências empíricas do impacto direto do suporte social na qualidade da parentalidade e na qualidade da vinculação das crianças, bem como do efeito indireto na segurança da vinculação das crianças, através da qualidade da parentalidade.

3.3.1.1 Suporte social e qualidade da parentalidade

O **suporte social** tem sido identificado como uma variável que afeta a forma como as figuras parentais interagem com os/as filhos/as, contribuindo para uma melhor **qualidade da parentalidade** (e.g., Andresen & Telleen, 1992; Bazon, Mello, Bérgamo, & Faleiros, 2010; Cochran & Niego, 2002; Green, Furrer, & McAllister, 2007; Heberle, Krill, Briggs-Gowan, & Carter, 2015; Kotchick, Dorsey, & Heller, 2005; Marra et al., 2009; Nanninga, Jansen, Knorth, & Reijneveld, 2015). O impacto do suporte social nas figuras parentais destaca-se, não só pela influência direta no comportamento parental,

como também pela influência indireta no bem-estar promovido aos progenitores e no efeito amortecedor do *stress*.

O papel do suporte social na parentalidade pode ter efeitos diferenciados face às características do contexto familiar, nomeadamente quanto ao equilíbrio entre os fatores de risco/*stress* e os fatores de suporte/proteção a que estão sujeitas. Teremos famílias em risco, mais vulneráveis, quando o efeito dos fatores de proteção não compensa o impacto dos fatores de *stress*. A literatura diverge, existindo teóricos que defendem que o suporte social é mais eficaz em famílias que não são consideradas de risco comparativamente com as famílias em risco (e.g., Ceballo & McLoyd, 2002); e, teóricos que defendem o oposto, ou seja, que o suporte social tem um impacto maior nas famílias em risco em detrimento das demais (e.g., Belle, 1982; Dressler 1985; Izzo, Weiss, Shanahan, & Rodriguez-Brown, 2000; Kotchick et al., 2005).

Ceballo e McLoyd (2002), face aos resultados dos estudos que desenvolveram, referiram que nas famílias em risco o suporte social é menos eficaz no apoio à parentalidade. O que se justifica, segundo os autores porque, por um lado o número e a intensidade dos fatores de *stress* a que estão sujeitas são elevados e, por outro, os elementos da rede social de apoio estão usualmente sujeitos a circunstâncias de vida em tudo semelhantes. No entanto, há estudos que sugerem exatamente o oposto, ou seja que o suporte social é mais importante para o exercício da parentalidade nas famílias em risco (e.g., Dressler 1985), constituindo um reforço importante para o desempenho do papel parental de forma adequada (Belle, 1982; Kotchick et al., 2005; Izzo et al., 2000).

Numerosas investigações providenciam evidências de que a quantidade e a natureza do suporte que os pais e as mães, especialmente as mães, experienciam de outros significantes nas suas vidas afeta a forma como interagem com as suas crianças (cf. Andresen & Telleen). A maioria dos estudos realizados destacou que os progenitores que relataram estar satisfeitos com o suporte social tinham relações com os/as filhos/as de melhor qualidade, bem como competências parentais mais adequadas em diferentes domínios (e.g., Andresen & Telleen 1992; Cochran & Niego, 2002; Green et al., 2007[4]; Weinraub, Horvath, & Gringlas, 2002).

[4] A amostra da investigação realizada por Green, Furrer e McAllister (2007) é constituída por 152 progenitores, sendo 151 mães e 1 pai.

Andresen e Telleen (1992) realizaram uma meta análise de 66 estudos, com mães americanas de classe média de famílias que foram consideradas como não sendo de risco, tendo relatado uma associação positiva entre a perceção da mãe da disponibilidade de suporte social (i.e., emocional e material) e comportamentais parentais de maior qualidade na interação com as crianças. Mães com maior perceção da disponibilidade de suporte social apresentavam na sua relação com a criança uma responsividade adequada às necessidades, uma maior frequência de interações, interações lúdicas de maior qualidade e mais interações verbais. Heberle, Krill, Briggs-Gowan, e Carter (2015), constataram que as mães cuja perceção de suporte social era mais elevada adotavam menos estratégias parentais de permissividade ou de excesso de reatividade com os/as filhos/as aos 24 e 36 meses.

A contrastar, Meins, Fernyhough, Arnott, Turner, & Leekam (2011) não encontraram associação entre a perceção de suporte social e a *mind-mindedness* interacional numa amostra constituída por 206 díades mãe/criança aos 8 meses de idade da criança, sendo 50% da amostra caracterizada num NSE baixo.

Estudos com amostras de risco apresentaram resultados semelhantes, estando o suporte social igualmente associado a uma parentalidade mais adequada, em diferentes domínios, como: a responsividade - mães afro-americanas, com NSE (nível socioeconómico familiar) baixo, com elevado suporte social foram mais responsivas face às necessidades das crianças (Burchinal, Follmer, & Bryant, 1996); a qualidade da interação - mulheres hispânicas, em situação de pobreza, que receberam mais recursos materiais por parte de amigos/familiares, envolveram-se mais em interações proximais (tocar, beijar, pegar) e distais (olhar, falar) com os/as filhos/as prematuros de 3 meses de idade (Feiring, Fox, Jaskir, & Lewis, 1987); a qualidade do envolvimento ï uma maior perceção de suporte social por parte das mães está associada a uma maior frequência de realização de atividades com as crianças e a um maior envolvimento em atividades lúdicas promotoras de desenvolvimento da criança (Green et al., 2007); a consistência nas práticas educativas ï mães com maior suporte social (emocional e material) apresentam maior consistência nas práticas educativas adotadas (e.g., Kotchick et al., 2005; Marra et al., 2009; Nanninga et al., 2015); os estilos parentais ï mães com maior suporte social utilizam mais estratégias parentais assertivas (em detrimento de estratégias permissivas), apresentam melhor comunicação com os/as filhos e adequada monitorização (Kotchick et

al., 2005). Comparadas mães com práticas educativas negligentes e não negligentes, constatou-se que as primeiras apresentavam uma perceção de menos suporte social ao nível afetivo (demonstrações de afeto), emocional (experiência de afeto positivo), informativo (disponibilidade das pessoas oferecerem orientação) e menor disponibilidade de terceiros para atividades de relaxamento e diversão (Bazon et al., 2010).

Continuando a mãe a ter o papel principal nas investigações realizadas quando subordinadas à temática das relações com os/as filhos/as, o papel do pai tem ganho progressivo relevo ao longo dos tempos. Destacamos o estudo desenvolvido por Newland, Coyl, e Freeman, (2008) apenas com pais, de crianças em idade pré-escolar, tendo constatado que a perceção de maior suporte social, disponibilizado por amigos e/ou vizinhos se mostrou associado a um maior envolvimento positivo com as crianças, com maior desenvolvimento de atividades físicas.

Considerando pais e mães, em simultâneo, os estudos realizados são em menor quantidade, mas os resultados relatados até ao momento são replicados, sendo apresentados os resultados de algumas investigações a título de exemplo.

A perceção, por parte do pai e da mãe, de níveis mais elevados de suporte social estava associada aos seus relatos de satisfação relativo ao papel parental e à perceção de competência no seu desempenho com as crianças no primeiro ano de vida (Angley, Divney, Magriples, & Kershaw, 2015).

Níveis mais elevados de suporte social, disponibilizado por familiares, percecionado pelos progenitores mostrou estar associado a uma menor utilização de punições físicas e a maior envolvimento dos progenitores com a criança (com idades entre os 24 e os 60 meses), maioritariamente em interações como cantar, dançar, ler, jogos de exterior, faz-de-conta, jogar cartas, videojogos (Coyl, Newland, & Freeman, 2010). O suporte social familiar apresentou valor preditivo face ao envolvimento parental e à utilização de punição física. No mesmo estudo o suporte social por parte dos amigos mostrou estar associado a um maior envolvimento parental. A perceção de maior suporte social por parte dos progenitores encontrava-se associada a maior utilização de estratégias parentais positivas de zelo e monitorização (cf. Taylor, Conger, Robins, & Widaman, 2015).

Face ao exposto, a literatura mostra existir suporte empírico para que seja possível afirmar que o suporte social (percecionado pelos pais e pelas mães) contribui para uma melhor qualidade da parentalidade (e.g., Belle, 1982; Bazon et al.,2010; Burchinal et al., 1996; Cochran & Niego, 2002; Coyl et al., 2010; Green et al., 2007; Feiring et al., 1987; Izzo et al., 2000; Kotchick et al., 2005; Marra et al., 2009; Weinraub et al., 2002). Em síntese, os progenitores que percecionam maior suporte social mostram-se emocionalmente mais disponíveis, brincam com os/as filhos/as com mais frequência e com mais qualidade, as interações verbais são mais adequadas, estão mais sensíveis às necessidades das crianças, e apresentam uma responsividade mais eficaz face a estas. As características parentais descritas desempenham um papel importante na adequada regulação emocional das crianças (e.g., Crockenberg & Leerkes, 2000) bem como no desenvolvimento da segurança da vinculação das crianças (e.g., De Wolff & van IJzendoorn, 1997).

3.3.1.2 Suporte Social e qualidade da vinculação das crianças

A relação entre o suporte social e a qualidade da vinculação foi também analisada. Ainda que diversos estudos não tenham encontrado efeitos diretos entre o suporte social percecionado pelas figuras parentais e a qualidade da vinculação dos/as filhos/as (e.g., Belsky, 1996; Belsky et al., 1995; Newland, Coyl, & Chen, 2010), destacam-se também investigações que validam empiricamente esta associação (Coyl et al., 2010[5]; Crittenden, 1985; Crnic, Greenberg, & Slough, 1986; Crockenberg, 1981; Huth-Bocks, Levendosky, Bogat, & von Eye, 2004; Newland, Coyl, & Freeman, 2008[5]).

Crockenberg (1981) ressaltou a importância do suporte social em momentos críticos quando a família está em situações de elevado *stress*, bem como a sua contribuição para a segurança da vinculação das crianças. Relatou que níveis de suporte social percecionados pelas mães como adequados estiveram correlacionados com a segurança da vinculação dos/as filhos/as. As crianças com mães com elevados níveis de suporte social mostraram significativamente menos comportamentos ansiosos na situação estranha. Em contraste, crianças com mães com a perceção de baixo suporte social apresentam uma vinculação mais insegura com comportamentos elevados de evitamento e

[5] Organização da vinculação avaliada aos 6 meses de idade da criança através do Attachment Q-Sort (AQS:Waters & Deane, 1985) realizados pelos progenitores.

resistência, contudo só para crianças com um temperamento difícil. Analisando apenas as mães com crianças cujo temperamento foi considerado de irritabilidade elevada, constatou-se que as mães com filho/as irritáveis mas com níveis elevados de suporte social eram capazes de estabelecer relações de vinculação mais seguras do que as mães com níveis mais reduzidos de suporte social. O estudo de Crittenden (1985) acrescentou o valor preditivo da perceção de baixo suporte social para a insegurança da vinculação, num grupo de crianças com mães abusivas/negligentes.

Numa amostra de prematuros a perceção da mãe de maior suporte social proveniente da comunidade estava associada à segurança da vinculação das crianças (e.g., Crnic et al., 1986). O suporte social emocional, instrumental e material percecionado pelas mães, mostrou-se positivamente associado à segurança da vinculação avaliada aos 12 meses por recurso ao procedimento da ñsitua-«o estranhaò (e.g., Huth-Bocks et al., 2004).

Coyl, Newland, e Freeman, (2010), face ao estudo realizado com pais e mães de crianças com idades entre os 24 e os 60 meses, relataram o papel preditor do suporte social familiar percecionado pelos progenitores relativamente à segurança da vinculação das crianças, avaliada através do *Attachment Q-Sort* (AQS; Waters & Deane, 1985).

É importante ressalvar que alguns autores relatam não ter encontrado associação do suporte social percepcionado pelo pai (e.g., Belsky, 1996; Newland et al., 2010) e pela mãe (e.g., Belsky et al., 1995) com a qualidade da vinculação das criança (e.g., Belsky, 1996; Belsky et al., 1995; Newland et al., 2010). Belsky (1996) relatou não ter encontrado uma associação estatisticamente significativa entre o suporte social percepcionado pelo pai e a qualidade da organização da vinculação da criança aos 13 meses de idade (e.g., Belsky, 1996). Belsky (1999) descreve diferentes explicações para a existência de diferenças ao nível da significância da relação entre o suporte social e a qualidade da vinculação da criança, nomeadamente: as amostras estudadas podem ser de baixo risco, sendo o suporte social menos importante na relação mãe/criança quando estão disponíveis diferentes recursos e menos fatores de *stress* comparativamente às famílias de alto risco; o conceito de suporte social é operacionalizado de diferentes formas, o que pode tornar complexa a comparação de resultados; e, por último, o suporte social pode ter um efeito indireto na relação mãe/criança atuando através de outros fatores, a maioria das investigações não analisa os efeitos indiretos.

3.3.1.3 Suporte Social, qualidade da parentalidade e qualidade da vinculação das crianças

O modelo ecológico de Belsky (1984) dos determinantes da parentalidade, que postula que o impacto dos fatores contextuais (inclusive o suporte social) e o desenvolvimento da criança (nomeadamente a qualidade da vinculação) é realizado através da qualidade da parentalidade, tem sido empiricamente examinado e replicado em diferentes estudos realizados (e.g., Isabella, 1994; Coyl et al., 2010; Newland et al., 2008).

Isabella (1994), no estudo que desenvolveu com mães e filhos/as no primeiro ano de vida, constatou que o suporte social percecionado pela mãe estava associado à segurança da vinculação das crianças (aos 12 meses após o nascimento) através da qualidade da parentalidade da mãe (sensibilidade) e da satisfação com o papel maternal.

Newlanda, Coyl, e Freeman (2008), encontraram suporte empírico para um modelo ecológico através de uma análise de trajetórias tendo como variáveis independentes o suporte social (amigos/vizinhos) e os modelos internos dinâmicos; como mediador a qualidade da parentalidade do pai (envolvimento físico, perceção do pai de práticas parentais consistentes, praticas e comportamentos coerentes entre progenitores, perceção do pai de consistência de praticas educativas) e como variável dependente a qualidade da vinculação em idade pré-escolar, modelo que explicou 32% da variabilidade da representação da vinculação. A investigação foi realizada apenas com progenitores do sexo masculino tendo sido encontradas associações significativas entre a vinculação de crianças em idade pré-escolar, o envolvimento dos pais, através de brincadeiras físicas bruscas com as crianças e o suporte social. O efeito do suporte social proveniente de familiares e vizinhos, percecionados pelo pai, na qualidade da vinculação da criança (em idade pré-escolar) foi mediado pelo envolvimento do pai em brincadeiras mais bruscas com os filhos.

Coyl e colaboradores (2010) validaram o papel mediador da qualidade da parentalidade (envolvimento positivo do pai e da mãe: interação em jogo físico, consistência de comportamentos parentais, consistência entre os comportamentos parentais dos dois progenitores) na relação entre o suporte social familiar, os modelos internos dinâmicos e a qualidade da vinculação das crianças (em idade pré-escolar). O modelo analisado permitiu explicar 25% da variabilidade da qualidade da vinculação da criança em idade pré-escolar. O efeito do suporte social proveniente de familiares e

vizinhos, percecionado pelo pai, na qualidade da vinculação da criança (em idade pré-escolar) foi mediado pelo envolvimento parental positivo, mais especificamente a interação física com a criança e não utilização de punição física.

Sendo nossa intenção estudar os determinantes da vinculação da criança aos 36 meses, segundo o modelo apresentado por Belsky (1984) e estando empiricamente validada a influência indireta do suporte social na qualidade da vinculação dos/as filhos/as através da qualidade da parentalidade, pretendemos analisar o impacto indireto da perceção do suporte social por parte do pai e da mãe, que ocorre através da *mind-mindedness* do pai e da mãe (qualidade da parentalidade), na qualidade da vinculação dos/das filhos/as aos 36 meses.

3.3.2 Contexto familiar: actividade profissional

O trabalho e a família constituem os dois domínios mais importantes da vida adulta Respondem a diferentes necessidades do ser humano sendo fonte de satisfação e bem-estar mas também de grandes desafios. A qualidade do seu equilíbrio tem sido alvo de particular atenção face à progressiva alteração do papel dos homens e das mulheres no contexto profissional, familiar, conjugal e parental.

Apresentando o contexto profissional e o contexto familiar uma dinâmica interativa, as exigências e os recursos associados ao desempenho dos papéis no domínio familiar ou profissional afetam e são afectados pela qualidade dos papéis desempenhado no outro domínio (e.g., Ford, Heinen, & Langkamer, 2007; Kinnuanen, Rantanen, & Mauno, 2013; Michel, Clark, & Beiler, 2013; Voydanoff, 2005). A transferência da emocionalidade e do comportamento expresso/sentido de um domínio para o outro, designa-se *spillover* podendo ter uma tonalidade negativa ou positiva, como por exemplo: conflitos conjugais e parentais mostraram-se associados a uma diminuição da qualidade do desempenho profissional, mas um contexto familiar harmonioso teve por efeito uma maior aplicação e rentabilidade no trabalho; um trabalho excessivo, uma maior pressão no contexto laboral estava associada a uma maior irritabilidade e menor investimento no contexto familiar, enquanto a perceção de sucesso permitiu um maior investimento afetivo nas relações familiares (e.g., Bienchi & Milkie, 2010; Kinnunen et al., 2013). No

entanto, a tonalidade negativa é transferida mais fácil e rapidamente (Williams & Alliger, 1994).

Ao realizarmos a revisão da literatura existente mais uma vez nos deparamos com a multiplicidade de conceitos que são analisados relativamente ao contexto profissional e ao contexto parental, o que pode condicionar a qualidade da análise comparativa.

O conflito constitui o conceito mais estudado quando a temática se centra na interface trabalho/família (cf. Eby, Casper, Lockwood, Bordeaux, & Brinley, 2005; Byron, 2005). O conflito surge face a exigências simultâneas do contexto familiar e profissional de difícil conciliação. A crescente pressão entre os diferentes papéis que os homens e as mulheres desempenham na vida adulta leva a que, a determinada altura, surjam inevitavelmente complicações para o individuo, e/ou a família e/ou a atividade profissional (Mihelic & Tekavcic, 2014). Ainda que as influências sejam bidirecionais entre o contexto profissional e o contexto familiar, é mais comum, que o conflito resulte da pressão das exigências do contexto profissional e da impossibilidade da sua conciliação com as exigências familiares, uma vez que os limites da família são mais flexíveis que os limites da atividade profissional (e.g., Guerreiro & Rodrigues, 2010).

Contudo, a conciliação entre o contexto familiar e o contexto profissional para além de uma fonte de conflitos e constrangimentos pode, inversamente, ser uma fonte de gratificação, levando a um *spillover* positivo. Alguns estudos indicaram que desempenhar papéis simultâneos no contexto profissional e familiar permitiria uma rentabilização maior das capacidades do individuo, tornando-o mais competente nos outros papéis que desenvolve na vida, nomeadamente os que desenvolviam no contexto familiar como o papel parental e conjugal (Marshall & Burnett, 1993). Desta forma, o desempenho de um dos papéis pode também ser facilitador da concretização do outro (e.g., Amstad, Meier, Fasel, Elfering, & Semmer, 2011; Byron, 2005; Voydanoff, 2005), uma vez que os recursos pessoais (e.g., autorrealização) que são realçados num dos domínios produzem efeitos positivos no outro (ten Brummelhuis & Bakker, 2012).

A influência da atividade profissional dos pais na qualidade da vinculação das crianças é uma importante variável a ter em conta, seja pelo tempo que ocupa, pelo compromisso que implica, pelo *stress* associado, ou pela exigência inerente à conciliação

do papel profissional com o papel parental (Belsky, 1984). Belsky designou o contexto profissional como uma variável distal, sendo a sua relação com a qualidade da vinculação explicada primordialmente através da qualidade da parentalidade por recurso a um mecanismo indireto (Belsky, 1984), não descurando completamente a existência de um impacto direto (Belsky, 1996). Serão apresentados resultados de estudos que analisaram o impacto direto do contexto profissional no contexto parental e na qualidade da vinculação da criança, bem como o impacto indireto na qualidade da vinculação da criança através do contexto parental. São poucas as investigações subordinadas a esta temática especifica (cf. Eby et al., 2005).

3.3.2.1 Contexto profissional e contexto parental

A relação entre o contexto profissional e o contexto parental tem sido analisada sobretudo à luz do modelo ecológico proposto por Belsky (1984), que postula que a forma como os pais lidam com os desafios e os obstáculos da atividade profissional tem uma influência direta na qualidade da parentalidade.

Diferentes conceitos relacionados com o contexto profissional têm sido empiricamente associados à qualidade da parentalidade. Será por nós destacada a influência do investimento, *stress*, satisfação/insatisfação face ao trabalho, sendo também abordada a influência do conflito, constrangimentos e benefícios da conciliação família/trabalho na qualidade da parentalidade.

O investimento no contexto profissional pode ter consequências paradoxais nas responsabilidades parentais relativas à educação dos/as filhos/as (Ford et al., 2007; Kinnuanen et al., 2013). Se, por um lado, a atividade profissional pode representar a possibilidade de assegurar recursos materiais importantes, ter acesso a diferentes contextos educativos, integrar experiências diversificadas e, consequentemente, contribuir para o desenvolvimento da criança; por outro lado, o tempo, a energia e a atenção dispensada à atividade profissional poderá limitar a qualidade e a quantidade das interações com a criança, bem como o envolvimento dos pais nas atividades educacionais da criança (Ford et al., 2007). Evidências empíricas identificam a ausência de realização

de atividades conjuntas com os/as filhos/as como um fator de risco para o desenvolvimento socioemocional das crianças (e.g., Bianchi & Milkie, 2010).

O *stress* laboral, bem como o conflito na conciliação trabalho-família, condicionam as interações familiares (inclusivé as interações pais-filhos/as), levando a que sejam pontuadas por uma emocionalidade negativa (Michel et al., 2013; Repetti, Wang, & Saxbe, 2009), diminuição da expressividade (Repetti et al, 2009) ao aumento das expressões de raiva e irritação (Eby et al., 2005; Repetti, 1994; Schultz, Cowen, Cowen, & Brennan, 2004), bem como ao isolamento face aos demais elementos da família (e.g., Amstad et al., 2011; Eby et al., 2005; Repetti et al, 2009) e aos rituais da família alargada (Amstad et al., 2011; Eby et al., 2005; Schultz et al., 2004). Sentimentos continuados de *stress* e exaustão relativos ao trabalho aumentam o *stress* associado à parentalidade (Rantanen et al, 2012), mostrando-se os progenitores menos sensíveis e responsivos, adotando mais ações disciplinares severas e sendo as interações progenitores/crianças pautadas por uma emocionalidade negativa (e.g., Amstad et al., 2011; Ford et al., 2007; Repetti et al., 2009). As mães com maior *stress* profissional, más condições de trabalho (Parke, 2004; Raver, 2003; Repetti & Wood, 1997) ou que identificam o trabalho como pouco reconhecido socialmente (Menaghan, 1983; Raver, 2003; Repetti & Wood, 1997) indicaram maior dificuldade em desenvolverem interações positivas e adequadas com os/as filhos/as, o que se encontra associado a um desenvolvimento das crianças mais comprometido (Felfe & Hsin, 2012).

Analisando as implicações da satisfação profissional para a qualidade da parentalidade, os pais (cf. Volling, & Belsky, 1991) e as mães (cf. Horn, 2000) mais satisfeitas com a atividade profissional têm interações com os/as filhos/as de maior envolvimento e responsividade (cf. Horn, 2000; Volling, & Belsky, 1991), práticas educativas menos punitivas (cf. Volling, & Belsky, 1991), um comportamento mais alegre e participam em mais jogos e brincadeiras (cf. Horn, 2000).

Destacamos as investigações de Volling e Belsky (1991), Veríssimo e colaboradores (2013) e Cooklin e colaboradores (2015): a primeira por ser representativa do modelo de Belsky (1984) e por recorrer a metodologias qualitativas de recolha de dados; a segunda por decorrer no contexto português com utilização dos mesmos

instrumentos da presente investigação; e, a terceira por ser a última investigação publicada até à data subordinada a esta temática.

Volling e Belsky (1991) desenvolveram uma investigação segundo o modelo ecológico proposto por Belsky (1984), com 119 díades pai/crianças, com o objetivo de analisar a relação entre a qualidade das interações (avaliada em situação de interação) e os constrangimentos e benefícios inerentes à conciliação da família e do trabalho (avaliado por recurso a autorelatos), aos 3 e aos 9 meses de idade da criança.

Os benefícios percecionados pelos pais face à conciliação trabalho/família apresentaram um impacto significativo na qualidade da interação com as crianças aos 3 e aos 9 meses de idade. Uma maior perceção de benefícios mostrou-se associada a uma observação de comportamentos mais positivos, responsivos, estimulantes, afetuosos na interação pai/criança.

Veríssimo e colaboradores (2013), desenvolveram um estudo com o objetivo de analisar a relação entre o papel profissional (*stress*, constrangimentos e benefícios na conciliação família/trabalho) e o papel parental, envolvendo uma amostra de 532 famílias (pai/mãe/criança), variando a idade das crianças entre os 32 e os 70 meses de idade.

Os autores acrescentam que, nesta amostra, a relação entre o trabalho e a família parece mostrar-se equilibrada. Contudo o facto de ambos os pais percecionarem que a interferência do trabalho na família é superior à interferência da família no trabalho, poderá sinalizar o desejo de uma maior disponibilidade para a família. Neste contexto, é expectável uma maior associação entre o *stress* e constrangimentos da conciliação família/trabalho e relatos de maior *stress* parental e maior preocupação com o papel parental. No entanto a perceção dos constrangimentos não se mostrou superior à perceção dos benefícios da conciliação família/trabalho, estando maiores benefícios da conciliação família/trabalho associados a maiores recompensas associadas ao papel parental.

Cooklin e colaboradores (2015), numa amostra de 2151 díades mãe/criança, com a idade das crianças a variar entre os 48 e os 60 meses de idade, analisaram aa relação entre o conflito e os benefícios inerentes à conciliação família/trabalho na qualidade da parentalidade, nomeadamente a perceção do afeto, consistência e irritabilidade na interação dos progenitores com as crianças. Como resultados relatam que o conflito e os

benefícios da conciliação família/trabalho se apresentaram como bons preditores da qualidade da parentalidade. Mais especificamente, valores elevados do conflito na conciliação família/trabalho percecionados pela mãe mostraram-se associados a interações com as crianças caracterizadas por menos afeto e maior irritabilidade ï comportamentos parentais que influenciam negativamente o desenvolvimento das crianças, nomeadamente a qualidade da vinculação (cf. Cummings, Davies & Campbell, 2000; Waylen, Stallard, & Stewart-Brown, 2008). Níveis mais elevados de benefícios na conciliação família/trabalho percecionados pela mãe estiveram associados a valores mais elevados de afeto e consistência nas interações com os/as filhos ï comportamentos parentais que promovem a segurança da vinculação. (cf. Cummings & Davies, 2010; Davies & Cummings, 1994; Waylen et al., 2008).

Os autores argumentam que, se por um lado, o conflito pode comprometer seriamente a qualidade da parentalidade; por outro, a perceção de benefícios parece levar as mães a reavaliar o tempo disponível para a interação com os /as filhos/as levando-as a aumentar o afeto e a consistência.

De acordo com a perspetiva ecológica de Bronfenbrenner (1986) as experiências dos adultos nos diferentes contextos da sua vida apresentam implicações para o sistema familiar, conjugal e parental ï necessariamente influenciam a qualidade das interações dos progenitores com os/as filhos/as. Sob esta perspetiva, o modelo apresentado por Belsky (1984) acrescenta que os fatores ligados à atividade profissional dos pais influenciam a qualidade da parentalidade. Os dados apresentados validam o pressuposto de Belsky (1984), a qualidade das variáveis referentes ao contexto profissional (e.g., investimento, satisfação, *stress*, equilíbrio na conciliação família/trabalho) encontra-se associada à qualidade da parentalidade (e.g., praticas educativas mais ou menos punitivas, qualidade das interações em termos de afeto, responsividade, envolvimento).

3.3.2.2 Contexto profissional e qualidade da vinculação da criança

Belsky (1984) considerou a relação dos progenitores com a atividade profissional, as consequências desta e a conciliação das exigências laborais, familiares, conjugais e parentais são parte integrante da matriz ambiental onde se desenvolvem as relações entre os progenitores e as crianças e cuja influência deveria ser analisado à luz de uma

perspetiva ecológica. Segundo o autor, a maior parte do impacto das variáveis distais na variabilidade da qualidade da vinculação dos/as filhos/as é revelado através de variáveis mais proximais como a qualidade do sistema de prestação de cuidados, ou seja da qualidade da parentalidade (e.g., Belsky, 1984, 1996; Belsky & Jaffee, 2006; Belsky & Fearon, 2008). Considera ainda que a influência das variáveis decorrentes do desempenho do papel profissional dos pais seria mediada pela qualidade da parentalidade mas seria, sobretudo, revelada pela interação com outras variáveis contextuais ï desta forma, o seu impacto direto poderia ser residual (e.g., Belsky, 1996; Belsky & Jaffee, 2006; Belsky & Fearon, 2008).

No entanto, as duas investigações desenvolvidas que analisaram (também) o efeito direto do contexto profissional dos pais na qualidade da vinculação das crianças, relatam associações estatisticamente significativas. Passamos a descrever os resultados apresentados por Benn (1986) e por Belsky (1996).

Benn (1986) desenvolveu um estudo sendo um dos objetivo analisar a relação entre a segurança da vinculação das crianças e o funcionamento psicológico integrado da mãe. A amostra era constituída por 30 díades mãe/criança, com as idades das crianças a variar entre os 17 e os 21 meses.

O funcionamento psicológico integrado da mãe foi avaliado por recurso a uma entrevista semiestruturada, gravada e posteriormente analisada e codificada. O funcionamento psicológico integrado, quando analisado o papel profissional, foi codificado em três níveis: elevado - trabalho como oportunidade de crescimento e contribuindo para a autoestima; moderado - o trabalho como forma de manter a autoestima; baixo ï dificuldade em conciliar o papel parental e profissional, o trabalho como principal fonte de gratificação, importante para não deprimir e criar distanciamento face às exigências das crianças. A organização da vinculação das crianças foi avaliada por recurso ao procedimento laboratorial *Situação Estranha*.

Os autores relataram uma associação significativa entre o funcionamento integrado da mãe e a organização da vinculação da criança, as mães da quase totalidade das crianças seguras apresentaram um funcionamento integrado elevado ou moderado. Assim sendo, as mães com filhos/as com uma organização da vinculação segura

apresentaram uma concetualização da atividade profissional como uma oportunidade de crescimento e como tendo uma contribuição importante para a autoestima.

Belsky (1996) na investigação realizada teve por objetivo analisar o efeito direto e cumulativo na organização da vinculação da criança, de variáveis referentes ao pai (personalidade), à criança (temperamento) e ao contexto (qualidade da relação conjugal, suporte social e relação família/trabalho). A amostra era constituída por 126 díades pai/filhos, sendo os dados dos pais recolhidos aos 10 meses de idade das crianças por recurso a auto-relato e a qualidade da vinculação avaliada aos 13 meses de idade através da Situação Estranha.

A interface família/trabalho foi avaliada diferenciando os benefícios e os constrangimentos inerentes ao processo de conciliação das exigências do sistema familiar e parental com as exigências do desempenho do papel profissional. Constatou-se que os pais com filhos com uma organização segura da vinculação apresentavam uma perceção superior da existência de benefícios na conciliação família/trabalho.

Em síntese, a concetualização da atividade profissional como oportunidade de crescimento e desenvolvimento da autoestima (por parte da mãe) e a perceção de maiores benefícios na conciliação contexto familiar e profissional (por parte do pai) está associada à segurança da vinculação dos/as filhos/as. Michel, Clark e Beiler (2013) consideram surpreendente que, face a dados empíricos que comprovam a relevância do impacto da interface trabalho/família no contexto familiar, não tenha sido mais investigada a influência direta nas pessoas significativas do trabalhador, nomeadamente os cônjuges e os filhos.

3.3.2.3 Contexto profissional, qualidade da parentalidade e qualidade da vinculação da criança

Atendendo ao modelo ecológico dos determinantes da parentalidade de Belsky (1984), a valência emocional (positiva ou negativa) associada ao desempenho do papel profissional (e à gestão da sua conciliação com as necessidades familiares) dos progenitores está presente no contexto onde se desenvolvem as relações entre os pais-filhos/as tem implicações para o desempenho do papel parental e consequentemente para a vinculação da criança.

Como já se demonstrou, a qualidade das variáveis referentes ao contexto profissional (e.g., equilíbrio/conflito/constrangimentos/benefícios na conciliação da família e do trabalho, investimento, satisfação, insatisfação, *stress*) encontra-se associada à qualidade da parentalidade, destacando-se nas interações progenitores/crianças a consistência (e.g., Cooklin et al., 2015), o envolvimento (e.g., Horn, 2000; Volling & Belsky, 1991), assim, como comportamentos de afeto (e.g., Cooklin et al., 2015; Michel et al., 2013; Repetti et al, 2009), sensíveis e responsivos (e.g., Amstad et al., 2011; Ford et al., 2007; Repetti et al., 2009; Volling, & Belsky, 1991).

Foi comprovado empiricamente que as interações dos progenitores/crianças com estas características foram associadas à qualidade da vinculação das crianças (e.g., DeWolff & van IJzendoorn, 1997; Kerns, 2008).

Desta forma, poderemos colocar a possibilidade de a qualidade da parentalidade ter um papel mediador entre o contexto profissional (qualidade das variáveis referentes à relação dos progenitores com a atividade profissional, as consequências desta e a conciliação das exigências laborais, familiares e parentais) e a qualidade da vinculação dos/as filhos/as. No entanto, não foi encontrada nenhuma investigação publicada que tivesse este objetivo.

Contudo, Belsky e Fearon (2008) ressaltaram que, na compreensão dos determinantes da segurança da vinculação das crianças, para além dos processos de mediação deveriamos ter em conta os processos de moderação ï pelo papel importante que as interações entre as variáveis poderão ter. Não foi também encontrada nenhuma investigação publicada que tenha analisado um modelo moderador explicativo da qualidade da vinculação da criança onde tivessem sido integradas variáveis referentes à relação dos progenitores com a atividade profissional, as consequências desta e a conciliação das exigências laborais, familiares e parentais.

Sistematizando, está empiricamente comprovado o efeito direto do contexto profissional no contexto parental (e.g., Amstad et al., 2011; Belsky, 1984, 1996; Belsky & Fearon, 2008; Benn, 1986; Cooklin et al., 2015; Ford et al., 2007; Horn, 2000; Michel et al., 2013; Repetti et al, 2009; Volling, & Belsky, 1991) e na qualidade da vinculação das crianças (Belsky, 1984, 1996; Belsky & Fearon, 2008; Benn, 1986). Não foi ainda testado nenhum modelo mediador ou moderador tendo em conta as variáveis do contexto

profissional, parental e a qualidade da vinculação das crianças. É nossa intenção analisar o impacto indireto do conflito e dos constrangimentos/benefícios associados à conciliação entre as exigências familiares e profissionais, que ocorre através da *mind-mindedness* parental, na qualidade da vinculação dos/das filhos/as aos 36 meses.

4 Objetivos e método

Este capítulo apresenta os objetivos e o método da presente investigação sobre a perspetiva ecológica dos determinantes da qualidade da representação da vinculação aos 36 meses de idade: contribuição dos contextos parental, conjugal e familiar. Num primeiro momento, descrevem-se os objetivos e as hipóteses de investigação. Num segundo momento apresenta-se o método ï participantes, instrumentos de avaliação e procedimentos.

4.1 Objetivos e hipóteses

O presente estudo foi realizado no âmbito de um projeto mais vasto intitulado ñAbordagem ecológica do desenvolvimento socioemocional e sociocognitivo da infância até à idade pré-escolar: contribui-«o de vari§veis da crian-a, dos pais e do contextoò coordenado pela Doutora Carla Martins (Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal) e pela Doutora Eva Martins (ISMAI ï Instituto Universitário da Maia, Portugal).

Tendo como objetivo geral analisar a contribuição da parentalidade - ao nível da *mind-mindedness* representacional do pai e da mãe - e do contexto conjugal e familiar - em termos de ajustamento diádico/conjugal, suporte social, e conciliação trabalho/família - para a qualidade da representação da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses, o presente estudo tem os seguintes objetivos específicos e hipóteses:

- Objetivo1: Analisar a contribuição direta da *mind-mindedness* representacional do pai e da mãe para a qualidade da representação da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses.
    - Hipótese 1: Níveis mais elevados de *mind-mindedness* representacional dos pais e das mães estão associados à segurança da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses;
- Objetivo 2: Analisar a contribuição indireta - através da *mind-mindedness* representacional - (a) do ajustamento diádico/conjugal, (b) do suporte social e, (c) do conflito, constrangimentos e benefícios da conciliação do trabalho e da família para a qualidade da representação da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses.

- Hipótese 2: Níveis mais elevados de ajustamento diádico/conjugal percecionados pelos pais e pelas mães estão correlacionados com os seus níveis de *mind-mindedness* representacional os quais, por sua vez, estão associados à representação segura da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses.
- Hipótese 3: A qualidade do suporte social percecionada pelos pais e pelas mães está associado à respetiva *mind-mindedness* representacional a qual, por sua vez, está relacionada com a representação segura da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses.
- Hipótese 4: Níveis menos elevados de conflito e constrangimentos e níveis mais elevados de benefícios da conciliação trabalho/família percecionados pelos pais e pelas mães estão associadas a variações das respetivas *mind-mindedness* representacional as quais, por sua vez, estão relacionados com a representação segura da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses.

- Objetivo 3: Analisar a contribuição cumulativa da *mind-mindedness* representacional parental, do ajustamento diádico/conjugal, do suporte social, e da conciliação trabalho/família enquanto fatores de risco e proteção para a qualidade da representação da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses.

- Hipótese 5: Variações na contribuição cumulativa da *mind-mindedness* representacional parental, do ajustamento diádico/conjugal, do suporte social, e da conciliação trabalho/família ï enquanto factores de risco e protecção - desempenham um papel significativo para a qualidade da representação da vinculação dos/as filhos/as aos 36 meses.

4.2 Método

4.2.1 Participantes.

A amostra foi recrutada através de creches na zona do Grande Porto, sendo constituída por 42 crianças e respetivos pais e mães.

A maioria das crianças (*n* = 25, 59.5%) era do sexo masculino e as idades variavam entre os 36 e os 40 meses de idade, sendo a média de 37.81 meses (*DP* = 0.99).

Não foram encontradas diferenças significativas entre os rapazes (M = 37.76, DP = .88) e as raparigas (M = 37.88, DP = 1.17) quanto à idade, $t(40) = -.39$, $p = .700$.

A idade dos pais variava entre os 25 e os 47 anos (M = 36.74, DP = 4.43) e das mães entre os 30 e os 48 anos (M = 36.60, DP = 4.45), encontrando-se estatisticamente correlacionadas, $r = .51$, $p = .001$. Ou seja, idade mais elevada do pai esteve associada a idade mais elevada da mãe.

A maioria dos pais e das mães apresenta habilitações académicas ao nível do ensino superior (cf. Tabela 1). Uma maior habilitação académica do pai mostrou-se associada a uma maior habilitação académica da mãe, sendo a correlação estatisticamente significativa, $r_{sp} = .70$, $p < .001$.

Tabela 1
Habilitações académicas dos pais e das mães

	Pais (N = 42)		Mães (N = 42)	
	n	%	*n*	%
Menor que o Ensino Superior (*n* = 33)	20	47.6	13	31.0
Ensino Básico incompleto (< 9 anos)	6	14.3	3	7.2
Ensino Básico completo	4	9.5	2	4.8
Ensino secundário completo	10	23.8	8	19.0
Ensino Superior (*n* = 51)	22	52.4	29	69.0
Bacharelato/Licenciatura	18	42.9	19	45.2
Pósgraduação/Mestrado/Doutoramento	4	9.5	10	23.8

A maioria das famílias apresentou um nível socioeconómico (*n* = 29, 69.0%) médio superior ou superior (cf. Tabela 2).

Tabela 2
Nível socioeconómico familiar

	n	%
Médio/Médio Inferior	13	31.0
Médio Inferior	4	9.5
Médio	10	23.8
Médio Superior/Superior	29	69.0
Médio Superior	15	35.7
Superior	13	31.0

4.2.2 Medidas.

A Tabela 3 apresenta os instrumentos de avaliação utilizados bem como os respetivos objetivos.

Tabela 3
Medidas de avaliação, objetivos e participantes

	Medidas	Objetivo	Participante
Contexto parental: *mind-mindedness* representacional	ñDescreva o/a seu/sua filho/aò (Meins et al., 1998; versão portuguesa de Osório, Castiajo, Martins, & Meins, 2009). Entrevista.	Avaliação da *mind-mindedness* representacional do pai e da mãe.	Progenitores
Contexto conjugal: ajustamento diádico	Escala Revista de Ajustamento Diádico *(*RDAS*;* Busby, Christensen, Crabe, & Larson, 1995; versão portuguesa de Pereira, 2003). Auto-relato.	Avaliação do ajustamento conjugal a nível global, apresentando como subescalas: consenso, satisfação e coesão.	Progenitores
Contexto familiar: suporte social	Relacionamento Com Outros (NICHD, 1991; versão portuguesa de Martins, Fonseca, & Osório, 2007) Auto-relato.	Avaliação do suporte social	Progenitores
Contexto familiar: conciliação trabalho/família	Conciliar Trabalho/Família (NICHD, 1991; versão portuguesa de Martins, Martins, Mateus, Osório, & Fonseca, 2008). Auto-relato.	Avaliação do conflito face à conciliação trabalho/família, tendo como subescalas: a perceção dos constrangimentos e benefícios associados à conciliação trabalho/família.	Progenitores
Representação da vinculação da criança aos 36 meses	Attachment Story Completion Task (ASCT; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990, versão portuguesa de Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, & Fernandes, 2009). Situação de interação.	Avaliação da qualidade da representação da vinculação da criança.	Criança
Competência verbal da criança aos 36 meses	*Wechsler Preschool and Primary Scales of Intelligence - Revised* (WPPSI-R; Wechsler, 1989; versão portuguesa de Seabra-Santos & Simões, 2003).	Avaliação da competência verbal da criança ï QI verbal.	Criança
	Ficha de Caracterização Sociodemográfica e Consentimento Informado (Equipa de Investigação do Desenvolvimento da criança e da Família, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, 2007)	Identificação; Caracterização sociodemográfica; Autorização e acordo na participação dos procedimentos de investigação	Progenitores

4.2.2.1 Contexto parental: mind-mindedness representacional.

Para a avaliação da *mind-mindedness* representacional das figuras parentais foi utilizada uma entrevista semi-estruturada (ñ*Descreva o/a seu/sua filho/a*ò) desenvolvida por Meins e colaboradores (1998) e adaptada à população portuguesa por Osório, Castiajo, Martins e Meins (2009). Nesta entrevista é solicitado aos progenitores para descreverem o/a filho/a, sendo informados que não existem respostas certas ou erradas, pelo que devem nomear qualquer característica dos/as filhos/as (cf. Meins et al., 2001). As respostas permitem inferir acerca da utilização de atributos mentais na descrição dos/as filhos/as. As entrevistas foram audiogravadas, conduzidas de forma independente para os pais e para as mães, e posteriormente transcritas na íntegra, sendo a transcrição o alvo da análise e codificação.

A análise e cotação foram realizadas segundo a adaptação portuguesa (Osório, Castiajo, Martins & Meins, 2009) do método desenvolvido por Meins e colaboradores (cf. Meins & Fernyhough, 2010), sendo os comentários utilizados pelos progenitores, denominados de atributos, caracterizados em cinco categorias exaustivas e mutuamente exclusivas:

- Mental ï qualquer referência à vida mental do/a filho/a relacionada com a vontade, desejos, o intelecto, o conhecimento, a imaginação (incluindo situações de faz-de-conta), interesses, memória ou a metacognição (e.g., ñEla gosta de impor a sua vontadeò; ñEle ® muito espertoò; ñEle sabe o que querò). Foram também consideradas as referências ao que a criança gosta e não gosta, se estas n«o se focassem exclusivamente no comportamento (e.g., ñEle gosta de animaisò e ñEla gosta de explorarò foram codificados como mentais, mas ñEla gosta de brincar com os amigosò foi cotado como comportamental). Refer°ncias ¨s emo-»es da crian-a foram tamb®m integradas (e.g. ñEla est§ sempre muito contenteò, mas n«o ñEla est§ sempre a sorrirò).
- Comportamental- toda a referência ao comportamento, como jogos, atividades e interações com os outros descritos a um nível puramente comportamental (e.g., ñEle brinca comigoò; ñEla gosta de estar com adultosò). Foram tamb®m consideradas comportamentais as seguintes descrições: amigável, simpática/o, amável, brincalhão/brincalhona, mandão/mandona, engraçado/a, educado/a, prestável.

- Físico ï todas as descrições físicas, como por exemplo a idade, as descrições relativas à posição do/a filho/a na família, à fratria ou ao seu estado de saúde (e.g., ñEla ® muito gordaò; ñEle ® bonitoò; ñEla est§ a crescer imensoò; óEle tem cabelo castanhoôô; ñEla tem uma irm« mais velhaò).
- Geral - comentários relacionados com o/a filho/a, mas que não seja atribuível a uma das outras três categorias ou que seja demasiado vago (e.g. ñEla ® uma rapariga fant§sticaò; ñEla ® muito femininaò; ñEle ® uma crian-a ador§velò; óóEla ® uma crian-a normalò).
- Autorreferencial - referência focalizada no próprio progenitor e não centrada na criança, ou seja, é utilizado um atributo como descritor do/a filho/a que é gerador de determinado efeito nos pais (e.g., óóEle faz-me sorrirò; ñEla surpreende-meò; ñEu n«o tenho muitas preocupa-»es com eleò).

Todas as repetições exatas de atributos não foram consideradas, desta forma cada atributo só foi contabilizado uma vez. Por exemplo, se o progenitor descreveu a criança como calma duas vezes na entrevista, apenas foi codificado um atributo, mas, se a criança foi descrita como calma e tranquila foram codificados dois atributos.

O índice de *mind-mindedness* foi obtido tendo em conta a totalidade dos atributos classificados como mentais, calculado sob a forma de percentagem tendo em conta o total de atributos (mentais, comportamentais, físicas, gerais e autorreferenciais) utilizados pela figura parental para descrever o/a filho/a (cf. Meins et al., 2001).

Na análise e cotação da *mind-mindedness*, 30.95% das entrevistas foram cotadas por dois investigadores independentes devidamente formados para o efeito, tendo sido as restantes cotadas por um investigador. O acordo interinvestigadores de 30.95% das entrevistas, avaliado com recurso ao Kappa de Cohenôs foi considerado excelente, k = .93. As situações de não acordo foram resolvidas por consenso.

A análise e cotação de cada entrevista teve uma duração média de 30 minutos por investigador, sendo necessárias um total de 52 horas para a sua concretização na presente amostra.

4.2.2.2 Contexto conjugal: ajustamento diádico/conjugal.

A Escala Revista de Ajustamento diádico (R-DAS; Busby, Christensen, Crabe & Larson, 1995; versão portuguesa de Pereira, 2003) é um auto-relato, constituído por 14 itens com respostas tipo *lickert* de 5 ou 6 valores, que permite avaliar a perceção individual do funcionamento da díade conjugal.

Originalmente composto por 32 itens e quatro subescalas (consenso, satisfação, coesão e expressão), a versão revista é constituído por 14 itens e três subescalas (consenso, satisfação e coesão). Busby e colaboradores (1995) consideraram que a versão revista constituiu uma alternativa mais fiável à versão original, Dinkel e Balck (2006) acrescentaram que o modelo revisto apresenta melhores qualidades psicométricas do que a original. Na adaptação da R-DAS para a versão portuguesa os autores procuraram manter a escala o mais equivalente possível em termos linguísticos e conceptuais à versão original americana (Pereira, 2003).

Como referenciado, para além de um valor global, o R-DAS tem ainda três subescalas, que avaliam três domínios da relação conjugal, nomeadamente consenso, satisfação e coesão. No consenso diádico a cotação varia de 5 (*sempre de acordo*) a 0 (*sempre em desacordo*). Na satisfação diádica, varia de 0 (*sempre*) a 5 (*nunca*) e na coesão, o item 11 varia de 0 (*nunca*) a 4 (*todos os dias*) e os restantes itens 12, 13 e 14 variam de 0 (*nunca*) a 5 (*frequentemente*). Valores elevados indicam maior ajustamento conjugal.

O consenso centra-se na tomada de decisão, valores e afetos, avaliando a perceção individual do grau de acordo do casal face à religião, demonstrações de afeto, tomada de decisões, relações sexuais, convencionalidade (comportamento socialmente apropriado) e decisões de carreira.

A dimensão satisfação centra-se na estabilidade e conflito, avaliando a perceção individual da frequência com que pondera terminar a relação, se lamenta de estar casado, ou se zanga com o cônjuge.

A coesão centra-se nas atividades e discussões, avaliando a frequência com que o casal participa em atividades extrafamiliares, tem uma troca estimulante de ideias, trabalham juntos num projeto ou calmamente discutem algo. A coesão é compreendida como um sentimento ou vivência de união e integração entre o casal.

O R-DAS tem demonstrado valores adequados de fidelidade, validade de constructo e validade de critério (Busby et al., 1995). A consistência interna deste instrumento, no presente estudo, foi avaliado por recurso ao Alfa de Cronbach, tendo variado entre .68 e .85 (mais especificamente: Ajustamento global pai, Ǔ = .79; Ajustamento global mãe, Ǔ = .76; Consenso pai, Ǔ = .75; Consenso m«e, Ǔ = .71; Satisfação pai, Ǔ = .78**;** Satisfação mãe, Ǔ = .85; Coesão pai, Ǔ = .70; Coesão mãe, Ǔ = .72), sendo classificável entre aceitável e boa.

4.2.2.3 Contexto familiar: suporte social.

ñRelacionamento com os outrosò (NICHD, 1991; vers«o portuguesa de Martins, Fonseca, & Osório, 2007) é um autorelato que permite avaliar o suporte social em geral relativamente a família e amigos. É constituído por 11 itens, tipo *lickert* que variam entre 1 (*Nunca*) e 6 (*Sempre*), constituindo apenas um valor global. Valores mais elevados correspondem a uma maior perceção de suporte social.

O instrumento foi elaborado com base na concetualização de Weiss (1974) sobre as funções das relações sociais, nomeadamente partilha de preocupações, intimidade, oportunidade e possibilidade de cuidar, reconhecimento de valor, apoio, a assistência, e orientação. É solicitado aos participantes que assinalem a resposta que melhor descreve os seus relacionamentos no último mês (e.g., *"As pessoas com as quais eu me preocupo aproximam-se quando eu preciso delas"*, *"Quando preciso de alguém para me apoiar, normalmente consigo encontrar alguém").*

Este instrumento tem demonstrado características psicométricas adequadas (NICHD, 1991). A consistência interna deste instrumento no presente estudo, avaliada através do Alfa de Cronbach, variou entre .85 (pai) e .82 (mãe), sendo classificada como boa a sua fiabilidade.

4.2.2.4 Contexto familiar: conciliação trabalho/família

ñConciliar trabalho/fam²liaò (NICHD, 1991; vers«o portuguesa de Martins, Martins, Mateus, Osório, & Fonseca, 2008) é um questionário que permite avaliar o conflito, os constrangimentos e benefícios subjacente à conciliação do trabalho e da

família. É constituído por 21 itens, tipo *lickert* que variam entre 1 (*Não verdadeiro*) e 4 (*Extremamente verdadeiro*).

Este instrumento integra duas subescalas: ñBenef²cios trabalho/fam²liaò (8 itens, do 14 ao 21); ñConstrangimentos Trabalho/Fam²liaò (13 itens, do 1 ao 13). Pode ser constituído apenas um valor global, que traduz o conflito na conciliação entre os contextos familiar e profissional, sendo obtido pela soma dos itens da subescala ñConstrangimentos Trabalho/Fam²liaò ao inverso dos itens da subescala ñBenef²cios Trabalho/Fam²liaò. Valores mais elevados correspondem ¨ perce-«o de um maior conflito inerente à conciliação do contexto familiar e profissional.

É solicitado aos participantes que, tendo em conta as afirmações apresentadas, refiram at® que ponto as consideram verdadeiras, integrando itens como ñ*Trabalhar deixa-o(a) com pouco tempo para ser o tipo de pai/mãe que quer ser*ò ou ñ*Trabalhar faz de si um(a) melhor pai/mãe*ò.

Este autorelato tem demonstrado características psicométricas adequadas (NICHD, 1991). A sua consistência interna no presente estudo, avaliada através do Alfa de Cronbach, variou entre .70 e .87 (mais especificamente: Conflito pai, Ŭ = .78; Conflito m«e, Ŭ = .81; Constrangimentos pai, Ŭ = .85; Constrangimentos m«e, Ŭ = .83; Benef²cios pai, Ŭ = .87; Benef²cios m«e, Ŭ = .84).

4.2.2.5 Representação da vinculação da criança aos 36 meses de idade.

A qualidade da representação da vinculação aos 36 meses foi avaliada com o *Attachment Story Completion Task* (ASCT; Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990; versão portuguesa Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, & Fernandes, 2009), que tem por objetivo aceder ao modelo interno dinâmico da vinculação através da análise das narrativas das crianças construídas a partir de histórias do dia a dia familiar apresentadas pelo investigador.

O *Attachment Story Completion Task*, aplicável entre os 3 e os 6 anos, apresenta uma duração média de 30 minutos, necessita como recursos de uma família de pequenos bonecos (pai, mãe, duas crianças com idades diferentes, avó) e adereços (e.g., mesa e cadeiras, bolo de aniversário, camas, e um automóvel). O investigador apresenta inícios de histórias convidando a criança a terminá-las, levando a que esta construa pequenas narrativas.

Este procedimento envolve um conjunto de cinco histórias, formuladas para elicitar as representações e sentimentos da criança face a diferentes aspetos da relação de vinculação:

1. A figura de vinculação num papel de autoridade face a um acidente da criança (história do Sumo Entornado) - *enquanto a família está sentada à mesa a almoçar, o filho protagonista estica o braço para tentar alcançar o copo de sumo, acabando, inadvertidamente, por o deitar ao chão.*
2. A dor como estimulo desencadeador de comportamentos de vinculação e proteção (história do Joelho Magoado) ï *esta história tem início com a família a passear num parque onde existe uma rocha alta. A dada altura, ao subir sozinho à rocha, o filho protagonista cai, ferindo-se no joelho.*
3. O medo da criança (história do Monstro no Quarto) ï *a cena inicial mostra os pais na sala-de-estar a dizerem boa-noite ao filho protagonista. Este encaminha-se sozinho para o quarto, mas, ao chegar perto da cama, a luz apaga-se subitamente e ouve-se um ruído forte e estranho, dizendo o entrevistador à criança que há um monstro no quarto.*
4. A ansiedade de separação e a capacidade de *coping* com um cuidador substituto, a avó, (história da Partida) ï *a história começa com os pais a dizerem aos filhos que terão de partir em viagem, mas que a avó (figura introduzida apenas nas duas últimas histórias) ficará a tomar conta deles até ao dia seguinte*.
5. A tonalidade afetiva do regresso dos pais (história do Reencontro) ï *sendo dito pelo entrevistador que já passou um dia desde a partida dos pais, a avó comunica aos dois irmãos que estes estão a regressar da viagem.*

A primeira história (Bolo de Aniversário) mostra o início de uma festa de aniversário do/a filho/a protagonista, esta história tem um carácter neutro não sendo posteriormente cotada. A sua existência pretende assegurar que a criança compreende o procedimento, facilitando ainda uma familiarização o procedimento, com o entrevistador e com o material,

O sexo e posição na fratria da criança-protagonista na história são igualados aos da criança participante (Bretherton et al., 1990). Cada elemento da família é apresentado à criança, sendo solicitado que dê um nome a cada um dos irmãos/irmãs, pais/mãe, bem

como à avó. O início de cada história é dramatizado e narrado pelo investigador, sendo depois solicitado à criança que mostre (com recurso aos bonecos) e conte o que acontece a seguir (cf. Bretherton et al., 1990). O investigador dá como instrução: ñMostra-me o que aconteceu a seguir é ò, largando os bonecos e deixando a cena livre para a crian-a. Para iniciar a hist·ria seguinte, o investigador diz: ñTenho uma ideia para uma hist·ria diferenteò ou ñPodemos passar ¨ pr·xima hist·ria?ò e de modo a facilitar o envolvimento da criança na tarefa é-lhe pedido, no final de cada história, que ajude a dispor o cenário para a história seguinte. O contexto de jogo permite à criança desenvolver uma narrativa que não está apenas dependente da linguagem. Todo o procedimento da ASCT foi videogravado e posteriormente transcrito.

As transcrições foram analisadas e codificadas com base no *Düsseldorf Coding System* (DCS; Gloger-Tipplet & Koenig, 2002/2006), tendo por objetivo analisar as representações da criança face ao *self* e aos pais, bem como o comportamento da criança com o examinador durante todo o procedimento. A análise do *Attachment Story Completion Task* é baseada nas transcrições completas das videogravações, tendo em conta as narrativas verbais e comportamentos manifestos durante o jogo. A segurança da vinculação da criança foi avaliada numa escala de cinco pontos para cada história individualmente e para o conjunto de cinco histórias, de forma a classificar a estratégia de vinculação predominante: representação segura da vinculação; representação insegura-evitante da vinculação; representação insegura-ambivalente da vinculação; e desorganização da vinculação. O presente sistema de codificação (DCS; Gloger-Tipplet & Koenig, 2002/2006) processa-se de acordo com as seguintes etapas:

1. Cada história é codificada, numa fase inicial, quanto aos marcadores gerais a todas as histórias e nos marcadores específicos de cada uma. Os marcadores gerais focam a raiva na criança, raiva na FV, discurso inapropriado ou confuso, prolongamento da narrativa para além do tópico elicitado, acontecimento bizarro/incoerente/negativo, evitamento da temática da história ou da realização da narrativa. Uma vez que as temáticas são diferentes, cada história é também codificada em aspetos específicos: *história do sumo entornado* - é servido novo sumo, punição com/sem violência, exclusão, autoreprovação, medo de reprovação ou puni-«o por parte da FV, é ; *história do joelho magoado* ï cuidado imediato, conforto verbal ou por ações, joelho cuidado mais tarde, joelho

n«o ® cuidado, autoreprova-«o, é ; *história do monstro no quarto* ï destruição/remoção do monstro, apresentação de uma explicação empática alternativa, rejeição por parte dos pais, rejeição pela criança, instruções dadas pelos pais, a criança continua assustada, os pais estão assustados, é ; *história da separação* ï criança triste mas confortada, criança triste n«o confortada, ansiedade de separa-«o, é ; hist·ria do reencontro ï boas vindas com satisfação, boas vindas com contacto corporal, boas vindas verbais, comunicação de sentimentos e experiências, não são dadas as boas vindas, preocupação com os pais.

2. Numa segunda etapa é importante tomar nota, em cada história, relativamente ao comportamento da criança, acontecimentos durante a administração que podem influenciar a codificação.
3. No terceiro passo, é atribuído a cada história um valor de segurança (entre 0 e 4), de acordo com os marcadores gerais/específicos e as notas dos investigadores.
4. No quarto passo, a classificação da estratégia de vinculação dominante é realizada pela média de valores obtidos em cada história.
5. No entanto, na codificação e classificação final é importante rever todo o processo, tendo o cuidado de não seguir uma regra estritamente aritmética.

Há características gerais que caracterizam as três estratégias de vinculação. Em geral, as crianças que utilizam uma sequência de ações criativa, apropriada e coerente, apresentam a situação bem resolvida no final, manipulam os brinquedos de forma apropriada, descrevem os adultos como competentes, que direcionam as emoções adequadamente, são usualmente consideradas como possuindo uma representação segura da vinculação. As crianças que utilizam sequências de ações verbais e não verbais pobres, apresentam situações não resolvidas, com pouca expressão emocional face às histórias relacionadas com a vinculação, ignoram ou respondem desadequadamente face ao estimulo, negam ou evitam a separação, são usualmente classificadas como tendo uma representação da vinculação insegura-evitante. As crianças que mostram tendência para maximizar os temas relevantes para a vinculação, que criam narrativas sem um final claro e organizado, que se focam nos aspetos negativos das histórias são classificadas como tendo uma representação da vinculação insegura-ambivalente. Por fim, as crianças com

comportamentos bizarros perante a dramatização, com conteúdos extremamente negativos (e.g., viol°ncia, morte, separa-«o da fam²lia, é), bloqueios, narrativas contidas pelo medo, são classificadas na categoria de desorganização da vinculação.

Todas as narrativas foram cotadas de forma independente por uma equipa constituída por três investigadores, devidamente formados e certificados no *Düsseldorf Coding System* (DCS; Gloger-Tipplet & Koenig, 2002/2006), sendo que cada narrativa foi sempre cotada por dois investigadores. A análise e cotação de cada procedimento variou entre 40 e 95 minutos, tendo uma duração média de 60 minutos por investigador, sendo necessárias um total de 96 horas para a sua concretização na presente amostra. O acordo interjuizes, foi realizado com recurso ao Kappa de Cohenôs, tendo sido classificado como excelente (k = .85). As situações de não acordo foram resolvidas por consenso.

4.2.2.1 Competência verbal da criança

Wechsler Preschool and Primary Scales of Intelligence - Revised (WPPSI-R; Wechsler, 1989) adaptada e aferida para a população portuguesa (Seabra-Santos et al., 2003), é um instrumento de administração individual, destinado à avaliação da inteligência de crianças entre os 3 e os 6 anos e 6 meses de idade. Composta por 12 sub-testes (dois dos quais opcionais), esta prova possibilita a recolha de informação relativa a diferentes dimensões da realização cognitiva e, simultaneamente, define um quociente total (QI Escala Completa). Este deriva da soma de dois outros resultados compósitos ï QI Escala Verbal (determinado pelo desempenho nos sub-testes de natureza verbal) e o QI Escala de Realização (obtido pelo desempenho nos sub-testes de natureza predominantemente percetivo-motora). A dimensão verbal é composta pelas provas: *Informação*, *Compreensão*, *Aritmética*, *Vocabulário* e *Semelhanças.* A dimensão de realização é constituída pelas provas *Composição de Objetos, Figuras Geométricas*, *Quadrados, Labirintos* e *Completamento de Gravuras*. Fazem ainda parte do protocolo os sub-testes *Tabuleiro dos* Animais (realização) e *Frases Memorizadas* (verbal), cujo caracter facultativo possibilitou a sua não utilização.

A WPPSI-R tem revelado uma excelente consistência interna (.93 para o QI de realização; .94 para o QI verbal; e, .97 para o QI global).

A presente investigação utilizou apenas o QI verbal, tendo por objetivo controlar potenciais efeitos da competência verbal na representação da vinculação da criança.

4.3 Procedimento de recolha de dados

Como referido anteriormente, o presente estudo foi realizado no âmbito de um projeto longitudinal intitulado ñAbordagem ecológica do desenvolvimento socioemocional e sociocognitivo da infância até à idade pré-escolar: contribuição de vari§veis da crian-a, dos pais e do contextoò.

O recrutamento inicial dos participantes foi realizado através de creches localizadas na zona do grande Porto. Após a apresentação do projeto de investigação aos corpos dirigentes das instituições, estes acederam em enviar convites escritos às famílias, descrevendo os objetivos e os procedimentos do projeto. As famílias que mostraram interesse foram contactadas pela equipa de investigação. Até à data o projeto longitudinal contemplou quatro momentos de avaliação distintos marcados pela idade da criança, nomeadamente 10, 12/16, 36 e 52 meses. Os dados analisados no presente estudo foram recolhidos aos 36 meses.

O momento de avaliação dos 36 meses do projeto longitudinal teve início com o contacto telefónico com as famílias que participaram aos 10 e 12/16 meses das crianças, para auscultar sobre a disponibilidade e vontade em participarem nesta etapa. Os progenitores foram informados dos objetivos e dos procedimentos de recolha de dados referentes à participação das crianças e dos/as pais/mães, às famílias que aceitaram foi solicitada a assinatura a ambos os progenitores de um documento formal de consentimento informado.

Aos 36 meses de idade das crianças toda a recolha de dados foi realizada em contexto de laboratório, constituído por duas salas adjacentes separadas por um espelho bidirecional. Todos os procedimentos foram gravados em áudio ou vídeo, consoante o necessário para a sua posterior análise e codificação.

Cada díade mãe/criança participou numa sessão laboratorial com a duração aproximada de 90 minutos, com um intervalo de 15 minutos. No decurso da sessão foi concretizado o protocolo de investigação estabelecido, que integrava: a administração da *Attachment Story Completion Task* (ASCT; Bretherton et al., 1990; versão portuguesa Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva & Fernandes, 2009) à criança; a realização da entrevista

com a m«e ñDescreva o/a seu/sua filho/aò (Meins, e cols, 1998, versão portuguesa de Osório, Castiajo, Martins & Meins, 2009); e a aplicação dos seguintes questionários ñEscala Revista de Ajustamento Di§dicoò (RDAS; Busby, Christensen, Crabe & Larson, 1995; vers«o portuguesa de Pereira, 2003), ñRelacionamento Com Outrosò (NICHD, 1991; vers«o portuguesa de Martins. Fonseca & Os·rio, 2007) e ñConciliar trabalho/fam²liaò (NICHD, 1991; vers«o portuguesa de Martins, Martins, Mateus, Os·rio & Fonseca, 2008). Após duas semanas, a criança retornou ao laboratório para aplicação do mesmo protocolo com a figura paternaa (com a exceção ASCT), nesta segunda visita foi aplicada a *Wechsler Preschool and Primary Scales of Intelligence - Revised* (WPPSI-R; Wechsler, 1989; versão portuguesa de Seabra-Santos & Simões, 2003).

Todos os procedimentos foram realizados, armazenados, analisados e codificados por investigadores previamente formados, resguardando as condições de confidencialidade e privacidade exigidas.

5 Apresentação de resultados

Este capítulo apresenta os resultados em três partes distintas: 5.1 - caracterização da amostra quanto às variáveis do contexto parental (*mind-mindedness* representacional), conjugal (ajustamento diádico global, consenso, satisfação e coesão diádica/conjugal) e familiar (suporte social; conciliação trabalho/família: conflito, constrangimentos e benefícios); análise da associação entre as varáveis sociodemográficas e as variáveis em estudo; análise da associação entre as variáveis contextuais; 5.2 ï caracterização da amostra em termos de representação da vinculação das crianças aos 36 meses de idade; 5.3 ï análise do impacto direto das variáveis do contexto parental, conjugal e familiar na representação da vinculação da criança aos 36 meses, por recurso à regressão logística binária; 5.4 - análise do impacto indireto das variáveis do contexto parental, conjugal e familiar na representação da vinculação da criança aos 36 meses, abordando os modelos de mediação e moderação; e, 5.5 ï foi analisada a contribuição cumulativa das variáveis dos contextos parental, conjugal e familiar, enquanto fatores de risco e proteção, para a representação da vinculação da criança.

A análise de dados foi realizada por recurso ao *Stastical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 20.0; IBM SPSS). As medidas descritivas são apresentadas para todas as variáveis sociodemográficas e para todas as variáveis em estudo. Tendo por objetivo identificar possíveis associações entre as varáveis sociodemográficas e as variáveis em estudo, foram realizadas análises correlacionais. Nas análises de associação foram utilizados os testes de Qui-quadrado, o coeficiente de correlação de Pearson (variáveis contínuas) e Ponto-bisserial (varável contínua/dicotómica). O impacto das variáveis contextuais na representação da vinculação foi calculado por recurso à regressão logística binária.

5.1 Contextos parental, conjugal e familiar

5.1.1 Contexto parental: *mind-mindedness* representacional.

Foram analisadas as medidas descritivas da *mind-mindedness* representacional (cf. Tabela 4) considerando-se o pai e a mãe.

Tabela 4
Medidas descritivas referentes à *mind-mindedness* representacional

	Pai					Mãe				
	M	*DP*	Mediana	Min	Max	*M*	*DP*	Mediana	Min	Max
Mind-mindedness (%)	32.42	20.62	33.33	0.00	90.00	31.48	16.82	31.91	0.00	75.00
Total de atributos	15.24	11.66	11.50	3.00	62.00	22.48	14.39	19.50	8.00	73.00
Atrib. mentais	4.53	4.02	3.00	0.00	21.00	6.93	4.94	6.00	0.00	22.00
Atrib. não mentais	10.71	9.82	8.00	1.00	55.00	15.55	11.28	14.00	2.00	60.00
Comportamentais	8.31	8.70	6.00	0.00	49.00	12.05	9.27	9.50	2.00	49.00
Físicos	0.33	0.61	0.00	0.00	2.00	0.52	1.11	0.00	0.00	5.00
Gerais	1.38	1.45	1.00	0.00	5.00	2.00	2.04	2.00	0.00	11.00
Autorreferenciais	0.69	1.12	0.00	0.00	4.00	0.98	1.18	1.00	0.00	5.00

A correlação entre a *mind-mindedness* representacional do pai e a *mind-mindedness* representacional da mãe não apresentou relevância estatística, r = .05, p = .739.

O sexo da criança não se mostrou significativamente correlacionado com a *mind-mindedness* representacional do pai, r_{pb} = -.07, p = .673, ou da mãe, r_{pb} = -.23, p = .137.

A *mind-mindedness* representacional do pai não se mostrou correlacionada com a idade, r = .08, p = .624, a habilitação académica, r_{pb} = .18, p = .251, ou com o NSE familiar, r_{pb} = .24, p = .123. Por sua vez, a *mind-mindedness* representacional da mãe não esteve correlacionada com a idade, r = .08, p = .626, habilitação académica, r_{pb} = -.06, p = .710, ou com o NSE familiar, r_{pb} = -.05, p = .710.

5.1.2 Contexto conjugal: ajustamento diádico/conjugal.

Apresentam-se a seguir os resultados descritivos das medidas relativas ao ajustamento diádico do casal (cf. Tabela 5), diferenciando um valor global e três valores correspondentes às subescalas (consenso, satisfação e coesão).

Tabela 5
Medidas descritivas referentes ao ajustamento diádico/conjugal

	Pai					Mãe				
	M	*DP*	Mediana	Min	Max	*M*	*DP*	Mediana	Min	Max
Ajustamento global	3.63	0.51	3.57	2.57	4.50	3.63	0.51	3.68	2.29	4.57
Consenso	4.03	0.51	4.00	3.00	5.00	4.01	0.44	4.00	2.83	5.00
Satisfação	3.97	0.54	4.00	2.75	4.75	3.79	0.74	3.75	0.75	4.50
Coesão	2.67	1.01	2.50	0.75	4.50	2.91	1.06	2.88	1.00	4.50

Analisando a relação entre o ajustamento diádico (pai e mãe) e as variáveis socio demográficas do pai e da mãe, e o sexo da criança, não se constatou a existência de correlações estatisticamente significativas (cf. Tabela 6).

Tabela 6
Correlações entre o ajustamento diádico/conjugal e as variáveis sociodemográficas

	Criança	Pai		Mãe		Família
	Sexo [a]	Idade	Habilitação académica [a]	Idade	Habilitação académica [a]	NSE [a]
Pai						
Ajustamento global	-.14	-.20	-.07	-	-	-.10
Consenso	-.11	-.14	-.13	-	-	-.21
Satisfação	-.07	.01	-.05	-	-	-.01
Coesão	-.13	-.24	.00	-	-	.00
Mãe						
Ajustamento global	.06	-	-	-.01	-.20	-.20
Consenso	-.01	-	-	-.06	-.23	-.23
Satisfação	-.01	-	-	-.09	-.19	-.19
Coesão	.12	-	-	.08	-.07	-.07

a ï foi utilizado o Coeficiente de Correlação Ponto-Bisserial
$^{***}p$ <.001; $^{**}p$ <.01; $^{*}p$ <.05

Foram analisadas as correlações entre ajustamento global, consenso, satisfação e coesão diferenciando-se o pai e a mãe (cf. Tabela 7).

Tabela 7
Correlações do ajustamento diádico/conjugal

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
Pai								
1.Ajustamento global	-							
2.Consenso	.72***	-						
3.Satisfação	.83***	.65***	-					
4.Coesão	.77***	.16	.43**	-				
Mãe								
5.Ajustamento global	.44**	.44**	.54***	.14	-			
6.Consenso	.34*	.61***	.36*	-.06	.65***	-		
7.Satisfação	.40**	.45**	.60***	.05	.76***	.50**	-	
8.Coesão	.25	.06	.27	.25	.76**	.13	.27	-

***p <.001; **p <.01; *p <.05

O ajustamento diádico/conjugal global está significativamente correlacionado com as três subescalas nomeadamente consenso, satisfação e coesão. Uma maior perceção de ajustamento diádico por parte do pai e da mãe está associada a uma maior perceção de consenso, satisfação e coesão conjugal. A perceção de maior ajustamento do casal face à tomada de decisões, aos valores e afetos (consenso) por parte dos progenitores está associado a uma maior satisfação conjugal. Acresce ainda que, relativamente aos pais há uma correlação estatisticamente significativa entre a satisfação conjugal e a coesão.

Na análise da relação entre os valores do ajustamento diádico do pai e da mãe, apenas a coesão não apresenta nenhuma correlação estatisticamente significativa com as demais variáveis em estudo.

5.1.2.1 Ajustamento diádico/conjugal e mind-mindedness representacional.

Pela utilização do Coeficiente de correlação de Pearson foram analisadas as relações entre a *mind-mindedness* representacional e o ajustamento global e respetivas subescalas (consenso, satisfação e coesão) (cf. Tabela 8).

Tabela 8
Correlações entre o ajustamento diádico/conjugal e a *mind-mindedness* representacional

	mind-mindedness representacional	
	Pai	Mãe
Pai		
Ajustamento global	-.11	.05
Consenso	.06	-.03
Satisfação	-.06	.05
Coesão	-.20	.09
Mãe		
Ajustamento global	-.18	-.24
Consenso	-.01	-.18
Satisfação	-.13	-.26
Coesão	-.20	-.10

$^{***}p < .001$; $^{**}p < .01$; $^{*}p < .05$

5.1.3 Contexto familiar: suporte social.

A Tabela 9 apresenta as medidas descritivas da escala de suporte social do pai e da mãe.

Tabela 9
Medidas descritivas referentes ao suporte social

	Pai					Mãe				
	M	*DP*	Mediana	Min	Max	*M*	*DP*	Mediana	Min	Max
Suporte Social	4.82	0.57	4.82	3.64	5.91	4.77	0.78	5.00	2.00	5.91

A perceção de suporte social por parte do pai não revelou estar significativamente correlacionado com a perceção de suporte social por parte da mãe, $r = .06$, $p = .710$.

A perceção de suporte social do pai não esteve correlacionada com a idade, $r = -.16$, $p = .308$, a habilitação académica, $r_{pb} = .07$, $p = .667$, ou o NSE, $r_{pb} = -.06$, $p = .689$. Por sua vez, a perceção de suporte social por parte da mãe não esteve correlacionada com a idade, $r = -.07$, $p = .649$, habilitação académica, $r_{pb} = -.07$, $p = .665$, ou NSE, $r_{pb} = -.07$, $p = .665$.

5.1.3.1 Suporte social e mind-mindedness representacional.

Foi analisada a relação entre o suporte social e a *mind-mindedness* representacional considerando-se o pai e a mãe (cf. Tabela 10).

Tabela 10
Correlações entre suporte social e a *mind-mindedness* representacional

	mind-mindedness representacional	
	Pai	Mãe
Pai		
Suporte social	-.17	-.02
Mãe		
Suporte social	.19	-.31*

***p <.001; **p <.01; *p <.05

Destacou-se uma correlação negativa estatisticamente significativa entre o suporte social percepcionado pela mãe e a *mind-mindedness* representacional, as mães com uma maior perceção de suporte social apresentam níveis mais baixos de *mind-mindedness* representacional (utilizam menos palavras mentais na descrição dos/as filhos/as).

5.1.3.2 Suporte social e ajustamento diádico/conjugal.

Foi analisada a relação entre o ajustamento diádico/conjugal (global, consenso, satisfação, coesão) e o suporte social percecionado pelo pai e pela mãe (cf. Tabela 11).

Tabela 11
Correlações entre suporte social e o ajustamento diádico/conjugal

	Ajustamento diádico							
	Pai				Mãe			
	Global	Consenso	Satisfação	Coesão	Global	Consenso	Satisfação	Coesão
Pai								
Suporte Social	.44**	.36*	.30	.34*	.05	.09	.08	-.03
Mãe								
Suporte social	-.02	.06	-.14	.00	.06	.07	.03	.03

***p <.001; **p <.01; *p <.05

Destaca-se a correlação positiva estatisticamente significativa entre a perceção de suporte social do pai e o ajustamento global, o consenso e a coesão. Os pais que percecionam maior suporte social, percecionam um maior ajustamento do funcionamento do casal, um maior consenso face a tomada de decisões, valores e afetos, bem como uma maior coesão.

5.1.4 Contexto familiar: conciliação trabalho/família.

A conciliação trabalho/família foi avaliada por um *score* global (que avalia a perceção de conflito relativamente à conciliação do trabalho e da família) e duas subescalas (constrangimentos e benefícios na conciliação trabalho/família), apresentando-se as medidas descritivas na Tabela 12.

Tabela 12
Medidas descritivas referentes à conciliação trabalho/família

	Pai					Mãe				
	M	*DP*	Mediana	Min	Max	*M*	*DP*	Mediana	Min	Max
Conflito	1.93	0.38	1.93	1.24	2.76	1.90	0.39	1.86	1.29	3.05
Constrangimentos	1.75	0.42	1.66	1.08	2.92	1.80	0.43	1.73	1.31	3.46
Benefícios	2.77	0.66	2.75	1.00	4.00	2.96	0.56	2.94	1.88	4.00

Foi analisada a relação entre o conflito, os constrangimentos, os benefícios relativamente à conciliação trabalho/família com as variáveis sociodemográficas. Não foram encontradas correlações estatisticamente significativas (cf. Tabela 13).

Tabela 13
Correlações entre a conciliação trabalho/família e as variáveis sociodemográficas

	Crianças	Pai		Mãe		Família
	Sexo [a]	Idade	Habilitação académica [a]	Idade	Habilitação académica [a]	NSE [a]
Pai						
Conflito	-.08	.08	.17	-	-	.22
Constrangimentos	-.16	-.06	.21	-	-	.29
Benefícios	-.04	-.19	-.04	-	-	-.03
Mãe						
Conflito	.09	-	-	-.10	.09	.09
Constrangimentos	.26	-	-	-.10	.17	.17
Benefícios	.14	-	-	.09	.06	.06

a ï foi utilizado o Coeficiente de Correlação Ponto-Bisserial
$^{***}p$ <.001; $^{**}p$ <.01; $^{*}p$ <.05

A Tabela 14 apresenta as correlações referentes ao conflito, constrangimentos e benefícios inerentes à conciliação trabalho/família.

Tabela 14
Correlações da conciliação trabalho/família

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
Pai						
1.Conflito	--					
2.Constrangimentos	.76***	--				
3.Benefícios	-.73***	-.11	--			
Mãe						
4.Conflito	-.04	.02	.09	--		
5.Constrangimentos	-.40	.06	.02	.80***	--	
6. Benefícios	-.05	.02	.09	-.74***	-.25	--

***p <.001; **p <.01; *p <.05

Para os pais e para as mães, um maior conflito na conciliação trabalho/família está associado a uma perceção de maiores constrangimentos e a um menor beneficio na conciliação dos dois contextos.

5.1.4.1 Conciliação trabalho/família e mind-mindedness representacional.

A Tabela 15 apresenta as relações entre a conciliação trabalho/família (conflito, constrangimentos, benefícios) e a *mind-mindedness* representacional, não foram encontradas correlações estatisticamente significativas.

Tabela 15
Correlações entre o conflito, constrangimentos e benefícios na conciliação trabalho/família e a *mind-mindedness* representacional

	Mind-mindedness representacional	
	Pai	Mãe
Pai		
Conflito	.08	-.11
Constrangimentos	-.08	-.11
Benefícios	-.20	.05
Mãe		
Conflito	-.07	.00
Constrangimentos	.04	.01
Benefícios	.17	-.05

***p <.001; **p <.01; *p <.05

5.1.4.2 Conciliação trabalho/família e ajustamento diádico/conjugal.

Foram encontradas correlações com relevância estatística entre as perceções dos/as pais/mães face às variáveis da conciliação trabalho/família e do ajustamento diádico/conjugal (cf. Tabela 16).

Tabela 16
Correlações entre a conciliação trabalho/família e o ajustamento diádico/conjugal

	Ajustamento diádico							
	Pai				Mãe			
	Global	Consenso	Satisfação	Coesão	Global	Consenso	Satisfação	Coesão
Pai								
Conflito	-.41**	-.13	-.35*	-.43**	.00	.18	-.06	-.06
Constrangimentos	-.39*	-.37*	-.42**	-.18	-.04	-.04	-.09	.02
Benefícios	.21	-.19	.09	.47**	-.04	-.31*	.01	.11
Mãe								
Conflito	-.09	.04	.03	-.20	-.18	.11	-.17	-.25
Constrangimentos	-.22	-.12	-.15	-.21	-.34**	-.11	-.31**	-.29
Benefícios	-.06	-.22	-.16	.15	-.01	-.26	-.04	.18

***p <.001; **p <.01; *p <.05

Para os pais (mas não para as mães), a perceção de maior conflito na conciliação do trabalho e da família está associada à perceção de menor ajustamento do casal, menor satisfação conjugal, e menor coesão entre os cônjuges.

A perceção por parte dos pais de um maior benefício na conciliação do trabalho e da família está associada a uma maior perceção de coesão do casal por parte do pai e a uma menor perceção de consenso por parte da mãe.

A perceção dos pais e das mães da existência de maiores constrangimentos está significativamente associada a menor perceção de ajustamento do funcionamento do casal e menor satisfação conjugal. Para os pais (mas não para as mães) um maior constrangimento está também associado a menor consenso face a tomada de decisões, valores e afetos.

5.1.4.3 Conciliação trabalho/família e suporte social.

Foi analisada a relação entre suporte social e conflito, constrangimentos, benefícios na conciliação trabalho/família, tendo sido encontrados resultados estatisticamente significativos apenas relativamente aos pais (cf. Tabela 17).

Tabela 17
Correlações entre a conciliação trabalho/família e o suporte social

	Suporte social	
	Pai	Mãe
Pai		
Conflito trabalho/família	-.34*	.11
Constrangimentos trabalho/família	-.19	.20
Benefícios trabalho/família	.31*	.03
Mãe		
Conflito trabalho/família	.23	-.20
Constrangimentos trabalho/família	.07	-.12
Benefícios trabalho/família	-.23	.14

$^{***}p < .001$; $^{**}p < .01$; $^{*}p < .05$

Os pais com maior perceção de suporte social apresentam menor perceção de conflito e maior perceção de benefícios na conciliação dos contextos familiar e profissional.

5.2 Representação da vinculação da criança aos 36 meses

A distribuição das crianças relativamente à representação da vinculação divide-se equitativamente entre a representação segura e insegura da vinculação, conforme se observa na Tabela 18. A representação insegura da vinculação integra 26.2% ($n = 11$) de crianças com um padrão evitante e 23.8% ($n = 10$) com um padrão ambivalente.

Tabela 18
Distribuição da representação da vinculação da criança por sexo

		Representação da vinculação			
		Insegura ($n = 21$)		Segura ($n = 21$)	
		n	%	*n*	%
Sexo	Masculino ($n = 25$)	18	85.7	7	33.3
	Feminino ($n = 17$)	3	14.3	14	66.7

A associação entre a representação da vinculação e o sexo das crianças revelou-se estatisticamente significativa, $c^2(1) = 10.20$, $p = .001$, verificando-se que a maioria das crianças com uma representação insegura da vinculação é do sexo masculino ($n = 18$, 85.7%)

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na competência verbal da criança em função da representação segurança/insegura da vinculação, $t(40) = -2.35$, $p = .024$. As crianças com uma representação segura da vinculação (116.05, *DP* = 17.19) apresentaram uma competência verbal superior face às crianças com uma representação insegura da vinculação (*M* = 104.14, *DP* = 15.57). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, $t(40) = -.73$, $p = .469$, entre a competência verbal dos rapazes (*M* = 108.48, *DP* = 17.60) e o das raparigas (*M* = 112.47, *DP* = 17.05). A competência verbal das crianças não se revelou significativamente correlacionado com a sua idade, $r_{pb} = -.07$, $p = .647$.

A representação segurança/insegura da vinculação não esteve estatisticamente correlacionada com o nível socioeconómico familiar, $r_{sp} = -.05$, $p = .746$, com a habilitação do pai, $r_{sp} = .10$, $p = .548$, a habilitação da mãe, $r_{sp} = -.05$, $p = .746$, com a idade do pai, $r = .06$, $p = .707$, ou com a idade da mãe, $r = .05$, $p = .759$.

5.3 Impacto direto das variáveis dos contextos parental, conjugal e familiar na representação da vinculação da criança aos 36 meses

Tendo por objetivo avaliar a significância das variáveis dos contextos parental (*mind-mindedness* representacional), conjugal (ajustamento diádico global, consenso, satisfação e coesão diádica/conjugal) e familiar (suporte social; conflito, constrangimentos e benefícios inerentes à conciliação trabalho/família) sobre a probabilidade da criança ser classificada como tendo uma representação segura da vinculação (aos 36 meses idade) recorreu-se a modelos de regressão logística, optando-se pelo método *Enter*.

Procedeu-se à validação dos pressupostos por intermédios da análise dos resíduos, com particular atenção para a identificação: i) de outliers - nos resíduos estandardizados os valores absolutos devem ser excluídos se forem superiores a 3, aceites num máximo percentual de 1% os que forem superiores a 2.5 e aceites num máximo percentual de 5% os que forem superiores a 2 (Field, 2005, p. 264); e (ii) dos casos com significativa influência na qualidade do modelo, cuja Distância de Cook apresenta valores superiores a 1 (Cook & Weisberg, 1982; como citado em Field, 2005). Os valores de tolerância e da VIF (variance inflation fator) das variáveis inseridas nas análises revelaram ausência de

multicolinearidade, apresentando valores de tolerância superiores a .10 e de VIF inferiores a 10 (Pallant, 2007).

A qualidade dos modelos de regressão logística binária foi analisada tendo em conta:

- A significância do modelo pela utilização do teste de rácio de verosimilhanças, modelo estatístico de Qui-Quadrado (Omnibus Tests of model Coefficients). Sendo estatisticamente significativo implica que pelo menos uma das VI integradas no modelo apresenta valor preditivo.
- A dimensão do efeito do modelo é usualmente avaliado pelos pseudo-R^2, disponibilizando o SPSS o R^2_{CS} (Cox & Snell R^2) e o R^2_N (Nagelkerke R^2), que sendo baseados na comparação do modelo ajustado com o modelo nulo não constituem medidas diretas da variabilidade da VD explicadas pelo modelo. Field (2005, p. 223) apresenta como uma boa alternativa o Hosmer e Lemeshowôs R^2 (R^2_L) que não sendo apresentado pelo SPSS pode ser facilmente calculado. O R^2_L permitiu inferir a melhoria percentual do ajustamento do modelo com a inserção de novas variáveis (Field, 2005, p. 223), ou seja, qual a percentagem do efeito do modelo na variabilidade da VD (Field, 2005, p. 254).
- A significância dos coeficientes do modelo através do testes de qui-quadrado de Wald, que permitiu identificar as variáveis independentes que influenciam significativamente o modelo, tendo em consideração que cada coeficiente é condicionado pelos valores estimados das outras variáveis presentes no modelo.
- A qualidade da classificação realizada pelo modelo foi realizada pela percentagem global de classificações corretas obtidas com o modelo, bem como pela sensibilidade (percentagem de classificações corretas da representação segura da vinculação) e especificidade (percentagem de classificações corretas da representação insegura da vinculação) do modelo. Segundo Marôco (2014) uma sensibilidade e especificidade inferior a 50% revela capacidades preditivas medíocres, se varia entre 50% e 79% as capacidades preditivas do modelo são razoáveis e, se é igual ou superior a 80% o modelo apresenta uma boa capacidade preditiva.

- O poder discriminante do modelo pela utilização da curva ROC (AUC), tendo em conta a área sob a curva ROC. O modelo pode apresentar um poder discriminativo fraco (se a área da curva ROC varia entre 0.5 e 0.7), aceitável (se a área da curva ROC varia entre 0.7 e 0.8), bom (se a área da curva ROC varia entre 0.8 e 0.9), ou excecional (se a área da curva ROC é superior ou igual a 0.9).

Os modelos de regressão foram desenvolvidos em dois passos, tendo sido inserida(s) no primeiro passo a(s) variáveis cujo efeito se pretendeu controlar e no segundo passo as variáveis independentes, desempenhando a representação da vinculação o papel de variável dependente. Em todos os modelos foi controlado o efeito da competência verbal da criança avaliada aos 36 meses, por se apresentar significativamente correlacionado com a representação da vinculação da criança aos 36 meses de idade.

Sendo a amostra constituída por 42 famílias, 42 díades pai/criança e 42 díades mãe/criança, considerou-se pertinente analisar sempre o efeito em simultâneo da VI referente ao pai e à mãe. Para não comprometer a validade dos resultados os modelos de regressão analisados não ultrapassaram o rácio de 10 sujeitos por VI (Miles & Shevlin, 2001; como citado em Field, 2005).

5.3.1 Impacto das variáveis do contexto parental (*mind-mindedness* representacional) na representação da vinculação.

Apresentam-se as médias e desvios-padrão da *mind-mindedness* representacional do pai e da mãe em função da representação da vinculação das crianças (cf. Tabela 19).

Tabela 19
Médias e desvios-padrão da *mind-mindedness* representacional em função da representação da vinculação da criança

	Representação da vinculação			
	Insegura (n = 21)		Segura (n = 21)	
	M	*DP*	M	*DP*
Pai				
Mind-mindedness	29.29	17.30	36.61	22.01
Mãe				
Mind-mindedness	30.74	16.79	32.59	16.58

Tendo por objetivo avaliar o impacto da *mind-mindedness* representacional do pai e da mãe (VI) na representação da vinculação da criança (VD), controlando o efeito da competência verbal da criança foi testado o modelo de regressão logística binária A. Os dados apresentados são referentes à análise do modelo após exclusão de dois casos identificados como tendo influência na qualidade do modelo (Distância de Cook superior a 1).

Tabela 20
Regressão logística: impacto da *mind-mindedness* representacional na representação da vinculação da criança

Passo		B	S.E.	χ^2 wald	95% IC Odds Ratio			Modelo
					Mínimo	Odds	Máximo	
	Modelo A							
1	Competência verbal/criança (df 1)	0.10	0.03	7.80**	1.03	1.10	1.18	$G^2(1) = 12.50$***
2	Competência verbal/criança (df 1)	0.09	0.03	6.97**	1.02	1.10	1.17	$G^2(3) = 12.76$**
	Mind-mindedness/pai (df 1)	0.01	0.02	0.25	0.97	1.01	1.05	
	Mind-mindedness/mãe (df 1)	0.03	0.03	0.01	0.95	1.00	1.06	

***p <.001; **p <.01; *p <.05

O modelo de regressão apresentado é estatisticamente significativo no primeiro passo, $G^2(1) = 12.50$, $p < .001$ ($R^2_{CS} = .268$; $R^2_N = .358$) e classifica corretamente 67.5% dos casos. Uma competência verbal superior da criança está associada a uma maior probabilidade da representação da vinculação ser segura.

O modelo global do segundo passo é igualmente significativo, $G^2(3) = 12.76$, $p = .005$, ($R^2_{CS} = .273$; $R^2_N = .364$), classificando corretamente 70.0% dos casos.

O bloco de variáveis inseridas no segundo passo, ou seja as VI deste modelo (*mind-mindedness* representacional do pai e *mind-mindedness* representacional da mãe), não se revelou estatisticamente significativo, $G^2(2) = .27$, $p = .876$. O contributo individual das VI é igualmente não significativo como se pode analisar na Tabela 23.

A significância do modelo no passo 1 e no passo 2 e o seu impacto na representação da vinculação da criança está subordinado ao efeito da variável que se pretende controlar ï competência verbal da criança ï e não ao efeito das VI.

5.3.2 Impacto das variáveis do contexto conjugal (ajustamento diádico) na representação da vinculação.

Na Tabela 21 são apresentadas as médias e desvios-padrão do ajustamento diádico/conjugal em função da representação da vinculação da criança.

Tabela 21
Médias e desvios-padrão do ajustamento diádico/conjugal em função da representação da vinculação das crianças

	Representação da vinculação			
	Insegura (n = 21)		Segura (n = 21)	
	M	*DP*	M	*DP*
Pai				
Ajustamento global	3.63	0.50	3.62	0.52
Consenso	4.06	0.54	4.01	0.49
Satisfação	4.00	0.49	3.94	0.59
Coesão	2.63	0.89	2.71	1.14
Mãe				
Ajustamento global	3.57	0.40	3.70	0.60
Consenso	4.04	0.30	3.98	0.54
Satisfação	3.85	0.52	3.74	0.92
Coesão	2.58	1.00	3.24	1.04

Tendo por objetivo analisar o impacto do ajustamento global, consenso, satisfação e coesão diádica/conjugal na representação da vinculação da criança, foram desenvolvidos quatro modelos de regressão logística binária tendo como VI: modelo B ï ajustamento diádico/conjugal global percecionado pelo pai e pela mãe; modelo C - consenso diádico/conjugal percecionado pelo pai e pela mãe; modelo D ï satisfação diádica/conjugal percecionada pelo pai e pela mãe; modelo E ï coesão diádica/conjugal percecionada pelo pai e pela mãe.

O modelo de regressão logística B teve por objetivo avaliar o impacto do ajustamento diádico/conjugal global percecionado pelo pai e pela mãe (VI) na representação da vinculação da criança (VD), controlando o efeito da competência verbal da criança (cf. Tabela 22). A primeira concretização deste modelo identificou um caso com significativa influência na sua qualidade, pelo que os dados apresentados são referentes à segunda análise do modelo após a sua exclusão.

Tabela 22
Regressão logística: impacto do ajustamento diádico global na representação da vinculação da criança

Passo		B	S.E.	χ^2 wald	95% IC Odds Ratio			Modelo
					Mínimo	Odds	Máximo	
	Modelo B							
1	Competência verbal/criança (df 1)	0.07	0.03	6.36**	1.02	1.07	1.13	G^2 (1) = 8.82**
2	Competência verbal/criança (df 1)	0.07	0.03	7.11**	1.02	1.08	1.14	G^2 (3) = 11.10*
	Ajustamento global/pai (df 1)	-0.18	0.77	0.05	0.18	0.84	3.80	
	Ajustamento global/mãe (df 1)	1.18	0.82	2.05	0.65	3.25	16.32	

$^{***}p$ <.001; $^{**}p$ <.01; $^{*}p$ <.05

ıente significativo no primeiro passo, $G^2(1) = 8.82$, $p =$
ıo segundo passo, $G^2(3) = 11.10$, $p = .011$, ($R^2_{CS} = .237$;
ificação correta dos casos da amostra, em termos de
ntação da vinculação das crianças, há uma diminuição
ıeiro (70.7%) e o segundo passo (68.3%).

ıdo passo (ajustamento diádico/conjugal percecionado
ıjugal percecionado pela mãe), não apresentam impacto
epresentação da vinculação da criança, individualmente
$G^2(2) = 2.28$, $p = .320$. A significância dos dois passos
o da competência verbal da criança, variável cujo efeito
a única que apresenta um efeito estatisticamente

'I consenso, satisfação e coesão diádica/conjugal
e foram realizados os os modelos de regressão logística

atisfação e coesão diádica/conjugal na representação da vinculação da

B	S.E.	χ^2 wald	95% IC Odds Ratio			Modelo
			Mínimo	Odds	Máximo	
0.07	0.03	6.36**	1.02	1.07	1.13	$G^2(1) = 8.82$**
0.07	0.03	6.53**	1.02	1.07	1.13	$G^2(3) = 9.02$*
0.34	0.89	0.15	0.25	1.41	7.99	
-0.05	1.03	0.00	0.13	0.95	7.16	
0.07	0.03	6.36**	1.02	1.07	1.13	$G^2(1) = 8.82$**
0.07	0.03	6.73**	1.02	1.07	1.13	$G^2(3) = 9.02$*
-0.13	0.77	0.03	0.19	0.87	3.94	
0.31	0.67	0.22	0.37	1.37	5.12	
0.05	0.02	4.45*	1.00	1.05	1.10	$G^2(1) = 5.47$**
0.06	0.02	5.48**	1.01	1.06	1.11	$G^2(3) = 11.28$**
-0.04	0.37	0.01	0.46	0.96	1.99	
0.85	0.39	4.78*	1.09	2.34	4.99	